

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA - UMA ESTRATÉGIA DE
PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS**

MACKILL LIMA VASCONCELOS
Mestrando

MARIA FÁTIMA OLIVIER SUDBRACK
Orientadora

Brasília

2008

MACKILL LIMA VASCONCELOS

**AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA - UMA ESTRATÉGIA DE
PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS**

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em Psicologia
Clínica e Cultura

**Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de
Brasília**

Orientadora : Professora Dr^a Maria Fátima Olivier Sudbrack

Brasília

2008

MACKILL LIMA VASCONCELOS

**AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA - UMA ESTRATÉGIA DE
PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS**

Dissertação aprovada como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em Psicologia
pela seguinte comissão
organizadora:

Orientadora:

Profª Drª Maria Fátima Olivier Sudbrack - UnB

Membros da banca:

Prof. Dr. Walter Ude Marques – UFMG

Drª Claisy Maria Marinho Araújo – UnB

Profª Drª Liana Fortunato Costa – UnB Suplente

Profª MS. Maria Eveline Cascardo Ramos – UCB- Convidada especial

Brasília

2008

*À Minha mãe, Aparecida de Lima, que abriu mão de tudo, inclusive da própria
vida para cuidar de mim e de meus irmãos.*

*À minha esposa, Rosânia Bárbara Vasconcelos, que acreditou nos meus sonhos
sem perder a alegria de ter os seus próprios.*

*Aos meus filhos, Nathália e Kelvin, que me fizeram sentir um herói quando tudo
parecia fracasso.*

Agradecimentos

Só me foi possível chegar até aqui graças à ajuda de muitas pessoas. Tento agora ser justo, mas não o suficiente, com aqueles que certamente são co-responsáveis comigo por mais este estágio alcançado em minha vida pessoal e profissional.

Agradeço a Deus, que me deu forças, quando pensava em desistir. E foram muitas as vezes em que fui invadido por este sentimento. Somente a força divina poderia ter me sustentado na continuidade dos meus estudos, já que tive que lidar com pressões e demandas de naturezas diversas. As privações financeiras, as necessidades da família, os desafios na prática profissional, as incompreensões, enfim, agradeço a Deus, por ter sido o Pai presente em todas as horas de minha história, inclusive durante o mestrado.

Agradeço à minha família pelo amor, carinho, compreensão e suporte constante durante todo o processo de minha formação profissional.

À Minha esposa Rosânia. Ela foi pra mim uma fonte de incentivos práticos. Várias vezes tomou sobre si as demandas de casa para que pudesse estar em Brasília, alimentar minhas horas de estudo, visitar a escola pública onde realizei minha pesquisa e dar seqüência às exigências naturais de um curso de mestrado.

Aos meus filhos Nathália e Kelvin, duas jóias singulares que Deus nos deu. Eles renderam momentos preciosos do nosso tempo juntos, por acreditarem que papai fazia o que era certo. Sabiam que também estudava por eles.

À minha mãe. Um modelo de honestidade e de integridade. Obrigado mãe, pelas acolhidas. Pelas palavras de encorajamento, pelos joelhos, que incontáveis vezes se dobraram a meu favor, muitas vezes com lágrimas.

À minha orientadora Professora Maria Fátima Olivier Sudbrack, que juntamente com seu esposo Fred, seus filhos Lari, Leti, Luís e o solícito Matheus, me acolheram como amigo e irmão. Além de orientação recebi de vocês, carinho, afeto e a certeza de que é possível compartilhar sonhos e utopias, em favor da humanidade.

Aos mestres que marcaram minha trajetória durante o curso de mestrado. Liana Fortunato Costa, Gláucia Diniz, Tânia Rivera, Luiz Augusto Celes, Antônio Pedro Cruz e Pedro Demo.

Aos colegas de mestrado, com quem dividi momentos de alegria e de angústia. Carla Dalbosco, Fábio Tomasello, Olga, Márcia, Marice, Maria do Carmo, Naiá, Jaqueline Assis. Esta última, além da amizade e do incentivo, leu minha dissertação e ofereceu-me considerações valiosas. Agradeço a toda a equipe do PRODEQUI.

Aos meus alunos da disciplina de psicologia preventiva e higiene mental, todas as pessoas especiais, com quem muito aprendi.

À Conceição, atenciosa e solícita servidora no Departamento de Psicologia Clínica. Muitas vezes me ajudou a resolver problemas administrativos, sempre com muito carinho.

Aos professores, alunos, funcionários e mães de alunos da escola pesquisada, que voluntariamente participaram das reuniões e das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa.

Aos amigos da Luz das Nações – Igreja Cristã de Goiânia, que souberam rir comigo, mas em momentos distintos se solidarizaram com a minha dor. Na etapa final do mestrado, perdi minha principal fonte de renda. Não sabia o que fazer. Foi então que silenciosamente e sem nenhum pedido de ajuda formulado, a liderança da igreja, através do seu pastor, o meu amigo descendente italiano, Luiz Carlos Riccioppo, decidiu pagar minhas contas, incluindo meu aluguel, a escola de meus filhos, meu financiamento estudantil, contraído durante a graduação e o alimento para nossa sobrevivência. Desta forma agradeço aos membros desta paróquia pela prova prática, solidária e inequívoca de um cristianismo vivo a mim dispensado e que na reta final concedeu-me tranqüilidade e condições para finalizar a redação deste trabalho.

Na fase final da escrita desta dissertação, algumas pessoas colaboraram, para que os resultados aqui registrados fossem sistematizados. Raquel de Lima Vasconcelos França, minha irmã caçula, hoje publicitária que vi nascer, crescer, casar-se constituindo uma bela família. Obrigado minha irmã pelos encorajamentos e pelas contribuições dadas após a leitura de todo o manuscrito. Sônia Maria Barros Galvão. Amiga de muitos anos. Professora aposentada da Universidade federal de Goiás. Após a leitura desta dissertação, fez sugestões que permitiram a retirada de equívocos ortográficos e gramaticais, enriquecendo o texto para a uma leitura mais agradável. Doracina Nunes Crispin Valadão “Dorinha”, publicitária respeitada por seu trabalho junto às empresas do centro-oeste, praticamente minha irmã e Débora Ferreira Cruz, graduada em Letras pela Universidade federal de Goiás. Ambas realizaram comigo uma última revisão do texto antes de sua impressão final.

Obrigado ao meu sogro, Divino Eterno das Graças, desenhista publicitário, pelas incontáveis horas a meu lado, construindo os mapas e os registros coletados durante a pesquisa. Lucas Souza Dias, meu aluno da classe de adolescentes na igreja,

pela força no formato final do questionário. Conseguiu dar ao questionário um formato melhor.

A todos aqui não mencionados nominalmente, e que de alguma forma me ajudaram a levar adiante a materialização deste sonho, o meu sincero muito obrigado!

VASCONCELOS, Mackill Lima (2008). Avaliação das redes sociais da escola - uma estratégia de prevenção do uso de drogas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

Resumo

A escola precisa sentir-se protegida para poder proteger os alunos do risco do envolvimento com drogas. Por sua vez, esta proteção da escola depende de suas redes de apoio junto às famílias e à comunidade. A pesquisa realizada apresenta subsídios teórico-metodológicos para a prevenção do uso de drogas no contexto da escola, seguindo a Política Nacional sobre Drogas que destaca a construção de redes sociais como estratégia para a melhoria das condições de vida e promoção da saúde. Uma intervenção em rede tem a proposta de levar a comunidade a assumir a responsabilidade pelo gerenciamento dos seus recursos e pela solução dos seus problemas, adotando-se uma perspectiva de diagnóstico sistêmico relacional e contextualizado. A proposta metodológica deste estudo é de natureza qualitativa e participante com entrevistas semi-estruturadas, grupos reflexivos e observação participante realizadas em uma escola pública de Goiânia/GO. Participaram da pesquisa, representantes de todos os segmentos da comunidade escolar. Num primeiro nível de análise, apresenta-se uma proposta metodológica para o mapeamento das redes sociais da escola que consiste em um trabalho individual e coletivo, envolvendo alunos, professores, funcionários e famílias num processo crítico e reflexivo sobre a realidade das parcerias existentes no contexto escolar. Este estudo mostrou que a metodologia de mapeamento das redes sociais além de promover uma consciência sobre a constelação social da escola é também uma estratégia mobilizadora e integradora da rede interna da instituição. Num segundo nível são apresentados os resultados procedentes do mapeamento que informam o estado da rede social da escola. Foi adotada a hermenêutica de profundidade para analisar os resultados das informações verbais nos grupos reflexivos apresentados na forma de um capítulo que revela o retrato das contradições da escola pública brasileira, a partir da avaliação da rede social de uma escola goiana. Conclui-se, portanto, que a proposta construída de avaliação das redes sociais da escola, é uma estratégia que viabiliza a sua ampliação junto às famílias, às instituições de saúde, assistência e segurança e comunidade para uma efetiva prevenção do uso de drogas.

Palavras chave: Prevenção do uso de drogas, redes, escola,

VASCONCELOS, Mackill Lima (2008). **School's social networks evaluation – a strategy for the drug use prevention.** Master's Thesis. Universidade de Brasília.

Abstract

The school needs to feel protected in order to protect students of the risk of the involvement with drugs. In turn, this protection of the school depends on its networks of support among the families and the community. This study presents theoretical and methodological subsidies, for the prevention of drug use in the context of the school, following the Brazilian National Policy on Drugs that highlights the construction of social networks as a strategy for the improving of the living conditions and health promotion. A network intervention has the proposal to bring the community to assume the responsibility for the managing of its resources and for the solution of its own problems. For this purpose this study adopted a systemic perspective of relational and contextualized diagnosis. The proposed methodology of this study is qualitative in nature and participant, with semi-structured interviews, reflective groups and participant observation, made in a public school in Goiânia / GO. Representatives of all school community's segments took part in the study. In a first level of analysis, it is presented a methodological proposal for the mapping of social networks of the school, which consists in an individual and collective work, involving students, teachers, functionaries and families in a critical and reflexive process about the reality of the existing partnerships in the school context. This study showed that the methodology of mapping the social networks promotes a conscience of the social constellation of the school. It is also a strategy to mobilize and to integrate the institution's internal network. In a second level it is presented the mapping results that informs the school' social network condition. It were adopted the hermeneutics of depth, with the results of the verbal information's analysis presented in a chapter that reveals the portrait of the contradictions of the Brazilian public schools, from the evaluation of the social network of a school in Goiânia / GO. As a conclusion of the study follows therefore that the proposal built, of an evaluation of the social networks of the school, is a strategy which enables its amplification along with the families, institutions of health, security and assistance, and the community as well, for an effective drug use prevention.

Key-words: Drug use prevention, networks, school.

Lista de Figuras e Tabelas

| | |
|--|-----|
| TABELA 1 - Comparação entre os Levantamentos de 2001 e 2005- Brasil..... | 27 |
| TABELA 2 - Comparação entre os Levantamentos de 2001 e 2005- Centro-oeste..... | 27 |
| TABELA 3 -As nove drogas mais usadas - Brasil..... | 28 |
| TABELA 4 -Perguntas e respostas obtidas nos grupos reflexivos | 102 |
| FIGURA 1 - Mapa da rede social da escola (Ramos & Sudbrack)..... | 64 |
| FIGURA 2 - Novo mapa da rede social da escola..... | 74 |
| FIGURA 3 - Primeiro mapeamento da rede social da escola | 81 |
| FIGURA 4 - Segundo mapeamento da rede social da escola..... | 82 |
| FIGURA 5 - Mapeamento da rede social da escola – Grupo Reflexivo -1ª fase..... | 91 |
| FIGURA 6 - Mapeamento da rede social da escola – Grupo Reflexivo -2ª fase..... | 92 |
| FIGURA 7 - Proposta de instrumento..... | 133 |

Lista de abreviaturas e siglas

CAPS - Centro de Atendimento Psicossocial

CAPS-AD - Centro de Atendimento Psicossocial Álcool e Drogas

CEAD - Centro de Educação à Distância - UnB

EAD - Educação à distância

EUA -Estados Unidos da América

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

MEC- Ministério da Educação e Cultura

PNA - Política Nacional Sobre Drogas

PRODEQUI - Programa de Atenção às Dependências Químicas - UnB

PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO - NA COR-REDE-IRA DA VIDA..... | 14 |
| EXCLUÍDO PARA NCLUIR - MINHA PAIXÃO PELO SER HUMANO | 16 |
| A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES..... | 21 |
| DEFININDO REDES SOCIAIS | 24 |
| A MOBILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO | 26 |
| AVALIAÇÃO DA REDE SOCIAL DA ESCOLA COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO | 29 |
| ENTENDENDO O USO DE DROGAS COMO UM FENÔMENO COMPLEXO | 29 |
| I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -DERRUBANDO AS PA-REDES SOCIAIS | 31 |
| 1.1 - TENSÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA - OS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE | 31 |
| 1.2 - ENCARANDO A FORÇA DO CONTEXTO | 34 |
| 1.3 - O USO DE DROGAS - UM FENÔMENO MULTICAUSAL..... | 35 |
| 1.4 - UMA ABORDAGEM COMUNITÁRIA PARA O ENFRENTAMENTO DO USO DE DROGAS..... | 37 |
| 1.5 - A POLÍTICA NACIONAL SOBRE DROGAS | 38 |
| 1.6 - FATORES DE RISCO E FATORES DE PROTEÇÃO..... | 39 |
| 1.7 - A MOBILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO | 42 |
| 1.8 - OS ADOLESCENTES E O USO DE DROGAS | 45 |
| 1.9 - A COMPETÊNCIA DAS FAMÍLIAS | 46 |
| 1.10 -O PSICÓLOGO E A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS | 47 |
| II -METODOLOGIA - RED-ES-CREVENDO AS RELAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR . | 50 |
| 2.1 - PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA - FACES DIFERENCIADAS DE UM MESMO FENÔMENO ... | 50 |
| 2.2 - CONTEXTO DA PESQUISA..... | 57 |
| 2.3 - PARTICIPANTES..... | 57 |
| 2.4 - CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS | 58 |
| 2.5 - OBJETIVO GERAL | 63 |
| 2.5.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 63 |
| 2.6 - INSTRUMENTOS..... | 64 |
| 2.6.1 - O MAPEAMENTO DAS REDES SOCIAIS..... | 64 |
| III - RESULTADOS - NUM REDE-MOINHO DE IDÉIAS..... | 66 |
| 3.1 - A CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA PARA O MAPEAMENTO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA .. | 70 |
| 3.1.1 - A COMPREENSÃO DE REDES SOCIAIS E A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS | 70 |
| 3.1.2 - A METODOLOGIA DE MAPEAMENTO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA..... | 71 |
| 3.1.3 - O CONTEXTO DA INTERVENÇÃO: A DEMANDA COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA COM A COMUNIDADE ESCOLAR | 71 |
| 3.1.4 - CONHECENDO AS REDES SOCIAIS DA ESCOLA..... | 72 |
| 3.1.4.1 - POPULAÇÃO ALVO..... | 72 |

| | |
|---|------------|
| 3.1.4.2 - A CONSIGNA..... | 73 |
| 3.1.4.3 - O PROCESSO DE AVALIAÇÃO | 75 |
| 3.2 - UM RETRATO DAS CONTRADIÇÕES DA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA A PARTIR DA AVALIAÇÃO DA REDE SOCIAL DE UMA ESCOLA GOIANA | 78 |
| 3.2.1 - COMENTÁRIOS SOBRE O MAPEAMENTO NA ESCOLA | 83 |
| 3.2.2 - QUESTIONÁRIOS - AMPLIANDO A VISÃO DA REDE SOCIAL DA ESCOLA | 87 |
| 3.2.3 - COMPREENDENDO AS REDES SOCIAIS DA ESCOLA A PARTIR DOS GRUPOS REFLEXIVOS | 91 |
| 3.2.4 - RESULTADOS DE UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DOS GRUPOS REFLEXIVOS..... | 93 |
| IV -CONCLUSÃO - REDES-COBRINDO CAMINHOS NA AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA RUMO À PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS | 103 |
| 4.1 - UM OLHAR SOLIDÁRIO SOBRE A ESCOLA | 103 |
| 4.2 - OS DESAFIOS CONSTANTES NA AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS PARA O CONTEXTO ESCOLAR | 106 |
| 4.3 - APROFUNDANDO O DIÁLOGO DA ESCOLA COM A COMUNIDADE | 109 |
| 4.4 - MOBILIZANDO A REDE INTERNA DA ESCOLA PARA MOBILIZAR A REDE EXTERNA..... | 110 |
| 4.5 - AVALIANDO AS REDES SOCIAIS DA ESCOLA - UMA CONSTRUÇÃO REFLEXIVA..... | 110 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 115 |
| ANEXOS | 122 |

INTRODUÇÃO – NA COR-REDE-IRA DA VIDA

As cordas que ligam o respeito de uns para com os outros são em geral cordas de necessidade.

Blaise Pascal (Pensamento 304, p. 118, 2000)

A Prevenção do uso de drogas envolve todos os setores da sociedade e isso inclui a escola, considerada um ambiente privilegiado para reflexão e formação de Consciência (Albertani, H.M.B., Scivoletto, S.E & Zemel, M.L. 2006). Apesar disso, a prevenção, não pode ser considerada uma atribuição exclusiva da escola, nem da família, nem do estado ou mesmo da comunidade em geral. A sociedade não deve alimentar apenas uma postura de se proteger dos riscos e problemas que a desafiam, ela deve sim buscar condições para enfrentá-los (Saidón, 1995), encontrando soluções que atendam às suas necessidades.

O enfrentamento desta questão parece demandar uma integração de cada uma destas instituições que, em conexão, exercem papel de grande importância e influência na vida dos estudantes.

Uma das estratégias recentes para a promoção da prevenção do uso de drogas tem sido a mobilização das redes sociais. Construir redes sociais num projeto de envolvimento dos diversos setores da sociedade pode colaborar para um trabalho de prevenção mais efetivo. Essas redes constituem espaços informais de suporte e de apoio, sendo este apoio tanto profissional como pessoal (Sudbrack & Conceição, 2004).

A perspectiva adotada neste estudo alicerça-se em uma abordagem comunitária de enfoque sistêmico-constructivista e de educação para a saúde, que é inspirada no paradigma transdisciplinar da complexidade elaborado pelo filósofo francês Edgar Morin (1990, 2001, 2007) e de pesquisadores que me precederam no PRODEQUI, particularmente minha orientadora (Sudbrack, 1999, 2001, 2003, 2004, 2006) e outros ex-alunos de mestrado e doutorado como Neubern (2003, 2004) e Bravo (2003). A teoria sistêmica se caracteriza pelo reconhecimento de que todas as situações estão em conexão umas com as outras (Sudbrack, 2006). Isso significa encarar a dependência de drogas reconhecendo as diferentes dimensões do problema que interagem entre si através de diversas combinações (p.147). A prevenção do uso de drogas a partir desta perspectiva, pressupõe a passagem do modelo tradicional que é marcado por uma visão repressiva e de amedrontamento para uma visão sistêmica do fenômeno, voltada para o modelo da educação para a saúde (p.16).

Ao introduzir o pensamento complexo, Edgar Morin (1990) defendeu que este “é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelar, não fechado, não redutor e o reconhecimento do inacabamento, da incompletude de todo o conhecimento” (pp. 9-10).

Cabe a cada um de nós, inseridos nos diversos segmentos e setores da sociedade, pensar a prevenção do uso de drogas como uma alternativa razoável e necessária, evitando assim “abandonar a questão nas mãos dos organismos a cargo da repressão ou criar estruturas vazias de conteúdo” (Bravo, 2003, p. 271).

O desafio para a prevenção do uso indevido de drogas nas escolas passa pela necessidade de torná-las preparadas para o enfrentamento da questão, evitando o isolamento das demais instituições da comunidade (Sudbrack, 2004). Esta nova concepção nos leva a uma compreensão de saúde que amplia a visão adotada pelo modelo médico, focada apenas nos aspectos físicos, transpondo para um entendimento da pessoa humana como um ser integral, cuja saúde implica também aspectos psicológicos, relacionais e sociais. Importante considerar que avançar nas ações voltadas para promoção da saúde integral do adolescente como política de prevenção, está hoje em consonância com a Política Nacional Sobre Drogas (SENAD, 2005) e a Política do Ministério da Saúde Para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (2004). Estas iniciativas voltadas para a prevenção requerem necessariamente uma participação e envolvimento da população, sendo essa a grande geradora de demandas totalmente interessada e envolvida nos seus próprios problemas e podendo atuar para a solução dos mesmos (Andrade & Vaitsman, 2002).

Pensar na prevenção do uso de drogas requer uma visão de homem como sendo um ser mergulhado em uma trama de significados que ele próprio constrói no convívio e no diálogo com os outros (Grandesso, 2000).

A imagem de uma corredeira nos lembra um cenário muito comum em todo o território brasileiro. Nossa bacia hidrográfica é singular e incomparável. Em inúmeros trechos dos milhares de leitos que cortam o Brasil, as águas correm com rapidez. A imagem é bela e a força da natureza nos encanta. Mas para servir ao meu propósito neste estudo, aplicando a imagem ao modo de vida humano, a figura remete-nos aquela correria e frenesi que muitas vezes roubam grandes oportunidades incluindo o acesso às maiores riquezas da existência humana, armazenada nos infinitos reservatórios dos relacionamentos e das interações humanas. Nas corredeiras da vida urbana noto que inúmeros problemas são tratados de maneira apressada, isolada e individualista. As

soluções são encaradas como únicas, sendo muitas vezes generalizadas na aplicação. Desta forma não se pensa em alternativas. Não basta apenas reconhecer as soluções encontradas até aqui, mas como defendeu Pedro Demo (2000) “é necessário ir atrás das (outras) soluções, não só empilhar problemas” (p. 50). É na coletividade, no encontro com o outro, no trabalho solidário que as *outras* soluções e alternativas emergem, neutralizando o nosso egoísmo e arrogância.

Ramos e Sudbrack (2006) definem a materialização de um bom projeto social na inclusão do estudo da rede social dos sujeitos. Segundo as autoras, é este estudo que pode nos mostrar tanto a quantidade quanto a qualidade dos vínculos possíveis, possibilitando assim um prognóstico das mudanças e transformações necessárias para o fortalecimento do sentimento de pertença a uma comunidade.

A proposta de avaliar e mobilizar as redes sociais é, portanto, um convite. Uma parada para a reflexão, rebelando-se a continuar seguindo o curso natural das águas que, nas corredeiras da vida urbana nos empurram para o automatismo e para uma obediência cega e irrefletida. Operar em rede implica, portanto, em uma renúncia consciente de extremos; renunciando de um lado o comodismo do fazer sem pensar e de outro a confiança exacerbada, passiva e conformada do pensamento subordinado às reflexões e pensamentos dos outros (Alves, 2002, como citado em Rocha, 2003) para equilibrar uma busca contínua por soluções com o reconhecimento tranqüilo da complexidade das coisas e da vida (Demo, 2000, p. 51).

Excluído para incluir – minha paixão pelo ser humano

Quando deparamos com um estilo natural, espantamo-nos e nos alegramos, porque esperávamos encontrar um autor e encontramos um homem. Ao contrário, os que têm bom gosto e pensam, ao ver um livro, descobrir um homem, surpreendem-se com achar apenas um autor.

(Pascal, Pensamento 29, p. 47, 2000)

Pedro Demo (1998) defende que é muito difícil incluir os pobres quando não se sabe, ou não se quer saber, a maneira pela qual foram excluídos. Minha história é uma mistura de exclusão e de inclusão. De abandono e de acolhimento. De tristezas com muitas lágrimas incontidas e de gargalhadas para celebrar cada vitória alcançada.

Nasci em um lar que tinha tudo para dar certo. Sendo o segundo de uma prole de cinco filhos, aos sete anos vi meu pai deixar a nossa casa para nunca mais retornar. Ele havia feito a opção de constituir uma nova família, seguindo seu caminho sem olhar

para traz. A infância que parecia um doce sonho transformou-se em um pesadelo, com a pobreza e a privação batendo à porta. O céu azul anil escureceu, e naquelas noites chuvosas da separação de meus pais, inúmeras vezes eu chorei escondido, de saudades do passado, da angústia do presente e de medo do futuro.

A casa havia caído, mas eu ainda sonhava. Desejava estudar. Ir para os Estados Unidos. Ganhar dinheiro. Ajudar minha família. Os estudos e os filmes americanos eram tudo para mim. O primeiro seria minha alavanca para o futuro e o segundo, uma ferramenta para reinterpretar o passado, driblando a dura realidade do presente. Assim eu prossegui.

Decidi que deveria ajudar minha mãe. Passei a vender picolé, engraxar sapatos, vender doces. O trabalho digno ganhava contornos de humilhações reproduzidas por um sistema que valorizava a máxima do “cada um por si”. As agressões vinham de adultos e de pessoas que deveriam proteger. Lembro-me dos sentimentos perturbadores que invadiam minha mente ao ser chutado pelos cobradores dos ônibus nas frustradas tentativas de passar debaixo da catraca. Porém difícil era ter que descer da condução acompanhado dos olhares dos passageiros, alguns com sorriso sarcástico nos lábios. É impossível esquecer os momentos de dor ao ser agredido na rua por um grupo de meninos maiores que viraram meu carrinho, destruindo todos os sorvetes e me dando um prejuízo de três dias de trabalho. Era humilhante procurar meu pai a pedido de minha mãe e mendigar o dinheiro do aluguel de nossa casa. Sempre tinha a expectativa de voltar com algum dinheiro para o aluguel e a passagem de ônibus, o que raramente ocorria.

Perambulando pelas ruas de Goiânia, eu acreditava que haveria de superar os obstáculos. Aos nove anos tornei-me jornaleiro. O trabalho era um progresso para mim, mas representava um desafio, pois vender em áreas já pré-marcadas pelos vendedores mais antigos, era muitas vezes uma tarefa perigosa. Todo cuidado era pouco e sempre corria o risco de apanhar nas ruas. Aos onze anos consegui emprego em uma lanchonete. Transferei-me para a escola noturna e passei a trabalhar das seis e meia da manhã até às dezoito horas. O tempo era muito curto, mas suficiente o bastante para conseguir chegar em casa e estar na escola às sete horas e quinze minutos, onde permanecia até as vinte e três horas. Após dois anos de trabalho a oportunidade de um emprego melhor apareceu. Minha carteira profissional seria assinada pela primeira vez. A carga horária seria reduzida e meu salário me possibilitaria colaborar um pouco mais com as despesas de casa.

Logo no primeiro ano do ensino médio um grupo de amigos da igreja presbiteriana apresentou-me a um ex-usuário de drogas, que contou-nos um pouco de sua história, dependência e reabilitação. O depoimento gerou em mim uma comoção íntima e um desejo profundo de ajudar. Foi assim que logo decidi abandonar meu primeiro trabalho estável para a aventura de um trabalho voluntário em um centro de reabilitação para dependentes. Minha decisão idealista foi movida mais pelo impulso. Mais pela emoção do que pela razão, mas faz jus ao que Pedro Demo (2000-b) defendeu “é preciso aprender a viver perigosamente, porque este é o preço da autonomia. A inovação vem de quem sabe valorizar as incertezas, superar-se nos erros, saltar barreiras para recomeçar tudo de novo” (p.12).

Foi das minhas tristezas, caminhando à margem, vivenciando o abandono e tentando integrar as experiências de não acomodação e de superação que me despertei para as necessidades do outro, para entender o valor e a dor do ser humano. Aprendi que pelo menos em parte, a felicidade é alcançada quando somos solidários com os outros, repartindo com eles o que temos e somos. Aprendi que não é preciso ter muito para repartir, nem títulos para estender ou dar as mãos num reconhecimento consciente do potencial e do valor intrínseco do ser humano. Desta forma, tenho descoberto que, como defendeu Morin (2000), “viver implica em muito mais do que a mera aquisição de conhecimentos, mas envolve uma transformação constante do ser” (p.47), reconhecendo sempre que a autonomia é aliada da dependência. Minha experiência com a dor da exclusão ensinou-me a incluir o outro, colaborando para que o mesmo tenha oportunidades renovadas.

Por dez anos atuei como voluntário em uma comunidade terapêutica confessional em Goiânia, denominada Movimento Jovens Livres, uma instituição filantrópica fundada na capital goiana no final da década de sessenta por uma missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil. Ali tive a oportunidade de conviver com centenas de usuários que buscavam ajuda para uma reabilitação do uso de drogas. Naquela instituição recebi uma formação teológica e no ano de 1993 fui ordenado ao sacerdócio para assistir aos dependentes em reabilitação.

Repetidas vezes observei as mazelas em que se encontravam as famílias que lidavam de alguma forma com a drogadição. Entendi que ajudar os usuários e seus familiares era importante, mas que algo poderia ser realizado antes. A experiência com famílias mostrou-me que intervenções poderiam ser realizadas antes do uso, possibilitando especialmente com as crianças e adolescentes, a apresentação de modelos

saudáveis de vida e alternativas para os problemas à parte do uso abusivo de drogas lícitas ou ilícitas.

No ano de 1995, fui contemplado com uma desejada e sonhada bolsa de estudos teológicos no Reino Unido, junto ao The Institute For Contemporary Christianity. Ali tive a oportunidade de estudar com um dos escritores cristãos que mais admirava.

O Dr. Rev. John R. W. Stott, capelão emérito de Sua Majestade, havia escrito comentários sobre o sermão do monte e a cruz de Cristo, e proclamava um estilo de vida simples e de serviço ao próximo tornando-se então, uma das pessoas mais influentes em minha trajetória, figurando um lugar afetivo privilegiado e um exemplo por sua vida e dedicação.

Retornando ao Brasil, no ano de 1996, participei da fundação de uma ONG que foi chamada de Gente Livre – Centro de Prevenção ao Uso de Drogas cujo objetivo era promover a prevenção do uso de drogas entre estudantes. Por dez anos atuei como voluntário, palestrante e debatedor da temática que envolvia o uso abusivo de substâncias psicoativas em nossa sociedade. Em 1999, quando atendia a um curso de prevenção do uso de drogas, promovido pela Universidade de Brasília e pela Secretaria Nacional Antidrogas denominado Prevenção ao Uso Indevido de Drogas: diga SIM à vida, deparei-me com um texto escrito pela Professora Maria Fátima Olivier Sudbrack, que mais tarde tornaria-se minha orientadora de mestrado. O texto propunha como estratégia de prevenção a mobilização das redes sociais. A compreensão do conceito das redes sociais gerou esperança em mim, a qual guardei cuidadosamente no coração.

No ano seguinte decidi ingressar no curso de graduação em psicologia pela Universidade Paulista, no Campus Flamboyant em Goiânia, onde me graduei em 2004.

Meu ingresso no curso de mestrado pela Universidade de Brasília, ocorreu em fevereiro de 2005 como aluno especial. Os bons resultados durante a pós-graduação se deram em grande medida ao acolhimento que recebi da Professora Maria Fátima Olivier Sudbrack, psicóloga e estudiosa do pensamento complexo, das marginalidades e do fenômeno da drogadição. A professora Fátima juntamente com toda a sua família, recebeu-me inúmeras vezes na capital federal para orientar, discutir questões diversas e influenciar profundamente o meu pensamento.

Em fevereiro de 2005 fui convidado a atuar como tutor da segunda edição de um novo curso de formação para professores de escolas públicas denominado *a escola em rede*, viabilizado através de uma parceria da SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas

com o MEC- Ministério da Educação e o PRODEQUI – Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas da Universidade de Brasília.

Em 2006, uma terceira e nova edição de curso para capacitação de professores da rede pública foi disponibilizada aos educadores brasileiros. Esta nova edição foi denominada de Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas. Novamente tive a oportunidade de atuar na tutoria, no período de dezembro de 2006 a maio de 2007, acompanhando duzentos e quatro educadores de escolas públicas de Goiânia. Tanto na segunda versão quanto na terceira, os cursos foram desenvolvidos no formato de educação à distância - EaD.

Como resultado de minha trajetória, apresento nesta pesquisa, a construção de uma proposta de metodologia que viabilize o mapeamento das redes sociais das escolas a partir de entrevistas individuais e reuniões com grupos reflexivos. O campo de estudo foi uma escola pública em Goiânia da qual fui tutor no curso para os educadores e que apresentou demanda de continuidade de meu trabalho para implementação do projeto de prevenção.

Nos últimos três anos, atuei como Psicólogo em um programa internacional voltado para adolescência denominado *Lions Quest*, que propunha o desenvolvimento das competências para a adolescência, tendo como um de seus objetivos a prevenção primária do uso de drogas.

Neste percurso, convivendo com propostas diversas de prevenção do uso de drogas junto a escolas públicas, tenho ouvido relatos de professores que se sentem excluídos e desprestigiados em sua atuação profissional. Este sentimento parece reproduzir a exclusão, transmitindo um sentimento de não esperança ou mesmo de conformismo. A angústia vivida pelos alunos somada à angústia vivida pelos professores parece gerar o que Pedro Demo (1998) denominou de *Angústia Coletiva*. Além disso, tenho verificado que muitos educadores se sentem incapazes para motivar os adolescentes/estudantes a assumir um papel de sujeito transformador renunciando a postura passiva de cumplicidade e submissão ao *status quo* social, próprias dos dependentes, para resgatar assim, a sua condição e contribuição de analisar e questionar (Kalina, 1999). Todos estes elementos observados em minha experiência praticamente me empurraram para o estudo das redes sociais, buscando, quem sabe, encontrar nelas respostas viáveis para a prevenção do uso de drogas.

A escola como um espaço de transformações

Moraes (2004) defende que a complexidade se baseia no princípio articulador e integrador de diferentes saberes entre o educando e o educador. Em sua obra ela defende que esta articulação tem estado ao longo dos últimos séculos comprometida pelo pensamento disjuntivo que isola a realidade e o potencial das interações. Morin (2000) acredita que, com isso, os jovens têm perdido suas aptidões naturais para contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos (p.15).

A educação como a compreendemos é o resultado de todo um processo no desenvolvimento humano, que basicamente gira em torno das necessidades humanas. Este processo não está necessária e exclusivamente atrelado às instituições de ensino (Araújo, 2006), ocorrendo também no seio da família e em outros contextos informais. Morin (2000) entende que a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa humana, no sentido de ensinar os educandos a assumirem a própria condição humana e também de ensiná-los a viver. Para o autor, a educação envolve a formação de cidadãos, solidários e responsáveis (pp. 65, 74).

Ardoino (2003) defende que a formação do ser humano é e será sempre um processo inacabado ao longo de sua existência, com implicações políticas, científicas, tecnológicas e psicológicas. Para Ardoino “o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber tornar-se, estarão sempre associados a ela” (p. 108).

De acordo com Araújo (2006), a educação opera tanto na difusão da cultura quanto no estímulo das faculdades críticas para uma reflexão singular das realidades e das possibilidades. É neste sentido que ela poderá influenciar decisivamente a subjetividade humana em suas crenças e em seus valores adotados. A educação tem sido encarada como um fenômeno complexo, pois é o resultado de múltiplas influências sofridas pelo indivíduo em formação.

Devem-se levar em conta as influências da família, da religião professada ou vigente e os aspectos culturais determinantes. Tendo estas questões em mente não podemos acreditar, nem esperar, que educar seja a tarefa apenas do professor ou da escola, pois a educação é um movimento socialmente compartilhado.

Moraes (2004) destaca que educação, cultura e sociedade são inequivocamente sistemas complexos que demandam um envolvimento e aproveitamento integrado de todas as áreas do saber na identificação das influências e na busca por soluções. Para a autora, a realidade educacional é sistêmica e complexa, demandando portanto,

intervenções da mesma natureza. É fundamental reconhecer a singularidade de cada aprendiz compreendendo que a qualidade das interações influenciará decisivamente o processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, o aprendizado ocorre nas relações que são estabelecidas entre o sujeito e o seu meio. “Aprendizagem, portanto, surge a partir do acoplamento estrutural entre sujeito e meio no decorrer do desenvolvimento contínuo de um organismo em seu meio ambiente” (Moraes, 2004, p.248).

Há uma grande necessidade de que propostas e estratégias de prevenção do uso de drogas nas escolas tenham um caráter contínuo e permanente, sempre levando em conta a singularidade de cada contexto. Pesquisas relatam que as políticas públicas voltadas para a prevenção do uso de drogas no Brasil têm sido marcadas pela descontinuidade e pelo casuísmo (Carlini-Cotrim, 1992 como citado em Soares & Jacobi, 2000).

Araújo (2006) defende que não é pertinente defender a idéia de uma escola modelo para um estado ou para todo o país. Para a autora, a escola modelo não existe, pois cada escola tem as suas próprias características que estão estreitamente relacionadas com o contexto social, econômico e cultural no qual está inserida.

Se de um lado, cabe aos educadores e membros das comunidades escolares identificarem os recursos que possuem disponíveis otimizando o potencial dos seus integrantes, por outro lado, também é legítimo reconhecer as carências e buscar recursos no meio externo para supri-las.

O principal produto oferecido na escola é o conhecimento, especialmente o conhecimento científico. Porém, esse conhecimento nem sempre é repassado de forma compreensível e associado à prática cotidiana dos alunos em fase de formação, gerando apatia e indiferença, ao mesmo tempo em que alimenta a idéia de um pequeno grupo detentor do conhecimento em contraposição a uma maioria ignorante. Araújo (2006) sugere que o conhecimento não seja apenas repassado, mas transformado, processado pelos educandos e utilizado na resolução de problemas práticos do dia-a-dia, transcendendo à dimensão do ensino aprendizagem para uma abrangência de elaborações contínuas das dimensões políticas, econômicas e culturais. A escola deve se configurar num espaço onde há uma articulação entre a teoria e a prática. Esta articulação deve ser um processo contínuo e presente, inclusive, na formação de novos professores (Perrenoud, 2002), de forma que este legado teórico-prático seja retransmitido aos educandos. A perspectiva da complexidade nos ensina que o conhecer e o aprender se dão a partir das relações. A interação entre o sujeito e o objeto, entre os

alunos e seus pares, professores e familiares é, portanto, uma condição fundamental para a construção do conhecimento. “É o indivíduo que, para conhecer, realiza algo, reconstrói a sua realidade, muda interiormente, a partir da relação consigo mesmo, com os outros, com a cultura e o contexto. Esta compreensão revela a dimensão social deste paradigma” (Moraes, 2004, p.250).

Pedro Demo (1997) nos alerta que o sistema democrático atual longe de dar oportunidades a todos tende a acobertar privilégios. Como consequência, a linha divisória entre educar de fato e imbecilizar através da reprodução de idéias que favorecem as classes dominantes, é mínima.

Portanto, aprender deve ser encarado de outra maneira. Tanto para a prevenção do uso de drogas quanto em qualquer outra área do contexto escolar, o aprendizado deve ser marcado não apenas pela tentativa de resolver ou eliminar os problemas, mas pela atitude de ousar administrá-los com inteligência (Demo, 2000-b).

Olhando deste ponto de vista, o verdadeiro aprendizado envolveria um conjunto complexo de assertivas em que se faz necessário reconhecer que toda a realidade é problemática em si, que nem todos os problemas tem solução, que cada solução nova, cria novos problemas e que a realidade sem problemas não seria real (Demo, 2000-b). Esta compreensão do conhecimento nos leva a refletir sobre a prevenção do uso de drogas nas escolas como algo a ser considerado, refletido e elaborado pela própria comunidade escolar. Para Pedro Demo (2000-b) “Há, assim, problemas que não passam, porque mais propriamente passamos por eles” (p. 49).

Para Araújo (2006) a escola tem a função social tanto de manter quanto de transformar a cultura. A instituição escolar estimula os seus membros tanto a *pensar* quanto a *repensar* a cultura e o *modus operandis* do sistema em todo o seu espectro socioeconômico e cultural, evitando generalizações ou manuais genéricos com receitas infalíveis para a prevenção ao uso de drogas.

As estratégias preventivas devem ser desenhadas no sentido de que se atue a partir das interações sociais e formas de socialização que acontecem a partir do entorno social mais próximo e que são reconhecidas e valorizadas pelos adolescentes. É preciso, portanto, conhecer essas realidades específicas (Soares & Jacobi, 2000).

O desafio da escola envolve a formação e a inclusão de pessoas marginalizadas pelo sistema. O fenômeno da drogadição, por sua vez, está associado às carências e ao

estado de miséria do sistema educacional adotado em nosso país (Ardoino, 2003). Diante desta realidade, cabe à escola “*assumir seu papel de instância formadora e de preciosa influência sobre a pessoa do adolescente em desenvolvimento*” (Sudbrack, 2004, p.21). Morin (2000) argumenta que mudanças na educação demandam uma mudança nas mentes e nas instituições para, então, fomentar a autonomia das pessoas. Toda a didática deve, na opinião de Morin (2000), constituir-se numa empreitada para incentivar o autodidatismo dos educandos.

Definindo redes sociais

Dentre as tantas definições para o conceito de rede, destacamos a idéia das redes sociais compreendida pela imagem de pontos conectados por fios, de modo a formar a imagem de uma teia (Andrade, 2002).

Pakman (1995) encara as redes sociais como uma metáfora de uma realidade social. Para ele, “*...a metáfora empresta alguns atributos de uma entidade à outra, de forma que as entidades seguem mantendo identidades diferentes*” (p.295). A rede social é, portanto, uma metáfora que nos permite falar e aprofundar nas relações sociais identificando atributos como: contensão, sustentação, possibilidade de manipulação, tecido, estrutura, densidade, extensão, controle, possibilidade de crescimento e ambição de conquista, tomados emprestados do seu modelo material (p. 296).

Para Pakman (1995), a noção de rede não é um objetivo em si mesmo, mas como metáfora, é parte de uma metodologia de ação que permite manter, ampliar ou criar alternativas desejáveis para os membros daquele grupo social (p.301). O autor entende que a rede social não se trata apenas de um feito social, mas envolve uma oportunidade para refletir o social a partir de nossas práticas cotidianas.

Duarte (2006) define redes sociais como um conjunto de relações interpessoais que vinculam indivíduos a outros indivíduos. As redes sociais pressupõem o estabelecimento da cooperação, para a promoção da parceria e da solidariedade. As redes são estabelecidas na família, na escola, no trabalho, enfim nos vários contextos onde os seres humanos estão inseridos. Para Denise Najmanovich (1995), o universo físico pode ser visto como uma imensa rede de relações, onde nada pode ser definido de maneira independente. O sujeito é concebido a partir da trama relacional de sua sociedade. Desta forma, as redes sociais constituem o ambiente por excelência para as interações humanas, sem eliminar as diferenças. As ações em rede partem do

pressuposto de que não há especialistas na rede, a não ser aqueles que fazem a rede funcionar (Saidón, 1995).

Entendo, seguindo Sluzki (1997), a rede social pessoal como caracterizada pela soma de todas as relações significativas para um indivíduo e os seus vários contextos. Sejam eles históricos, políticos, econômicos ou religiosos. Há de se considerar também aspectos relativos ao meio-ambiente, de disponibilidade de bons serviços públicos ou não bem como as características da região e do hemisfério que compõem o seu universo relacional. Esta concepção trata-se na verdade de uma compreensão mais abrangente do ser humano em sua integralidade, considerando sua totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural e cósmica indissociável. (Barbier, 2004).

De maneira prática o conceito *“enfoca a interação humana e trata da mobilização da rede natural de contatos para o desenvolvimento e mudanças tanto individuais como familiares e para a resolução de crises na família e na comunidade”* (Costa, 2001, p.46).

Segundo Minkler (1985, citado por Andrade, 2002) o envolvimento comunitário pode contribuir, como um fato psicossocial que alimenta a confiança pessoal para a satisfação com a vida e a capacidade de enfrentar problemas. Para Minkler (1985) a disponibilidade do apoio social aumenta a vontade de viver e a auto-estima do paciente, fato este que contribui decisivamente para o sucesso do tratamento.

Analisando os vínculos entre crianças, Carvalho, Bastos, Rabinovich e Sampaio (2006) defendem que é no contexto dos vínculos persistentes no tempo que as redes sociais são estabelecidas. Para as autoras, o vínculo irá persistir enquanto houver uma convivência freqüente.

A proposta inicial deste estudo foi a de construir uma metodologia que favorecesse o reconhecimento da condição das escolas em busca de parceiros, através de uma pesquisa-intervenção em uma escola da rede pública de ensino de Goiás. Este estudo coloca-se em continuidade a estudos anteriores nos quais a avaliação das redes sociais de adolescentes constitui objeto de pesquisa, explorado enquanto instrumento clínico de conhecimento e de aproximação ao adolescente na promoção da saúde e educação e na prevenção do uso de drogas (Sudbrack & Carreteiro, 2001).

Posteriormente, o mapeamento das redes sociais da escola (Ramos & Sudbrack, 2006) foi apontado como uma estratégia de prevenção do uso de drogas, proposta através do curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas (2006). O curso foi promovido pela Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD e

Ministério da Educação – MEC, em parceria com a UnB através do PRODEQUI – Programa de Atenção à Dependência Química e do CEAD- Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília. É a partir dos estudos acima referidos que esta pesquisa propõe-se a subsidiar a comunidade científica quanto a estratégias que poderão corroborar para o fortalecimento dos vínculos entre a escola e outras instituições, fortalecendo as parcerias entre a escola, as famílias e os diversos setores da comunidade. A avaliação e mobilização das redes sociais podem promover um aprofundamento do diálogo entre pais, professores e outros integrantes da comunidade para o enfrentamento de problemas, como o uso de drogas. As redes dão aos seus integrantes a consciência do que cada um isoladamente, não conseguiria resolver (Ramos & Sudbrack, 2006).

A idéia de redes, de enfoque sistêmico, permite a transversalização e a democratização dos vínculos tanto no aspecto clínico como no social, elaborando-se estratégias de mudança que não são decididas aprioristicamente (Bravo, 2002, p.274).

A promoção das redes sociais apresenta-se, portanto, como uma tentativa de resistir às respostas assistencialistas e paliativas que tentam responder apenas às urgências, pois estas medidas tendem a psicologizar e a reforçar os caminhos individualizantes. (Saidón, 1995).

Para Pakman (1995) todo projeto de intervenção em um sistema social requer a consideração séria de que o sistema, a rede a qual pretendemos mobilizar, tem sua própria história que antecede ao primeiro passo da intervenção, daí a necessidade de conhecer a pré-história deste sistema, o contexto histórico de onde ele emana.

A mobilização de redes sociais no contexto brasileiro

Pesquisas indicam que o Brasil é atualmente um corredor importante para o tráfico e distribuição de drogas para todo o mundo, especialmente para os Estados Unidos da América, sendo considerado o segundo maior consumidor de drogas do mundo (Baptista, 2006). A idéia de trabalhar a mobilização das redes sociais para a promoção da saúde e da educação, como estratégia de prevenção do uso de drogas, é na verdade uma tentativa de encontrar novas soluções para ações mais efetivas e que contemplem as reais demandas sociais. Uma intervenção em rede tem a proposta de levar a comunidade a assumir a responsabilidade pelo gerenciamento dos seus recursos

e pela solução dos seus problemas (Carvalho e Cols, 2004) e adotar uma perspectiva de diagnóstico sistêmico relacional e contextualizado (Sudbrack, 2003-a). Tal postura vai ao encontro da Política Nacional Sobre Drogas- PNA (2005) que propõe em suas orientações gerais para prevenção do uso indevido de drogas no artigo 1.1.1 :

A efetiva prevenção é fruto do comprometimento, da cooperação e da parceria entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira e dos órgãos governamentais, federal, estadual e municipal, fundamentada na filosofia da “Responsabilidade Compartilhada”, com a **construção de redes sociais que visem a melhoria das condições de vida e promoção da saúde.**

A reação do governo e da sociedade brasileira não é sem razão. As pesquisas, sem tom alarmista, apontam para um crescimento na demanda e uso de substâncias psicoativas. O II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2006), indicou que está ocorrendo um aumento na frequência de uso de drogas entre os jovens, conforme o quadro abaixo, comparativo entre o primeiro levantamento realizado em 2001 e o segundo realizado em 2005. Os estudos indicam um aumento de 3,4 % em apenas quatro anos.

Tabela 1 : Comparação entre os levantamentos de 2001 e 2005- Brasil.

| Uso na vida de qualquer droga- Brasil (exceto tabaco e álcool) |
|---|
| 19,4 % (I Levantamento – 2001) |
| 22,8% (II Levantamento – 2005) |

*Fonte: Brasil, 2006.

Na região centro-oeste, as últimas pesquisas (Carlini, Galduróz & Noto, 2007) mostraram um declínio de 1, 9% no uso na vida de qualquer droga, ao mesmo tempo em que registraram um aumento significativo no uso e consumo de álcool, tabaco, maconha, benzodiazepínicos, solventes, estimulantes (anfetaminas) cocaína, esteróides anabolizantes e alucinógenos.

Tabela 2: Comparação entre os levantamentos de 2001 e 2005- Centro-Oeste.

| Uso na vida de qualquer droga Centro-Oeste (exceto tabaco e álcool) |
|--|
| 18,9 % (I Levantamento – 2001) |
| 17,0% (II Levantamento – 2005) |

*Fonte: Carlini e Cols, 2007.

O destaque do último levantamento refere-se ao álcool, cujo consumo sofreu um aumento de 5,9% em apenas 4 anos. Dentre as nove drogas mais usadas, verificadas nos dois levantamentos nacionais, sete apresentaram um aumento no consumo. Segundo pesquisas (Murray & Lopez, 1996 Em Política do Ministério da Saúde, 2004) o álcool é o responsável por cerca de 1,5% de todas as mortes no mundo, bem como sobre 2,5% do total de anos vividos ajustados para incapacidade.

Tabela 3: Drogas mais usadas no Brasil.

| As Nove drogas mais Usadas – Brasil | | |
|--|--------------------------------|---------------------------------|
| Drogas | % de uso na vida | |
| | I Levantamento 2001 | II Levantamento 2005 |
| Álcool | 68,7 | 74,6 |
| Tabaco | 41,1 | 44,0 |
| Maconha | 6,9 | 8,8 |
| Solventes | 5,8 | 6,1 |
| Orexígenos | 4,3 | 4,1 |
| Benzodiazepínicos | 3,3 | 5,6 |
| Cocaína | 2,3 | 2,9 |
| Xaropes (codeína) | 2,0 | 1,9 |
| Estimulantes | 1,5 | 3,2 |

* Fonte: Brasil, 2006.

O V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (2005) mostrou que 12,7% dos estudantes entre 10 e 12 anos de idade, entrevistados nas capitais, já fizeram uso na vida de drogas. O total estimado de estudantes com uso na vida - quando uma pessoa fez uso de qualquer droga psicotrópica, pelo menos uma vez na vida - de drogas, na rede estadual de ensino em todo o Brasil, foi de 22,6%.

Para a região centro-oeste os dados são diferentes, 14,8% dos estudantes entre 10 e 12 anos já fizeram uso na vida de drogas e 23% dos estudantes entrevistados nas redes públicas de educação fizeram uso na vida. Este cenário mostra claramente um aumento do consumo, e ao mesmo tempo, um declínio na idade de iniciação do uso de drogas, também confirmada por outras pesquisas (Pratta, 2007).

O próprio Ministério da Saúde em sua política para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas (2004), vem reconhecendo que existe uma tendência mundial que aponta para o uso cada vez mais precoce de substâncias psicoativas, incluindo o álcool, sendo que tal uso também ocorre de forma cada vez mais pesada.

Em junho deste ano a ONU divulgou em seu relatório que o Brasil é o segundo maior mercado de cocaína das Américas, com cerca de 870 mil usuários, somente atrás dos EUA, que possuem cerca de 6 milhões de consumidores da droga. O consumo anual da droga passou de 0,4% da população adulta em 2001 para 0,7% em 2005. No relatório a organização menciona que o consumo da maconha e do haxixe no país aumentou duas vezes e meia, o que reflete a expansão da oferta de derivados de cannabis no vizinho Paraguai. Em 2001, 1% dos brasileiros consumia a droga. Em 2005, o número chegou a 2,6% (www.obid.senad.gov.br/OBID/Portal).

As políticas públicas do Ministério da Saúde (2004) propõem a promoção da atenção às necessidades básicas dos indivíduos nos serviços de saúde e educação para facilitar a inserção e integração comunitária de indivíduos. Com tais medidas o governo brasileiro intenciona promover uma maior qualidade de vida e a prevenção do uso de álcool e outras drogas.

Avaliação da rede social da escola como objeto de investigação

A metodologia de avaliação das redes sociais da escola, envolvendo toda a comunidade escolar surge como uma luz no horizonte. Trata-se de mais uma estratégia de prevenção num esforço que passa pelo individual, mas que se manifesta no coletivo. O presente estudo nasceu a partir de uma real e palpável necessidade de verificação da efetividade desta metodologia como um recurso na promoção da saúde e da educação da população para a prevenção do uso de drogas, junto às crianças e adolescentes que freqüentam aos cursos oferecidos pela rede pública. Os resultados poderão contribuir para a adoção de novas estratégias de mobilização para a prevenção do uso de drogas.

Entendendo o uso de drogas como um fenômeno complexo

Ao introduzir o pensamento complexo, Edgar Morin (1990) defendeu que este “é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelar, não fechado, não redutor e o reconhecimento do inacabamento, da incompletude de todo o conhecimento” (p.p. 9-10). Nossa abordagem visualiza o uso de drogas como um fenômeno complexo que exige soluções complexas (Sudbrack, 2006). Como indicado anteriormente, o fenômeno é determinado por muitos fatores, que “interagem entre si”(p.146). Esta compreensão nos leva a encarar cada caso de uma maneira diferenciada, sem ceder à tentação de generalizar a questão.

Se encararmos o fenômeno como a realidade de fato é, complexa, concluiremos que uma diversidade de olhares, procedentes dos vários saberes, é essencial para captar as diversas realidades, que se colocam diante de nós (Demo, 2001).

Por outro lado, o pensamento complexo não elimina a simplicidade, mas a inclui. Tão pouco também propõe apresentar um conhecimento completo, de respostas prontas, acabadas e definitivas (Morin, 1997).

Entendemos que o mapeamento das redes sociais é uma prática complexa que requer uma abordagem integrada e contextualizada do fenômeno (Sudbrack, 2006).

Nesta perspectiva, definimos como objetivo geral deste estudo construir conhecimentos sobre o mapeamento das redes sociais da escola, enquanto uma metodologia no processo de planejamento de intervenções voltadas para a prevenção do uso de drogas.

No escopo deste estudo, três objetivos específicos são apresentados. Primeiro, aperfeiçoar a metodologia de mapeamento das redes sociais da escola (Sluzki, 1997; Ramos & Sudbrack, 2006), para uma melhor compreensão e diagnóstico do universo relacional da instituição. Segundo, elaborar uma proposta de instrumento específica de avaliação da condição da escola estar e funcionar em rede. E finalmente, em terceiro, contribuir para o planejamento de projetos de prevenção do uso de drogas, reconhecendo, através das redes da escola, as demandas da comunidade escolar em sua relação com a comunidade mais ampla.

Constitui-se assim como objeto amplo desta pesquisa, promover reflexões no sentido de contribuir para o avanço da prevenção do uso de drogas na perspectiva sistêmica e da complexidade que exige a construção de soluções complexas para situações complexas. As diferentes dimensões do fenômeno da dependência de drogas nos ajudam a entender que não basta analisar o somatório de suas causas. É preciso ir além avaliando também como as causas interagem, umas com as outras, sendo influenciadas pelas características da pessoa e do contexto sócio histórico no qual está inserida (Sudbrack, 2006).

1. Fundamentação teórica - Derrubando as *pa-redes sociais*

Todos os membros de relação (de uma comunidade) devem ter legitimidade para se fazer ouvir e a capacidade argumentativa para participar da construção do consenso democrático, para que uns não se alienem no outro, considerado o dono do saber, lembrando que capacidade argumentativa não é mera aquisição de vocabulário e treino de retórica discursiva para convencer o outro. Ela é a capacidade de defender suas próprias necessidades respeitando a dos outros, isto é, habilidade de através da linguagem, lidar com a realidade do desejo próprio e do outro, construindo um nós. (Sawaia, 1996, p.p.48-49)

Um olhar rápido sobre a sociedade brasileira confirma a idéia de que estamos divididos. Já não conseguimos, em muitas esferas da vida pública e privada, operar em conjunto para estabelecer consensos necessários e atingir objetivos comuns. A nossa divisão não se baseia nas diferenças singulares, mas derivam das hierarquias de classes e na exclusão deliberada de pessoas e grupos considerados ameaçadores da ordem social estabelecida.

O envolvimento com drogas é muitas vezes o resultado direto de um processo perverso de exclusão social e econômica que tende a ser reproduzido pelos seus efeitos. A droga tornou-se para muitos uma estratégia de sobrevivência (Sudbrack, 2006).

A metodologia de avaliação e de mobilização das redes sociais implica na instauração de um processo de desconstrução de estruturas que separam os membros de uma comunidade para a formação de uma rede solidária no enfrentamento do sentimento de impotência, resultante de problemas de natureza social e econômica (Sudbrack, 2006). Neste sentido avaliar e mobilizar as redes sociais da escola é um trabalho de derrubar as *pa-redes* que separam, dividem e excluem membros de uma mesma comunidade, seja ela local, regional, nacional ou internacional. Romper com as estruturas que separam é também uma ruptura com o egoísmo e a indisposição de ouvir o que o outro tem a dizer sobre si, sobre o nós e sobre a realidade como a percebe.

1.1. Tensão entre a teoria e a prática – Os desafios da pós-modernidade

A verdadeira eloquência zomba da eloquência, a verdadeira moral zomba da moral, quer dizer que a moral do juízo zomba da moral do espírito, que não tem regras.
(Pascal, Pensamento 4, p. 43, 2000)

Este trabalho parte de uma perspectiva sócio-construcionista, que propõe a manutenção da tensão entre a teoria e a prática, no sentido de que a prática continue desafiando a teoria e que a teoria continue desafiando a prática (Grandesso, 2000). A

perspectiva da pós-modernidade configura-se em uma ruptura com a tradição filosófica ocidental que privilegiava os conceitos cartesianos como a certeza, a verdade, o dualismo e a hierarquia.

O período da pós-modernidade tem o seu início pontuado logo após a segunda guerra mundial (Gonçalves, Delgado & Garcia, 2003) e é fortemente caracterizado por tentativas sucessivas de desconstrução da pretensão moderna a uma razão absoluta e universal. Desta forma o sujeito contemporâneo tem sofrido com inúmeras perdas no campo das certezas e seguranças conquistadas na modernidade.

Grandesso (2000) afirma que o discurso da modernidade é do tipo unívoco e baseado em um valor de verdade e estabilidade. O sujeito cognoscente é apenas um espelho para realidade externa e um mundo supostamente independente. Ele é aquele que “...descobre as verdades universais, que podem ser expressas em leis gerais, atemporais e descontextualizadas” (p.50). A modernidade pregava o dualismo sujeito-objeto. Kant (1974, citado por Grandesso, 2000) destacou que a mente humana não era um receptor passivo dos eventos da natureza, mas atuava diretamente como criadora de significados, estruturando ativamente a experiência.

Grandesso destaca que a ruptura com a dualidade indivíduo-mundo e o abandono do pensamento moderno ganhou força com a idéia de que “a compreensão humana é uma construção negociada entre as redes conceituais das pessoas e suas transações no mundo” (p.51). Desta forma as verdades universais passaram a ser questionadas, deixando o conforto e a segurança dos parâmetros já conhecidos, para uma convivência com a incerteza, a impreditibilidade e o desconhecido.

Todavia o pós modernismo também pode ser definido como um posicionamento crítico, que se diferencia da tradição modernista (Anderson, 1997, citado por Grandesso). Algumas características podem ser listadas:

- a. Prática discursiva socialmente construída;
- b. Caráter local e contextual das narrativas pluralísticas;
- c. Ausência de critérios de legitimação da estabilidade das narrativas;
- d. Fluidez;
- e. Preocupação com a linguagem (Gergen, 1989a)
- f. Multiperspectivismo das diferentes abordagens e a
- g. Interdependência entre sujeito cognoscente e o objeto conhecido.

Citando Gergen (1989), Grandesso (2000) defende que todo conhecimento é resultado do intercâmbio social e, portanto, da interdependência e não da

individualidade de mentes individuais. A compreensão da linguagem somente é possível em um processo interativo, construído nos espaços compartilhados de pessoas em relação.

Segundo Pedro Demo (2000) “todo conhecimento é reconstrutivo, porque, é sempre atividade do sujeito, processo de interpretação participativa e referência culturalmente plantada, capaz de motivar a emancipação e sobretudo a subalternidade”.

A perspectiva e os desafios epistemológicos presentes na pós-modernidade não tem a pretensão de desfazer o rigor científico no tratamento da realidade, mas propõe um enfrentamento diferenciado da racionalidade humana e da complexidade do universo no qual estamos inseridos (Demo, 1997). Isso envolve uma postura crítica ao que Morin (1990) chamou de inteligência cega, que avalia os objetos em separado dos conjuntos e totalidades dos quais fazem parte. A busca por novas estratégias de prevenção passa necessariamente, pela compreensão do contexto social, histórico e econômico, do qual as crianças, adolescentes e jovens fazem parte.

Os avanços da pós-modernidade vêm recheados de desafios e de perguntas ainda não respondidas. Baptista (2003) observa o culto a valores transformados em bens culturais nas manifestações tirânicas da estética sobre as relações sociais. Para ele a família tornou-se coisa pública e a paternidade ganhou uma função social. Baptista (2003) acredita que a pós-modernidade também trouxe consigo a morte dos ideais e do futuro. Desta forma ele relembra que o sujeito da modernidade buscava as drogas para fugir da segurança em busca da liberdade, já na pós-modernidade muitos estão prontos a abrir mão desta liberdade por um pouco de segurança, e para isso fazem uso de drogas.

A sociedade pós-moderna é regida e organizada de acordo com a lógica do consumo. Para Baptista (2003) “são os objetos que intermedeiam as relações entre as pessoas” (p.121). É neste contexto pós-moderno que o uso de drogas avança, para denunciar quem sabe, as injustiças e desigualdades. Gonçalves e Cols (2002) defendem que a sociedade de consumo não é uma sociedade de abundância e de justiça social, mas expande e se desenvolve às custas da desigualdade.

a toxicomania é a representante extrema do discurso do consumo, já que nesta sociedade, em que o que prevalece é o consumo desenfreado de objetos, não há melhor consumidor do que aquele que depende absolutamente da mercadoria (Gonçalves & Cols, 2002, p.120).

O pensar em rede nos conduz por caminhos diversos. Ora pelos caminhos da teoria, ora pelos caminhos da prática (Costa, 2001). Nos caminhos do velho redescobrimos o novo e nos caminhos do novo encontramos o velho. O saber acadêmico se apresenta desejável e nos dá um senso de direção, mas é no saber local que aprendemos lições inesquecíveis. A teoria se alimenta da prática e a prática da teoria. A metodologia das redes sociais nos incentiva, portanto, a uma postura humilde que nos ensina a olhar o outro com respeito na luta por uma humanidade melhor.

1.2. Encarando a força do contexto

Edgar Morin (2001) defende que encarar qualquer fenômeno implica em uma necessária e indispensável contextualização e globalização do conhecimento. Para tanto ele preconiza uma obstinada recusa à simplificação lidando com os fenômenos como necessariamente detentores de uma natureza complexa. Morin defende que a idéia mais simples é marcada por uma complexidade bioantropológica de uma hipercomplexidade sociocultural. O autor surpreende ao se identificar como um pensador que não é o detentor das luzes. “O conhecimento, filosófico, científico ou poético emerge de uma vida cultural comum” (p.12), pois todo conhecimento é completamente dependente do contexto cultural, social e histórico de onde emerge.

Longe de ser um sujeito refém das determinações biológicas e culturais, Morin (2001) acredita que os indivíduos podem atuar sobre a margem, as aberturas e defasagens dos dois sistemas. O filósofo advoga que não podemos escapar da força do contexto histórico no qual nos encontramos, todavia, a seu ver, podemos extrapolá-lo, transcendê-lo. Para ele, a compreensão dos fenômenos sociais, só é possível através de uma sociologia complexa que está sempre à procura transhistórica e metassociológica da verdade. “É necessário submeter a razão, a ciência, a lógica à história e à sociologia, mas é preciso submeter dialogicamente a história e a sociologia ao exame racional” (p.114). Cabe a cada um de nós identificarmos quais as tradições, costumes, desejos ou rituais que estão operando no sentido de exercer sobre nossas vidas o controle (Figueiredo, 1995), gerando demandas que de alguma forma conspiram contra a saúde pública de nossa sociedade. Figueiredo (1995) chamou este movimento de um individualismo administrado. Para o autor o fluxo na vida do brasileiro se desenvolve entre a casa e a rua, os dois cenários principais do cotidiano brasileiro. Para DaMatta (1986, citado por Figueiredo, 1995) a casa e a rua são dois conjuntos de valores,

normas, procedimentos e formas de vida sociologicamente complementares na vida brasileira e portanto devem ser considerados.

1.3. O uso de drogas - um fenômeno multicausal

O fenômeno do uso de drogas deve ser identificado como multicausal, pois não há consenso entre os pesquisadores quanto a uma causa específica que corrobore diretamente para o uso indevido de drogas (Baptista, 2006). De uma forma ou de outra as causas para o uso de drogas têm sido sempre identificadas por um conjunto de fatores. As motivações que levam um indivíduo a fazer uso de substâncias psicoativas extrapolam o próprio sujeito e constituem um tópico interessante e contínuo de estudos e pesquisas em torno do tema.

Estamos, assim, em um momento da aventura das sociedades ocidentais em que o mal-estar dos indivíduos no interior do “bem-estar” suscitou as psicologias das profundezas e as psicanálises que revelam os abismos, buracos negros e complexidades dentro do menor átomo individual (Morin, 2001, p.119).

Ao refletirmos o fenômeno do uso de drogas iremos nos basear no conhecimento prévio, buscando integrá-lo aos contextos e saberes de onde emergem. É fato que o conhecimento é encarado por Morin (2001) como um sistema de idéias que pode ser fechado ou aberto. Um sistema aberto é aquele que se alimenta de confirmações e verificações do mundo exterior e o fechado é aquele que se protege e defende das influências externas. O primeiro é designado por Morin como teorias e o segundo como um corpo de doutrinas. Apesar de colocar as teorias em um patamar superior ao lugar ocupado pelas doutrinas, em sua obra *Ciência com Consciência*, Morin (2001) qualifica a teoria apenas como um ponto de partida, uma possibilidade para tratar um problema.

Desta forma a teoria torna-se insuficiente sem o método que num ato contínuo, tem a tarefa de repensar e recriar os modelos e paradigmas apresentados no corpo teórico, pois “toda teoria comporta... em seu núcleo uma zona cega” (p.159).

Historicamente, os registros do uso de substâncias, que de alguma forma alteram os estados de consciência remontam aos documentos mais antigos. O uso de substâncias psicoativas tem sido uma prática que em contextos diferentes, está muitas vezes associada à cultura local, a ritos religiosos e à busca por soluções que o ser humano não encontrou à parte deste uso indiscriminado. Richard Bucher (1992) acreditava que o uso

de drogas pode processar-se em diversas situações de crise social. Assim o uso de drogas pode caracterizar-se num comportamento de contestação ao sistema estabelecido. Partindo desta perspectiva, é possível pensar a gênese do uso das chamadas substâncias psicoativas no contexto brasileiro como um fenômeno associado à má distribuição de renda - que por si só é um perverso estimulante de alienação, ao desemprego, a uma educação e saúde de má qualidade que obriga as comunidades precarizadas a uma humilhação crônica, com pouquíssimas possibilidades de mobilidade social. Não deve ser absurdo conjecturar que a onda de corrupção e impunidade crescente em nosso país esteja contribuindo diretamente para que um número maior de adolescentes e jovens recorram às variadas substâncias disponíveis no mercado oficial e paralelo, como uma forma/manifestação de protesto ou mesmo de alívio. A injustiça social e a ausência persistente de redes de proteção social operam na perpetuação, de contextos que favorecem a violência e o uso de drogas.

Bucher (1992) destaca pelo menos quatro aspectos que podem levar os jovens ao uso indevido de drogas. Primeiro a coesão afetiva com o grupo - com quem passa a se identificar em sua rota de emancipação da família. Segundo, a disposição do adolescente para denunciar a hipocrisia. Terceiro, as contradições da família e da sociedade e quarto sua busca pela verdade e pelo prazer. Compreender o fenômeno da drogadição significa, portanto, estar aberto a enfronhar-se em toda esta problemática para ajudar os que são usuários e aprender assim a prevenir efetivamente o seu uso.

Trabalhar a prevenção do uso de drogas demanda uma real e verdadeira consideração da valorização da vida e da pessoa humana (Bucher,1992). O autor argumenta ainda que

Para que os tipos de intervenção preventiva possíveis na prática não fiquem reduzidos a abstração de planejamentos tecnocráticos ... cabe perguntar-se o que se quer prevenir, para quem e ao pedido de quem – uma vez que uma prevenção ampla, geral e irrestrita não é passível de realização (p. 140).

A conduta anti-social, incluindo o ato de drogar-se para cometer atos infracionais, pode ser encarada de acordo com Winnicott (1987 como citado em Marin, 2002) como um grito de esperança, pois o usuário pode estar assim reclamando o seu lugar no social.

De outra forma as violências praticadas e sofridas também são vistas por nossa sociedade contemporânea como um grande espetáculo que além de incomodar produz *gozo*.

Na abordagem de uma prevenção do uso de drogas é preciso considerar com seriedade as demandas psicossociais (Pereira, 2003) e valorizar os vínculos, dando a devida importância à escola, à família e as amizades. Além disso, também é importante considerar a grande influência exercida pela mídia no sentido de determinar ou incentivar a violência.

Foucault (2001) denuncia que em séculos passados sob o movimento forte da psiquiatrização, seres humanos considerados suspeitos ou anormais eram estigmatizados pela aparência. Características individuais da face ou do corpo serviam como um argumento favorável tanto para a patologização como para a condenação. De certa forma, vemos na pós-modernidade um fenômeno semelhante. Todos que não se adequam às exigências estéticas são facilmente enquadrados pelo sistema sendo expostos e estigmatizados. lamentavelmente é natural em nossa sociedade que os pobres, negros, usuários de drogas sejam vistos, a priori como suspeitos, sendo prontamente descartados ou mesmo abatidos pelo sistema. Para Foucault (1987) o poder de punir está muitas vezes associado ao poder de vigiar, assim a punição vem pela exposição, pela transferência injusta de culpa. O autor (Foucault, 2001) já denunciava a tendência de generalização dos atos, para a tentativa de inscrevê-los como um traço individual de uma infração. Diante de medidas como essas, as noções acolhidas por uma elite manobrista do poder acabam por determinar arbitrariamente, quem é e quem não é delinqüente.

Outra forma de lidar com o poder envolve, a meu ver, uma deliberada transferência de responsabilidades. Consciências culpadas de integrantes das elites brasileiras se sentem aliviadas quando inocentes são feitos culpados e os verdadeiros culpados passam despercebidos.

1.4. Uma abordagem comunitária para o enfrentamento do uso de drogas

Uma abordagem comunitária do uso de drogas sugere um necessário reconhecimento de todas as formas de relacionamento dos sujeitos e das instituições implicadas. Esta abordagem tem como fundamento uma compreensão do ser humano em sua totalidade (Nisbet, 1974, Em Sawaia, 1996) e valoriza a criação de espaços relacionais que vinculam indivíduos a outros indivíduos e a territórios físicos ou

simbólicos compartilhados (Sawaia, 1996, p.51). É dessa abordagem que emana o princípio de respeitar a identidade e a singularidade de cada pessoa, com as suas características próprias. (Guareschi, 1996). A visão comunitária propõe a renúncia tanto do tratamento generalizador - onde o indivíduo é apenas mais um - quanto do isolamento que o exclui dos processos de valorização social. A importância dessa abordagem é clara, pois delinea uma consideração dos vários aspectos envolvidos e que tem colaborado para o uso de drogas por crianças, jovens e adultos, ao mesmo tempo em que propõe alternativas para o problema a partir dos espaços comunitários.

Vivendo em comunidade, as pessoas têm possibilidade de superar esses extremos, mantendo sua singularidade, mas necessitando dos outros para sua plena realização. Na comunidade elas têm voz e vez, podem colocar em ação suas iniciativas, desenvolvem sua criatividade, mas seu ser não se esgota nelas mesmas, elas se completam na medida em que se tornam um ‘ ser para’ (Guareschi, 1996, p.96).

A abordagem comunitária parte da compreensão da cidadania dos atores sociais implicados, sejam eles, os profissionais, os habitantes ou os usuários (Sudbrack, 2004). A perspectiva comunitária orienta que todos no contexto escolar - os alunos, os professores, funcionários da escola, os comerciantes - que negociam com a escola, as famílias dos alunos, professores e funcionários e os diversos profissionais que compõe os órgãos de saúde, assistência e segurança são fundamentais no enfrentamento da drogadição e na busca por soluções.

A abordagem comunitária parte dos pressupostos de que a dimensão participativa gera mudanças simbólicas e práticas. O enraizamento no tecido social através do estabelecimento de parcerias é fundamental para o trabalho em rede e a des-especialização dos problemas para valorizar a utilização de recursos locais, imperceptíveis até a mobilização das redes.

1.5.A Política Nacional Sobre Drogas

Em sua análise da subjetividade brasileira Figueiredo (1995) critica o uso de idéias no Brasil, como sendo uma mera imitação servil de políticas, ideologias e ações que são realizadas no estrangeiro. Para não trilhar o mesmo caminho equivocado, o governo brasileiro acertadamente elaborou a Política Nacional Sobre Drogas (2005).

Um dos pressupostos desta política é priorizar a prevenção do uso de drogas, por ser a intervenção mais eficaz e de menor custo para a sociedade. Isso significa que

esforços devem ser envidados para que o debate que envolve o fenômeno do uso de drogas, incluindo o álcool e o tabaco, seja estimulado resultando em ações concretas e coerentes ao contexto brasileiro. Também constam dos seus objetivos a conscientização da sociedade brasileira sobre os prejuízos sociais e as implicações negativas representadas pelo uso de drogas e suas conseqüências. Após anos de debate público, a nova política nacional sobre drogas dá ênfase à educação e formação de pessoas para desenvolver ações efetivas de redução da demanda, da oferta e de danos.

Dentre as ações realizadas pela SENAD, quero destacar a realização de cursos de formação nos moldes de educação à distância, voltados para professores da rede pública de ensino e pessoas interessadas no assunto. O primeiro em 1999, o segundo em 2004, com desdobramento em 2005 e o terceiro capacitando vinte mil professores da rede pública foi implementado em dezembro de 2006 e se estendeu a maio de 2007.

Educação à distância é uma forma de realizar o processo educacional sem o encontro presencial do educador com o educando. Nessa modalidade, promove-se a comunicação via meios capazes de suprir a distância que os separa fisicamente. Assim não é verdade que a educação à distância seja uma educação distante, em que o aluno esteja isolado. Ele mantém-se em interação com tutores e professores, pelo trabalho de administração de fluxos de comunicação exercido por uma organização responsável pelo curso, e com suporte facilitador dessa interação (Brasil, 2004, p.12)

Os cursos a distância são de caráter inovador, pois trabalham uma formação diferenciada que vai além da reprodução de conhecimentos, permitindo uma antecipação das transformações tão necessárias para os educadores em formação (Perrenoud, 2002), fornecendo-lhes informações científicas e valorizando-os em sua prática profissional. O último curso propõe uma avaliação das redes sociais existentes e a mobilização das redes sociais dos alunos e da própria escola (SENAD, 2006).

1.6. Fatores de risco e fatores de proteção

O uso de drogas é o resultado de uma multiplicidade de fatores (Albertani & Cols, 2004, 2006). Os diversos fatores que influenciam uma pessoa podem favorecer a sua proteção ou expô-la a riscos. Os fatores são de natureza individual e social, sofrem influência dos aspectos biológicos, relacional e do contexto sócio-histórico-cultural onde a pessoa está inserida.

Os fatores de risco são aquelas circunstâncias sociais ou características pessoais que tornam a pessoa mais vulnerável a assumir comportamentos arriscados como o uso de drogas e os fatores de proteção, por sua vez, são aqueles que contrabalançam as vulnerabilidades tornando a pessoa com menos chances de assumir estes comportamentos.

Segundo Albertani e Colaboradores (2004, 2006), os fatores de risco e de proteção estão presentes no próprio indivíduo, no seu grupo familiar, nas amizades, no trabalho e na comunidade onde a pessoa está inserida. Para as autoras um mesmo fator pode constituir-se, ao mesmo tempo, em risco para uma pessoa e de proteção para outra. Tudo depende das características da pessoa e do contexto no qual está inserida.

A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas (2004) propõe ações voltadas para a prevenção do uso de drogas que devem ser pautadas por um processo de planejamento, implantação e implementação de múltiplas estratégias voltadas para a redução dos fatores de vulnerabilidade, riscos específicos e o fortalecimento dos fatores de proteção (p.25).

Embora a consciência dos fatores de risco e de proteção seja uma realidade, pesquisas revelam que há uma ênfase maior sobre os fatores de risco do que sobre os fatores de proteção (Sanchez & Cols, 2003). Estudos mostram que os principais fatores de proteção ao uso de drogas são a família, forte envolvimento com atividade escolar e/ou religiosa e a disponibilidade de informações convencionais sobre o uso de drogas (Hanson Em: Sanchez & Cols, 2003).

Segundo Outeiral (1994, citado por Pratta, 2007) o fenômeno do uso de drogas deve ser encarado como multideterminado e os principais fatores estão associados às características individuais e sociais. Os fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas estão relacionados a seis domínios da vida (o individual, o familiar, o escolar, o midiático, os amigos e a comunidade de convivência) relacionados entre si (Schenker & Minayo, 2005, citado por Pratta, 2007). Deve-se levar em consideração que o álcool e outras drogas vêm sendo utilizadas há milênios. Trata-se, muitas vezes, de um componente presente nas festas, comemorações e reuniões de amigos (Toscano Jr., 2001, como citado em Pratta, 2007).

A avaliação do desempenho escolar deve levar em conta as estruturas educacionais que são construídas em torno de grupos de indivíduos, sejam eles famílias, escolas, bairros ou grupos de amigos. Assim devemos considerar o desempenho escolar como o resultado de vários fatores, inclusive os conteúdos trazidos pelos alunos e a

contribuição da escola para a formação do aluno (Ferrão, 2003; Goldstein, 2001; Barbosa & Fernandes, 2001; Lüdke, 2001, citados por Andrade, 2007).

Estudos (Sanchez, 2003) mostram que a família pode figurar favorecendo os fatores de proteção ao uso de drogas. A atuação da família, especialmente sobre os adolescentes, pode contribuir para a estruturação do ser. Pesquisas (Pratta, 2007) indicam, entre os adolescentes não usuários, a prática de atividades em comum com as suas famílias. O bom relacionamento familiar é apontado como um fator de proteção.

A religiosidade também é apontada pelos pesquisadores (Sanchez, 2003; Pratta, 2007), como sendo um fator de prevenção tanto primária, impedindo o início do uso de drogas, quanto secundária e terciária, ajudando os usuários a abandonarem o consumo de substâncias psicoativas. A espiritualidade das pessoas também se apresenta nos estudos como um elemento que favorece o estabelecimento de perspectivas.

Os mesmos estudos mostraram que a família, a mídia, a escola e a religião configuram os principais responsáveis pela divulgação de informações, cientificamente fundamentadas, acerca das conseqüências negativas provenientes do uso indevido de drogas.

Oferecer aos adolescentes alternativas de lazer, práticas de atividades físicas, participação em atividades extra-curriculares e modos alternativos de ocupar o tempo livre, têm sido estudadas para promover a prevenção do uso de drogas, atuando como fatores de proteção. (Carlini-Cotrim, 1992; Cartana, Santos, Fenili & Spricigo, 2004, citados por Pratta, 2007).

A pesquisa de Pratta (2007) revelou uma possível correlação entre os adolescentes que assistem TV e aqueles que freqüentam a bares e o uso do álcool.

outro dado interessante diz respeito à atividade 'assistir TV'. Verificando-se os resultados nota-se que o grupo que afirmou assistir TV no tempo livre apresentou, 1,88 vezes mais chance de fazer uso de álcool na vida do que o grupo que não assiste... os dados mostram que o grupo de adolescentes que costuma freqüentar bares nos momentos de lazer apresentou 2,33 vezes mais chances que o grupo daqueles que não freqüentam (Pratta, 2007).

A influência da mídia, especialmente sobre os adolescentes é um fenômeno inegável. Estudos realizados por Pratta (2007) apontam que uma das atividades de lazer mais desempenhadas pelos adolescentes consiste em "assistir TV". O mesmo estudo apontou que a bebida mais consumida entre os mesmos é a cerveja. Considerar esta poderosa influência sobre os mais jovens é oportuno para a elaboração de novas

estratégias de prevenção do uso de drogas no sentido de promover uma maior conscientização de toda a sociedade quanto ao papel educador da mídia.

os grupos sociais passam a ser definidos como faixas de mercado. O sistema visa a tudo absorver e transformar em mercadoria, até mesmo as idéias anti-sistema. No mundo contemporâneo, assistimos a uma recriação infundável de novos signos, através dos meios de comunicação, acarretando uma perda de referência do real e, portanto, uma perda da singularidade do sujeito. (Baptista, 2002, p. 31)

1.7. A mobilização das redes sociais como estratégia de prevenção

Sluzki (1997) argumenta que muitas das crises que geram comportamentos caracterizados como transtornos psiquiátricos, têm como ponto de partida uma ruptura na rede social do indivíduo. Esta conclusão pode ser ampliada para o uso de drogas, pois pessoas e instituições cujas redes estão enfraquecidas podem se encontrar isoladas e muito mais expostas aos fatores de risco que corroboram para o uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

A proposta de mapeamento e de conseqüente mobilização das redes sociais é na verdade uma proposta de valorização e construção dos vínculos positivos e de confiança para contrapor aos processos de exclusão (Carvalho, Sudbrack & Silva, 2004) que podem culminar na dependência das substâncias psicoativas. Ela se coaduna com o pressuposto da complexidade que preconiza uma ampliação do foco tanto de observação quanto de atuação para uma melhor compreensão do fenômeno e elaboração de intervenções efetivas.

Sudbrack e Carreteiro (2001) identificam na mobilização das redes sociais um recurso útil para trabalhar a prevenção ao uso de drogas junto a adolescentes expostos a fatores de risco. Tal importância pode ser pelo fato de que no espaço relacional torna-se possível experimentar tanto o gozo, quanto a transformação. “Os jovens, e mais precisamente, os jovens sem espaços de continência, desconectados, em busca de referências, tentaram vivê-los através de experiências coletivas, em grupos ou em casal, sob formas de interações críticas” (Selosse, 1994).

Wessels (1997, citado por Andrade, 2002) destaca que a organização de grupos mobilizados na sociedade civil é favorecida pelo grau de instrução de uma população. A renda *per capita* e a estabilidade democrática de determinado país, também contribuem para uma articulação das redes sociais. A partir deste contexto, foi verificado um maior

número de associações e grupos de caráter voluntário. Andrade (2002) comenta ainda que

É possível supor que, no contexto brasileiro, a dificuldade de sobrevivência, a educação deficiente e a baixa renda per capita são fatores que desfavorecem a mobilização da população em torno de interesses comuns, contribuindo para uma baixa capacidade de organização e atividade da sociedade civil (p.927).

Citando Putnam (1996), Andrade (2002) destaca que os países em desenvolvimento podem ser caracterizados por *déficit de participação cívica e política*. Para Putnam (1996) “a pobreza e a desconfiança mútua minariam as possibilidades para a solidariedade horizontal, gerando um sentimento de pertencimento para além do próprio grupo mais próximo”.

A história brasileira foi marcada por uma crescente desconfiança nas instituições públicas e a dificuldade do cidadão participar de forma desinteressada na resolução dos problemas que dizem respeito a todos (Santos, 1993 citado por Andrade, 2002). Santos acredita que uma mudança social poderia ocorrer mediante ações que estimulem a confiança social e a consciência cívica, criando bases para a solidariedade social.

Pereira (2003) conceituou as redes sociais como “um processo de construção individual e coletiva constante”. Para tanto, destaca que a mobilização das redes envolve a mobilização das famílias, dos pares, da escola e daqueles que fazem parte do contexto do trabalho.

A proposta de mobilização das redes começa pelo reconhecimento das redes existentes (Sluzki, 1997) que podem ser mapeadas para uma identificação, por exemplo, das pessoas com as quais os estudantes e professores interagem. O mapa pode também ser aplicado para identificar os padrões de interação da escola em relação ao contexto social na qual está inserida. O autor sugere que a rede pode ser avaliada considerando as suas características estruturais, as funções dos vínculos e os atributos de cada vínculo.

As características estruturais da rede podem ser definidas pelo seu tamanho, que determina o número de pessoas integradas; pela sua densidade, a conexão entre os membros independentemente do informante; e pela sua composição ou distribuição, que caracteriza a proporção de distribuição em cada quadrante. Neste sentido verificando se são amplas ou mais localizadas, heterogêneas ou homogêneas. A dispersão para identificar a distância geográfica entre os membros, verificando inclusive a acessibilidade de contato para gerar comportamentos efetivos. A homogeneidade ou a heterogeneidade demográfica, sócio cultural, segundo o sexo, idade, cultura, nível

sócio-econômico e os atributos de vínculos específicos para identificar o grau de compromisso e a intensidade, durabilidade e história em comum da relação.

Já as funções da rede (Sluzki, 1997) podem ser descritas com a companhia social - para indicar a realização de atividades conjuntas; o apoio emocional que denota intercâmbios com uma atitude emocional positiva, compreensão, empatia e estímulo. Os integrantes da rede podem adotar uma função de guia cognitivo de conselhos para identificar as relações onde há um compartilhar de informações sociais e pessoais, oferecendo modelos de papéis, de regulação e controle social, para resgatar as responsabilidades e neutralizar os desvios de comportamento. Finalmente as redes podem ter a função de ajuda material e serviços, ou seja, a colaboração de trabalhadores sociais ou ajuda física, incluindo os serviços de saúde e acesso a novos contatos.

O autor argumenta que os atributos dos vínculos estão relacionados às suas funções predominantes, à multidimensionalidade ou versatilidade no desempenho das funções e à reciprocidade entre as partes. Deve-se levar em conta a intensidade, o grau de intimidade, o compromisso na relação, a frequência dos contatos e a história da relação, ou seja, como a relação foi estabelecida.

Trabalhar com intervenções voltadas para a prevenção do uso de drogas dentro de uma perspectiva comunitária e de mobilização de redes pressupõe que todos estão implicados de alguma forma na questão e propõem um resgate tanto da cidadania quanto das competências dos indivíduos, das famílias, das comunidades e das instituições (Sudbrack, 2004). O mapeamento das redes sociais pode permitir uma visualização de quais redes precisam ser ativadas (Sluzki, 1997). Estudos confirmam que uma rede pessoal mais estável, sensível, ativa e confiável funciona como um fator de proteção da saúde das pessoas, sendo possível, inclusive, estabelecer uma correlação entre a qualidade da rede social de uma pessoa e a qualidade de sua saúde. A presença ou não de uma rede social ativa pode afetar a saúde das pessoas. Em um nível primário de situações de estresse e de ameaças, verificou-se uma considerável atenuação dos sintomas, a partir da presença de pessoas familiares. Em um nível existencial as relações sociais contribuem para dar sentido à vida das pessoas. A rede também funciona como um monitor do estado de saúde dos seus integrantes e favorece atividades saudáveis que corroboram para uma sobrevivência. (Sluzki, 1997).

1.8. Os adolescentes e o uso de drogas

O foco de inúmeros trabalhos preventivos tem sido os adolescentes que, vivenciando uma fase de inúmeras mudanças significativas, encontram-se em uma condição de muita vulnerabilidade e influenciabilidade. Em sua experiência clínica, Eduardo Kalina (1999-b) descreveu seus pacientes adolescentes como verdadeiros *impacientes*. A impaciência talvez esteja ligada às inúmeras mudanças vividas em um período relativamente pequeno. A adolescência é caracterizada por mudanças bruscas e significativas que afetam o indivíduo. As mudanças biológicas, psíquicas e sociais, constituem componentes que interagem entre si, demandando uma abordagem psicossocial (p.13). Nesta fase o adolescente busca adaptar-se à sua nova condição. É neste processo que muitas vezes torna-se alvo de incompreensões. Por vezes não se compreende, nem é compreendido. A adolescência é uma fase que pode ser definida como uma passagem psicossocial do período da infância para o universo adulto (Baptista, 2006).

O adolescente vive na própria pele a experiência do contraditório. Não é mais uma criança, mas percebe que ainda não é um adulto. As transformações físicas e psicológicas aliadas às demandas do contexto social no qual o adolescente está inserido alimentam um processo que pode ser denominado de crise de identidade. É exatamente em meio a esta crise e processo que o adolescente consolida a sua personalidade (Sudbrack, 2004).

As referências positivas de autoridade são fundamentais. Mais importante, porém, para o adolescente é poder questioná-las para verificar a sua consistência e então poder adotá-las como seu. Assim, ao mesmo tempo em que o adolescente caminha para sua emancipação e autonomia, ele ainda depende do acompanhamento e assistência da família.

O envolvimento com drogas na adolescência torna o indivíduo muito mais vulnerável, tanto do ponto de vista físico, quanto psicológico e social. As conseqüências podem afetar o adolescente tanto em seu desenvolvimento quanto possivelmente em sua vida adulta (Pratta, 2007).

Para o adolescente o uso de drogas pode constituir-se em mais uma experiência ou testagem de seus próprios limites que ainda lhe são desconhecidos. Os resultados são imprevisíveis. De acordo com Albertani (2003)

Existe um momento de experimentação, que pode ou não dar origem ao uso sistemático (...)
Entretanto, muitos comportamentos dos jovens, vistos apenas como sinal de rebeldia ou até de

problemáticos, são manifestações de uma fase pela qual estão passando, dentro de um contexto histórico (p.91).

Segundo a mesma autora a experiência de consumo de drogas pode tanto levar o experimentador ao uso esporádico quanto ao uso freqüente. A dependência de qualquer substância psicoativa é caracterizada “pela dificuldade da pessoa parar ou diminuir o consumo pela simples decisão própria, sem o recurso de ajuda externa, seja de um especialista, de um medicamento ou de outras pessoas” (p.93). No estado de dependência a prioridade é a droga e é marcado por mudanças físicas, comportamentais e cognitivas.

Ao trabalhar a prevenção do uso de drogas é preciso pensar porque os jovens estão fazendo uso de substâncias psicoativas. A questão nos leva a uma consideração séria e responsável dos fatores de contexto. Cruz (2004) em sua análise psicobiológica do fenômeno considera que a

Análise do papel do contexto na utilização das drogas psicotrópicas é também de fundamental importância em qualquer programa de intervenção terapêutica ou de prevenção. Psicólogos, biólogos, médicos, farmacêuticos e assistentes sociais devem trabalhar de maneira interdisciplinar para o sucesso desses programas (p.60).

Segundo Sudbrack (2004) a adolescência no Brasil deve ser encarada a partir dos diversificados contextos culturais. A observação da autora ressalta que muitos adolescentes brasileiros nas classes mais pobres passam por um processo de adultização em função da necessidade precoce de ingresso no mercado de trabalho. Neste sentido, distingue as adolescências *bem* vividas das *mal* vividas, assim como as adolescências impedidas. Por outro lado os adolescentes das classes média e alta têm a sua adolescência prolongada sob a expectativa de uma formação profissional cada vez mais especializada. É possível, desta forma, compreender o nosso adolescente brasileiro a partir de um contexto tão diversificado e de várias expressões e manifestações. Sob a perspectiva da complexidade poderemos compreender o cenário em que vivem os adolescentes brasileiros como sendo marcado por muitas certezas e incertezas e é na consideração destes paradoxos que acredito, poderemos encontrar caminhos e alternativas saudáveis para a juventude brasileira.

1.9. A competência das famílias

Faz-se necessário uma abordagem das famílias levando em consideração a sua complexidade e os aspectos paradoxais presentes na sua história e estrutura (Sudbrack,

2004). As famílias na pós-modernidade vivem em meio a pressões inerentes de um contexto de incessantes e rápidas transformações. As mudanças rápidas e a necessidade de constantes atualizações têm produzido em inúmeras famílias o sentimento de impotência e de confusão. Hoje não são apenas os pais que estão ausentes, as mães também estão. Os motivos são variados, estudos, trabalho, omissão ou divórcio. Apesar disso, acredito que as famílias detêm um potencial enorme, muitas vezes inexplorado. Guy Ausloos (1995) afirma que as famílias não são disfuncionais. Para Ausloos, elas são competentes. Desta forma, a visão clínica não é mais corrigir erros, mas sim mergulhar no mistério das famílias indo ao encontro delas. O autor defende que as famílias são competentes - uma família não pode estabelecer mais problemas que ela mesma não possa resolver. Ausloos (1995) defende ainda que muitas vezes o enfoque recai apenas sobre os problemas e não sobre o que as famílias podem fazer. Para ele a informação pertinente para resolução dos problemas não é do terapeuta, mas é aquela que emana da própria família.

De acordo com a perspectiva de Ausloos, o enfrentamento de problemas como a questão da drogadição passa pelo processo de ajudar as famílias a descobrir coisas que elas não sabem que sabem alimentado o questionamento circular, fazendo com que as informações circulem. Nesse sentido pretende-se ativar o funcionamento familiar para então alcançar os resultados desejados.

A família e a escola podem trabalhar em parceria no sentido de uma favorecer o desenvolvimento das competências da outra.

1.10. O Psicólogo e a prevenção do uso de drogas

Ainda na década de 80 Bleger (1984) já defendia o desenvolvimento da psicologia e uma abrangência maior no que diz respeito à atuação do psicólogo. Para ele, o psicólogo não deveria trabalhar meramente as doenças, mas fundamentalmente a sua prevenção, adotando para isso um olhar mais amplo que transcendesse sua atenção da terapia de alcance individual para um mergulho nas demandas sociais, particularmente sobre a saúde pública. Ele propunha assim, um resgate da dimensão social da profissão do psicólogo evitando a adoção irrefletida do modelo médico, uma vez que o seu campo de atuação é diferente do adotado pelos médicos.

A promoção da saúde mental envolveria, dentre outras, uma intervenção antes do seu surgimento e a promoção de um melhor nível de saúde da população. Para Bleger (1984) a atuação dos profissionais da psicologia deve ser marcada por uma clara

percepção de sua humanidade, evitando polarizações entre a impotência e a onipotência. O trabalho de prevenção do uso de drogas parece demandar este tipo de sensibilidade, pois requer uma compreensão mais abrangente acerca do fenômeno. É comum encontrarmos os profissionais que trabalham na prevenção desanimados e com um sentimento de impotência diante das tentativas mal-sucedidas. Por outro lado, também é comum encontrarmos em setores do serviço público um espírito onipotente, manifesto especialmente pela ausência de diálogo com os representantes da comunidade, alimentando uma conduta elitista.

Bleger destaca como sendo campo privativo da psicologia a atuação sobre o nível psicológico dos fenômenos humanos, utilizando-se métodos e técnicas da psicologia e da psicologia social. O psicólogo atua com técnicas que correspondem mais ao campo da aprendizagem, daí a sua abrangência social. Dentro desta perspectiva, apresenta uma visão missionária do psicólogo, no sentido de que este deve ir aos seus pacientes antes que eles venham a ele.

Essa visão surpreendente do Dr. Bleger encontra muitas dificuldades, pois o trabalho preventivo é muitas vezes um trabalho invisível. Apesar dos esforços da Secretaria Nacional Antidrogas, a política brasileira encontra-se em um estágio primitivo onde políticos e governantes supervalorizam as intervenções curativas que lhes oferecem uma maior visibilidade, somando-lhes dividendos políticos com ações de impacto que podem ser mostradas à população durante as campanhas políticas.

Para Bleger (1984) o psicólogo com uma inserção comunitária trabalhará na construção de pontes, promovendo a integração. Ele deve atuar criando pautas de integração que ajudarão no desenvolvimento saudável das personalidades. Nesse sentido, propõe uma maior utilização de teorias não patológicas aliadas à psicologia das situações e da vida cotidiana. É pensando nisso que se faz necessária uma avaliação e consideração séria das constelações multifatoriais que envolvem a vida da comunidade, ou seja, de suas atividades, normas e padrões de interação. Esta postura nos leva a uma consideração das situações reais como elas de fato ocorrem. Trata-se de um verdadeiro enfronhamento na cultura local para então promover uma intervenção.

O desafio para o psicólogo, a partir dessa perspectiva consiste em auxiliar a comunidade a tomar consciência dos seus problemas, ajudá-la a esclarecê-los e a atingir os seus objetivos propostos. Isso não significa que o psicólogo resolverá os problemas, mas ajudará a comunidade a pensá-los.

Para uma intervenção na comunidade, Bleger (1984) sugere algumas considerações aos psicólogos comunitários, a saber: 1. Autorização das autoridades, líderes da comunidade local, 2. Lealdade e compromisso de manter a privacidade dos grupos, 3. Veracidade, não ser dissimulado, 4. Cabe aos psicólogos agir como assessores, não alimentando a dependência e, por fim, 5. Não psicologizar a comunidade, mas identificar as estruturas que predominam ali, sejam elas marcadas pela coesão, pela desintegração ou pela integração.

2. Metodologia - *Red-es-crevendo* as relações no contexto escolar

Os homens são tão necessariamente loucos que seria ser louco (outro tipo de loucura) não ser louco.

Blaise Pascal (Pensamento 414, p. 138, 2000)

O espírito crítico é o modo que temos de olhar fundo, de ser impiedoso na análise, de ver, sobretudo, o que não se quer ver, mas é método. Dele não provém a felicidade.

Pedro Demo (p.51, 2000-b)

Para o poeta anglo-saxão T.S. Eliot, toda escrita é na verdade um produto da história e do tempo do escritor. Quem escreve, escreve com a consciência do seu passado. Assim, para Eliot, o poeta - escritor deve ser antes de tudo alguém que escuta as vozes do seu tempo, da sua geração e as transmite. O escritor assume nesse sentido, uma postura impessoal, pois tem um olhar para além do seu umbigo. A leitura se constitui num exercício exigente, pois envolve um desprendimento de si mesmo, uma abertura para o outro e uma disposição para explorar não apenas o texto e o seu criador, mas também o seu contexto histórico, social e político (Sousa, 2001).

É possível através da metodologia das redes sociais, *rede-screver*, ou em outras palavras, escrever novamente as relações no contexto escolar levando em consideração que cada uma das pessoas e instituições que integram a rede trazem consigo experiências e histórias anteriores variadas (Ferreira & Cols, 2004) que nos permitem escrever novas formas de relacionamentos que valorizem a liberdade através do sentimento vivido de comunidade e de solidariedade. A solidariedade é o elemento constituinte da vida em comunidade (Morin, 2002 Em: Sudbrack, 2003).

2.1. Pesquisa Qualitativa e quantitativa - Faces diferenciadas de um mesmo fenômeno

Para Bordieu (2003) a pesquisa e os seus resultados são produtos da interação do pesquisador-pesquisado de forma a permitir o fluxo que circula sobre uma via de mão dupla. A própria pesquisa precisa ser compreendida e interpretada pelos pesquisados, e isso deve ser valorizado na medida em que se caminha rumo aos objetivos propostos. Bordieu sugere que nem o pesquisador nem os participantes da pesquisa devem adotar uma postura passiva. Estar familiarizado com os participantes pode de alguma forma, favorecer as interações entre pesquisador-pesquisado. São as trocas e a solidariedade nesta relação que poderão enriquecer o trabalho.

A pesquisa quantitativa tem como objetivo, como o próprio nome sugere quantificar, mensurar, relacionar os dados a uma forma numérica através de observações sistemáticas, respostas e perguntas fechadas, testes, escalas e outros (Moura,2005). Já a pesquisa qualitativa se preocupa em trabalhar com descrições narrativas, observações livres e assistemáticas, entrevistas inestruturadas ou semi-estruturadas, além de propiciar uma análise transversal dos dados coletados. Pedro Demo (2000) argumenta que devemos ter o cuidado para não tentar reduzir a realidade ao que pode ser mensurado. Ele reconhece, porém, o valor da pesquisa lógico-experimental, pois acredita que não há dicotomia, ou não deveria haver, entre quantidade e qualidade, pois ambas são faces diferenciadas do mesmo fenômeno (Demo, 2001).

Esta pesquisa participante propõe reconhecer e valorizar tanto os dados quantitativos quanto os qualitativos coletados durante a sua realização, mas daremos aqui um tratamento essencialmente qualitativo aos dados coletados.

A pesquisa participante deve ser encarada como um processo que envolve além do pesquisador a própria comunidade tendo em vista uma transformação social e o benefício dos envolvidos no processo. Os participantes são muitas vezes vítimas da opressão social, marginalizados e explorados. Trata-se de um movimento voltado para a ação, valorizando os saberes da própria comunidade local. A pesquisa participante também tem sido definida como um trabalho, que somente se constitui com o pleno envolvimento dos participantes, descartando a necessidade de um planejamento prévio que é estruturado na execução das ações, pois a metodologia preconiza que os participantes sejam ouvidos em todo o processo (Lakatos & Marconi, 1991).

Historicamente a chamada pesquisa participante nasceu da busca de uma maior aproximação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo a partir de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores americanos e europeus junto às populações do terceiro mundo. Tandon (1981) caracteriza a pesquisa participante como sendo um processo coletivo e educativo que leva ao conhecimento e à ação, iniciada na realidade concreta em que os participantes estão inseridos afim de que, as mudanças desejadas ocorram. O nível de envolvimento dos participantes nas etapas da pesquisa é variado, ao mesmo tempo em que, propõe uma diferenciação do modelo tradicional dando uma maior ênfase ao modelo qualitativo e hermenêutico.

A pesquisa participante propõe uma delimitação da região e da população onde será realizada a intervenção. Ao final da pesquisa a proposta é de socialização dos

resultados obtidos promovendo uma análise crítica dos problemas e refletindo com os participantes, soluções e medidas que possam efetivamente atender às necessidades locais.

A pesquisa participante está diretamente atrelada à relação entre pesquisadores e participantes, onde um interage com o outro, propiciando o encontro e o aprendizado do novo sem a necessidade da submissão do conhecimento de um ao do outro. Essa postura implica em uma renúncia do espírito colonizador que deprecia o conhecimento alheio para fazer prevalecer o seu próprio. Tal perspectiva reduz o saber popular a um subnível que não conta com a força dos saberes já estabelecidos, afastando o pesquisador da realidade e do contexto investigado, pois este fica impedido de ir além e amarrado pelo saber já adquirido.

A pesquisa participante surge, portanto, numa tentativa de valorizar o outro, abrindo espaços para que aqueles que estão à margem e sem voz possam se manifestar por si mesmos sem a necessidade de intérpretes externos. O seu diferencial é apresentado por alguns aspectos fundamentais, a saber:

1. É uma metodologia que requer do pesquisador autenticidade e compromisso com a causa popular;
2. Propõe uma disposição antidogmática, adotando-se uma postura crítica às idéias preestabelecidas;
3. Na pesquisa participante o conhecimento produzido no processo não fica restrito aos esquemas tradicionais, tendo o pesquisador a liberdade de romper com os modelos dominantes no meio acadêmico ou cultural no qual está inserido.
4. A restituição sistemática que considera a restituição enriquecida do conhecimento aos próprios pesquisados;
5. Por outro lado, a pesquisa participante incentiva uma articulação dos vários saberes, o local, o regional, o nacional e o global;
6. Os resultados obtidos devem ser comunicados aos participantes em uma linguagem acessível, promovendo e estimulando a auto-reflexão, auto-investigação e o autocontrole do próprio grupo;
7. Os resultados da pesquisa participante devem ser comunicados aos intelectuais, aos grupos de pesquisa engajados na mesma e comprometidos com os movimentos sociais interessados, afim de que possam contribuir com outras reflexões.

Para a análise das falas dos participantes nos grupos reflexivos, optamos pela análise de discurso a partir da hermenêutica de profundidade de Thompson (1995) que

valoriza o processo de interpretação e de reinterpretação dos conteúdos. Essa metodologia propõe uma análise da ideologia, da cultura e envolve uma análise do discurso dos sujeitos, esmiuçando as falas e captando não apenas os sentidos aparentes, mas aqueles implícitos e que de alguma forma estão comprometidos com o poder (Demo, 2001).

A hermenêutica de profundidade é uma proposta metodológica apoiada na tradição grega hermenêutica. Thompson (1995) propõe uma avaliação das condições da pesquisa sócio-histórica, reconhecendo que o objeto pesquisado é na verdade um campo pré-interpretado pelas pessoas que integram o cotidiano e a rotina do contexto investigado em específico.

A tarefa do pesquisador, portanto, constitui num esforço e em um empreendimento no sentido de compreender o que já foi compreendido pelas pessoas que já integram aquele contexto sócio-histórico. “Estamos procurando, em poucas palavras, reinterpretar um domínio pré-interpretado”(p.33).

Thompson propõe três patamares de análise. Primeiro, uma análise sócio-histórica onde são reconstruídas as condições e situações sócio-históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Segundo, uma análise formal ou discursiva que atua para revelar a estrutura da complexidade dos objetos e expressões próprios do campo social investigado. O objetivo é identificar as regularidades, os códigos utilizados, a estrutura da dinâmica e os aspectos implícitos presentes e subentendidos na linguagem. Cinco variantes são indicadas por Thompson (1995). a) Análise semiótica, nos estudos das relações entre os elementos que compõe a forma simbólica; b) análise da conversação, que propõe estudar as instâncias da interação lingüística nas situações concretas em que elas ocorrem indicando a organização das falas e suas características; c) análise sintática que avaliará os aspectos gramaticais das falas; d) análise narrativa que investiga a estrutura dos enredos nas histórias, a dinâmica, os personagens e os papéis desempenhados e a, e) análise argumentativa que trabalha com inferências, deduções e induções buscando dar maior credibilidade ao discurso oferecido (Thompson, 1995 citado por Demo, 2001). Neste estudo propomos uma análise argumentativa do conteúdo trazido pelos participantes nos grupos reflexivos. O terceiro patamar de análise proposto por Thompson é o da interpretação e reinterpretação. A interpretação torna-se uma espécie de negociação subjetiva dos dados observados nos dois primeiros patamares, que apesar de não poder ser submetida em

muitos sentidos ao re-teste, mas pode permitir o controle intersubjetivo estando aberta ao questionamento irrestrito.

A hermenêutica de profundidade enquanto metodologia figura um papel central em todo o processo de interpretação. A compreensão das formas simbólicas depende muito de uma compreensão do contexto sócio-histórico de onde emanam e que de uma maneira geral acabam por definir as características estruturais internas das ideologias. É, portanto, útil tanto para a análise da ideologia quanto da comunicação de massa, permitindo que o analista entre em contato com as muitas faces da cultura e da ideologia da comunicação de massa.

Thompson (1995) elabora sua tese a partir dos trabalhos de Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur.

Minha argumentação aqui não é que esta tentação é completamente equivocada, que se deve resistir a ela a qualquer custo, que a herança do positivismo deve ser erradicada de uma vez por todas. Essa pode ser a visão de alguns proponentes radicais daquilo que é algumas vezes chamado de enfoque interpretativo nas ciências sociais, mas não é o meu ponto de vista. Ao invés, minha argumentação... é de que (...) vários tipos de análise formal, estatística e objetiva sejam perfeitamente apropriados e até mesmo vitais de forma geral na análise social, e na análise das formas simbólicas em particular (p.358).

A partir da tradição hermenêutica, Thompson (1995) propõe uma posição conciliatória entre as construções teóricas da modernidade e da pós-modernidade defendendo que

os processos de compreensão e interpretação devem ser vistos, pois, não como uma dimensão metodológica que exclua radicalmente uma análise formal ou objetiva, mas antes como uma dimensão que é ao mesmo tempo complementar e indispensável a eles (p.358).

A análise das formas simbólicas é na verdade uma reinterpretação de um campo já previamente interpretado pelos sujeitos integrantes daquele contexto. A hermenêutica reforça a idéia de que os participantes da pesquisa são integrantes da história e que suas posições são profundamente influenciadas pelas tradições históricas a que estão filiados. Desta forma Thompson insiste que *experiência humana é sempre histórica*.

Na verdade, nossa própria compreensão de uma nova experiência como nova, é uma indicação do fato de que nós a estamos relacionando ao que veio antes e, devido a isso, nós a percebemos como nova (p.360).

A proposta metodológica de uma hermenêutica de profundidade a partir da obra de Paul Ricoeur, implica na conciliação e entendimento de que a explanação e a interpretação caminham de mãos juntas formando um arco hermenêutico. Tal metodologia propõe investigar as inter-relações presentes nas formas simbólicas, de forma a tornar claro tanto os significados quanto as relações de domínio e poder.

Novamente Thompson (1995) identifica que a hermenêutica da vida cotidiana (como os atores sociais percebem, em seus contextos, os fenômenos que se apresentam diante deles) é de fundamental importância para a sua proposta cujo desenvolvimento se dá em três fases, que são, a saber:

A. PRIMEIRA FASE – Análise sócio-histórica. As formas simbólicas não se originam em um vácuo, mas a partir de um contexto sócio-histórico que deve ser resgatado e compreendido. “O objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (p.366).

Para que a análise sócio-histórica seja realizada, Thompson propõe a identificação de quatro aspectos básicos dos contextos sociais:

- a.1. A descrição das situações espaço-temporais específicas produzidas e recebidas pelas pessoas nos contextos específicos a serem investigados;
- a.2. A identificação dos campos de interação constando das posições, interações dos sujeitos, bem como de suas trajetórias;
- a.3. O reconhecimento das instituições presentes no contexto estudado e a estrutura social dominante.

Analisar as instituições sociais é reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas (p.367).

Para o autor a análise das estruturas sociais passa pela identificação das assimetrias, diferenças e divisões.

A análise da estrutura social demanda, pois, um nível de reflexão mais teórico, pois exige que o analista proponha critérios, formule categorias e faça distinções que ajudem a organizar e iluminar a evidência das assimetrias e diferenças sistemáticas da vida social (p.367).

a.4.O reconhecimento dos meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão.

B. SEGUNDA FASE - Análise formal ou discursiva. Trata-se da análise das formas simbólicas que são baseadas em regras e recursos. “Formas simbólicas são (construções complexas) produtos contextualizados e algo mais, pois elas são produtos que, em virtude de suas características estruturais, têm capacidade e têm por objetivo, dizer alguma coisa sobre algo” (p.369).

Nesta fase o propósito é então, identificar as características, os padrões e as relações das formas simbólicas.

Para a análise formal ou discursiva Thompson sugere algumas estratégias, como:

b.1. Análise semiótica que propõe “o estudo das relações entre os elementos que compõe a forma simbólica ou o signo, e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo do qual o signo ou a forma simbólica fazem parte” (p.370).

A proposta desta análise vem no sentido tanto de identificar a construção das formas simbólicas, seus elementos constitutivos quanto as suas inter-relações.

b.2. Análise discursiva, que busca das características estruturais bem como das relações do discurso, identificando a linguagem e as expressões corriqueiras do dia-a-dia, extraíndo delas os seus significados.

b.3. Análise da conversação. Através desta estratégia o pesquisador busca identificar os dados complexos do discurso da ordem de sua aplicação rotineira.

b.4. Análise sintática, que valoriza a gramática utilizada no dia-a-dia para “realçar algumas das maneiras como o significado é construído dentro das formas quotidianas do discurso” (p.373).

b.5. É possível também realizar a análise da estrutura narrativa do discurso, identificando as histórias com seus enredos, os personagens e as seqüências de eventos. “Será sempre proveitoso focalizar um conjunto particular de narrativas (...) e procurar identificar os padrões, personagens e papéis básicos que são comuns a elas”. (p.374).

b.6. Finalmente, temos a análise argumentativa atendendo a seqüências variadas de raciocínio e tendo por objetivo “reconstruir e tornar explícitos os padrões de inferência que caracterizam o discurso (...) é particularmente útil para o estudo do discurso abertamente político” (p.374).

C. TERCEIRA FASE – Interpretação/Reinterpretação. A interpretação é um processo que pode ser mediado pelos métodos da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva, mas é nela que o pesquisador buscará elucidar algo mais que transcende de certa forma ao explorado nas fases anteriores. Partindo do enfoque da hermenêutica de profundidade, a interpretação constitui-se num processo de reinterpretação, visto que o objeto daquela faz parte de um campo já previamente interpretado. É na terceira fase completando o ciclo proposto pela hermenêutica de profundidade que Thompson (1995) acredita ser possível evitar incorrer tanto em reducionismos quanto nos internalismos, para dar aos fenômenos as particularidades que lhe são, de forma singular, peculiares.

2.2.Contexto da pesquisa

O estudo está inserido na linha de pesquisa processos interacionais no contexto do casal, da família, do grupo e da comunidade,

A linha de pesquisa está inserida no projeto drogas, juventude e complexidade, desenvolvida junto ao Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas (PRODEQUI) que é um laboratório do Departamento de Psicologia Clínica e do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Através deste estudo perguntamos se o mapeamento da rede social da escola poderia otimizar e gerar propostas alternativas de intervenção, de forma a favorecer a prevenção do uso de drogas. E também de que forma poderíamos mapear e conhecer as redes sociais da escola. O campo de investigação situou-se em uma escola piloto da rede estadual de ensino do estado de Goiás. O acesso ao campo se deu inicialmente através de alguns professores da escola estudada terem atendido ao curso de formação para professores para a prevenção ao uso de drogas, realizado em 2006 e 2007, ocasião em que atuei como tutor do grupo durante o curso. Além disso, os trabalhos foram realizados através de uma autorização expressa da diretora da unidade, com quem o pesquisador manteve contatos.

2.3. Participantes

Bordieu (2003) destaca que fazer pesquisa requer uma disposição para compreender o outro legitimando-o em sua existência, seu olhar, sua fala; permitindo a inversão de papéis, no sentido de colocar-se no lugar do outro.

A amostra estudada foi do tipo não-probabilística acidental, que é caracterizada por utilizar pessoas que se dispõem voluntariamente a colaborar com o estudo, respondendo aos instrumentos de coleta de dados propostos pelo pesquisador (Moura, 2005). Participaram ao todo, deste estudo, 36 membros da comunidade escolar. Sendo 25 alunos adolescentes, 03 mães, das quais duas mães ocupavam também funções administrativas na escola, 07 professoras e 01 diretora da unidade escolar.

Durante o estudo, 04 grupos distintos integraram o processo da pesquisa. O primeiro grupo com 05 participantes. O segundo com 11 participantes. O terceiro com 12 participantes e o quarto grupo com 08 participantes.

Os participantes aderiram à pesquisa voluntariamente após o momento de sensibilização. O critério adotado requeria que os diversos segmentos da comunidade fossem contemplados durante a pesquisa.

A escola que constituiu o campo desta investigação está situada em uma região bastante heterogênea de Goiânia, atendendo uma diversificada clientela no ensino regular, para o ensino fundamental e médio. Além de contemplar também, um programa de ensino para jovens e adultos no noturno e educação especial para crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais.

Durante o ano de 2007, a escola contava com 762 alunos distribuídos em 24 turmas nos três turnos, contando com 30 professores ao todo. Está cercada por conjuntos cuja população pertence à classe média, mas atende principalmente a uma população carente de classes menos favorecidas em bairros localizados nas imediações da escola.

O colégio estadual, localizado na capital goiana está autorizado a ministrar a Educação Básica nos níveis de ensino fundamental do quarto ao nono ano e ensino médio seriado e anual, além da educação de jovens e adultos, divididos entre os três turnos (Ferreira, 2007).

2.4. Construção e interpretação da informação no processo de coleta e análise de dados

A proposta metodológica inclui os pressupostos básicos de uma pesquisa qualitativa e participante (Demo, 1982) com entrevistas semi-estruturadas, grupos reflexivos e posterior análise das falas dos participantes nos grupos reflexivos. Optamos pela Hermenêutica de profundidade (Thompson, 1995).

Para a coleta dos dados foi adotada a estratégia de uma observação participante que, segundo Moura e Ferreira (2005), é marcada por entrevistas e por uma grande interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Bordieu (2003) acredita que ao entrevistar, abordar os participantes com os quais devemos trabalhar seria sábio esquecer de si mesmo num verdadeiro exercício espiritual. A coleta e análise de dados constituíram um processo dialético, apresentados aqui em sete fases distintas.

As primeiras quatro fases foram constituídas de um estudo piloto para a elaboração da metodologia. A partir da quinta fase, desenvolveu-se a aplicação da metodologia de avaliação das redes sociais da escola propriamente dito.

2.4.1. Fase 1 – Elaboração do instrumento 1 a partir do original de Ramos e Sudbrack (2006). Em um estudo piloto foi elaborado o instrumento 1 que acrescentou ao original diversas modificações, tanto no que se refere ao mapeamento quanto na exploração através do questionário, conforme será detalhado no item 3.5;

2.4.2. Fase 2 – Inserção no campo e sensibilização dos participantes da comunidade escolar. A inserção no campo de pesquisa foi facilitada pelo apoio da direção da escola com quem o pesquisador já havia trabalhado como tutor no curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escola pública (2006). A diretora e alguns professores da unidade escolar haviam participado do curso de ensino a distância. Nesta fase foi implementado um processo de sensibilização dos membros da comunidade escolar para a proposta de avaliação das redes sociais. Foram realizadas duas reuniões na escola com a participação de 17 membros da comunidade escolar. O pesquisador se apresentou aos representantes da comunidade escolar destacando os objetivos e a proposta da pesquisa.

Ainda nesta fase foi firmado um contrato verbal com os participantes. A contrapartida acordada, entre o pesquisador e os participantes foi no sentido de promover um apoio solidário aos professores da unidade e ao final identificar diretrizes para elaboração de um projeto de prevenção eficaz para o contexto da escola.

2.4.3. Fase 3 – Aplicação do instrumento 1. Estudo piloto com a primeira versão do instrumento no primeiro grupo de cinco participantes (01 funcionária, 01 mãe, que também é funcionária da escola e 03 alunos). As entrevistas foram individuais, tendo sido realizadas nas dependências da escola. Ora em uma sala de aula, não ocupada, ora

na sala dos professores, ora debaixo de um pé de abacate, ora no pátio interno da escola. As entrevistas atenderam ao seguinte formato básico:

- Apresentação da consigna pelo pesquisador;
- Preenchimento do mapa;
- Exploração dos registros feitos no mapa;
- Aplicação do questionário pelo pesquisador.

2.4.4. **Fase 4** – Avaliação e reformulação da forma e do conteúdo do instrumento 1. A busca pelo atingimento dos objetivos propostos pelo estudo da avaliação e discussão dos resultados da primeira aplicação levou-nos ao instrumento 2 com modificações no mapa, no questionário e no formato de aplicação do mesmo, que passou a ser auto-aplicado visando a otimização do tempo de aplicação. As modificações estão detalhadas no item 3.5 a seguir.

2.4.5. **Fase 5** – Aplicação do instrumento 2 no segundo grupo de 11 participantes (02 professoras, 06 alunos, 01 vice-diretora, 01 coordenadora e 01 diretora da unidade escolar). As entrevistas foram realizadas nas dependências da escola. Novamente ocorreram nos espaços disponíveis, salas de aula, sala dos professores ou mesmo debaixo do abacateiro. O procedimento das entrevistas nesta fase foi o mesmo adotado na terceira fase exceto pelo fato dos questionários serem, desta vez, preenchidos pelos participantes e a maior parte das entrevistas terem sido gravadas.

2.4.6. **Fase 6** – Apresentação e discussão coletiva dos resultados da aplicação do instrumento 2 sob o formato de um grupo reflexivo com um terceiro grupo de 12 participantes (06 alunos, 01 diretora da unidade, 01 vice-diretora da unidade, 03 mães, sendo duas funcionárias na unidade escolar e 01 professora). Destes, apenas 03 haviam participado das fases anteriores. Essa apresentação foi planejada de acordo com os objetivos da metodologia em construção, de devolução dos resultados construídos individualmente, buscando-se uma reflexão grupal que resultasse num mapeamento coletivo da rede social.

A reunião teve a seguinte seqüência:

- Apresentação pessoal dos presentes e também da proposta de pesquisas desenvolvidas pela Universidade de Brasília-UnB através do Programa

de Atenção à Dependência Química - PRODEQUI no sentido de buscar novas estratégias para a prevenção do uso de drogas.

- Dinâmica de aquecimento e apresentação dos objetivos da pesquisa.
- Apresentação dos resultados obtidos através de uma história elaborada sob a forma de um conto remontando figuradamente, pelo menos em parte, o que o pesquisador ouviu e aprendeu ao longo da pesquisa. (Vide anexo 01). As metáforas apresentadas no conto serviram para apontar ludicamente um pouco do que foi observado pelo pesquisador. É claro que, como afirmou Pakman (1995) “...toda metáfora é, em última instância, inadequada, porque aquilo que pretendemos iluminar com elas é, finalmente, idiossincrático e único. As coisas são, em última instância, o que são, e não algo diferente” (p. 295). Mas a metáfora tem a grande vantagem de nos fazer pensar naquilo que propõe. Após a narração do conto os participantes puderam expressar como compreenderam a história e como relacionaram a história ao contexto da escola.
- A seguir foram apresentadas algumas questões para reflexão e consideração do grupo. *Na opinião de vocês com quem a escola pode contar para um trabalho de prevenção do uso indevido de drogas? O que a escola tem feito, no sentido de buscar outras parcerias? Se não há colaboração, o que a escola tem feito para buscar outras parcerias?* Os participantes puderam expressar suas considerações quanto às questões apresentadas.
- Logo após foi apresentado ao grupo o mapa de avaliação da rede social da escola (Instrumento 2 – Parte A). Neste momento foi realizada uma explanação ao grupo acerca dos quadrantes. Foi dito aos participantes que no mapa, o grupo poderia relacionar quem realmente acreditavam estar relacionando com a escola. O grupo foi orientado quanto aos níveis de proximidade/intensidade da relação com a escola. Os participantes do grupo receberam figuras geométricas em papel colorido e foram instruídos que sobre as mesmas poderiam registrar o nome de pessoas e/ou instituições que acreditam estar relacionando com a escola, fixando os registros onde acreditavam que deveriam fixar no mapa. Foi dito aos participantes que não há, nesta atividade, respostas certas ou erradas. O

objetivo é apenas identificar as pessoas ou instituições que estão relacionados com a escola. Não foram dados exemplos de pessoas e/ou instituições aos participantes. Logo após o preenchimento foi realizada uma avaliação coletiva das respostas.

- A seguir foi apresentado ao grupo um outro mapa da rede social da escola conforme visualizado pelos entrevistados na fase 5. Os registros apresentados no mapa seguiram ao critério das respostas mais frequentes que apareceram nas entrevistas, pelo menos duas vezes. Tendo sido apresentado o segundo mapa ao grupo, abriu-se a discussão para uma possível avaliação e comparação dos registros verificados.

2.4.7. **Fase 7** – Apresentação e discussão coletiva da rede da escola e dos resultados da aplicação do instrumento 2, visando incluir mais uma atividade no sentido de mobilizar o grupo para um planejamento de otimização das redes sociais no contexto de um projeto de prevenção. A reunião, sob o formato de um grupo reflexivo com um quarto grupo de 08 participantes (07 alunos e 01 professora). Dos participantes nenhum havia sido entrevistado previamente. A segunda reunião teve a seguinte seqüência:

- Como na primeira reunião houve um momento para apresentação pessoal dos presentes e também da proposta de pesquisas desenvolvidas pela UnB através do PRODEQUI no sentido de buscar novas estratégias para a prevenção ao uso de drogas.
- Realização de dinâmica de aquecimento e a seguir foram apresentados os objetivos da pesquisa.
- Para contar os resultados obtidos o pesquisador realizou a leitura conjunta do conto que demonstra, pelo menos em parte, o que o pesquisador ouviu e aprendeu ao longo da pesquisa. (Vide anexo 01). A seguir foi perguntado ao grupo: *Qual final você daria para esta história? O que você acha que vai acontecer? Como você faria? Quais são, em sua opinião, os personagens importantes desta história?* Após a narração do conto e a exposição das questões os participantes puderam expressar como compreenderam a história e refletir as questões propostas.
- A seguir foi apresentado ao grupo de participantes o mapa da rede social da escola, conforme visualizado pelos 11 entrevistados na fase 5. Os registros

apresentados no mapa seguiram ao critério das respostas mais freqüentes, registradas, pelo menos duas vezes, nas entrevistas. Neste momento foi realizada uma explanação ao grupo acerca dos quadrantes. Ao grupo foi apresentado um retrato da escola através do mapeamento realizado, e a carência relacional encontrada em todos os quadrantes.

- Para suprir a essa carência relacional, o grupo poderia agora complementar o preenchimento do mapa. Desta vez seus integrantes deveriam buscar, registrar no mapa a rede social ideal. O grupo foi orientado quanto aos níveis de proximidade/intensidade da relação com a escola. Os participantes receberam figuras geométricas coloridas e foram instruídos que sobre as mesmas poderiam registrar o nome de pessoas e/ou instituições que acreditavam e deveriam configurar a rede ideal de relacionamentos com a escola, fixando desta forma os registros no mapa. Novamente foi dito aos participantes que não há, na atividade, respostas certas ou erradas. O objetivo seria apenas identificar as pessoas ou instituições envolvidas na trama relacional com a escola. Da mesma forma foram apresentados ao grupo exemplos de pessoas e/ou instituições aos participantes, idênticos aos apresentados para os 11 entrevistados na quinta fase.

2.5. Objetivo geral

Contribuir para o planejamento de projetos de prevenção do uso de drogas, reconhecendo através das redes da escola, as demandas da comunidade escolar em sua relação com a comunidade mais ampla.

2.5.1. Objetivos específicos

1. Aperfeiçoar a metodologia de mapeamento das redes sociais da escola (Sluzki,1997; Ramos & Sudbrack,2006) para uma melhor compreensão e diagnóstico do universo relacional da instituição.
2. Elaborar uma proposta de instrumento específica de avaliação da condição da escola estar e funcionar em rede.
3. Contribuir para o planejamento de projetos de prevenção do uso de drogas, reconhecendo através das redes da escola, as demandas da comunidade escolar em sua relação com a comunidade mais ampla.

2.6. Instrumentos

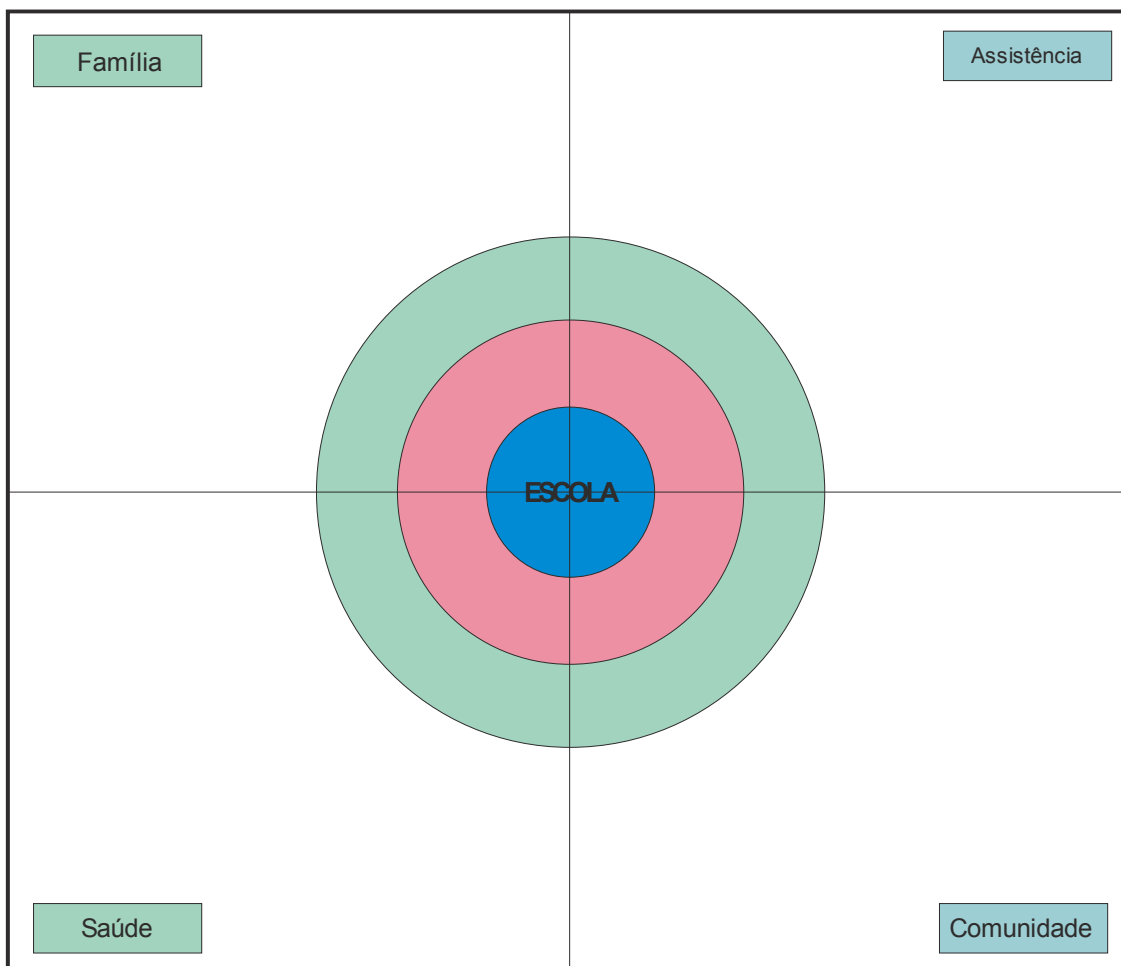
Houve um processo para a construção do instrumento durante a pesquisa, que está dividido em duas partes. A primeira parte consiste no mapa das redes sociais, originalmente desenvolvido por Sluzki (1997), adaptado para a avaliação das redes da escola por Ramos e Sudbrack (2006) e, no contexto desta pesquisa, aperfeiçoado para o mapeamento das redes sociais da escola. O mapa elaborado por Ramos e Sudbrack (2006) é dividido em quatro quadrantes, a saber, família, assistência, saúde e comunidade, conforme pode ser observado no quadro abaixo:

2.6.1. O mapeamento das redes sociais

Figura 1- Mapa da rede social da escola (Ramos & Sudbrack)

MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA

Por Ramos & Sudbrack (2006)



A Segunda parte consta de um questionário adaptado e elaborado pelo pesquisador a partir da proposta de Ramos e Sudbrack (2006). As questões do questionário foram utilizadas como roteiro para a entrevista. Inicialmente, a proposta

foi que os participantes do estudo preenchessem o mapa e durante a entrevista respondessem às questões do questionário para a avaliação e diagnóstico das redes sociais da escola.

O questionário foi adaptado pelo pesquisador a partir das questões para avaliação das redes (Ramos & Sudbrack, 2006) e a partir da proposta de Sluzki (1997). As perguntas no questionário são fechadas, mas os participantes são convidados durante a entrevista a complementarem se assim o desejarem.

Conforme propôs Sluzki (1997), no círculo interno são registradas as pessoas/instituições mais próximas da escola, ou seja, pessoas ou instituições com as quais a escola lida com maior frequência. No círculo intermediário as pessoas/instituições com menor grau de compromisso com a unidade escolar. Já no círculo mais externo as pessoas/instituições cujas relações com a unidade escolar são marcadas pela esporadicidade e por uma frequência menor.

Inicialmente este estudo propôs modificações, acrescentando no quadrante da assistência o elemento proteção ficando designado o quadrante como “assistência/segurança”. O estudo também propôs uma ampliação do mapa inicialmente proposto por Sluzki (1997), adaptado por Ramos e Sudbrack (2006) e, agora, ampliado e aprofundado pelo pesquisador, acrescentando um círculo/anel mais externo (pontilhado), permitindo que os participantes pudessem registrar as pessoas/instituições que ficaram de fora e/ou excluídas, à margem, das relações com a escola, mas que ao serem lembradas poderiam provocar uma reflexão para o resgate das relações junto aos participantes. A escola permaneceu representada no círculo central do mapa. No final do mapeamento foi possível visualizar como os participantes enxergaram a rede social da escola. O resultado das primeiras modificações gerou no estudo piloto, o que aqui ficou denominado de **instrumento 1**. Após o estudo piloto o instrumento sofreu novas modificações, sendo denominado aqui de **instrumento 2**. As modificações finais constaram de uma inserção na primeira parte do mapa, de exemplos, imediatamente ao lado e acima dos quadrantes. Assim possibilitando aos participantes uma visualização do universo de pessoas/instituições que poderiam ser aproveitadas ou não para o reconhecimento da rede da escola.

Além disso, foi possível realizar modificações na redação de algumas questões da segunda parte do instrumento (questionário), modificando a ordem das mesmas, mesclando as mais pertinentes dos quatro quadrantes dando-lhes uma ordem aleatória.

3. Resultados num *rede-moinho* de idéias

É perigoso fazer ver demais ao homem quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza sem a sua baixeza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito mais vantajoso representar-lhe ambas.

Blaise Pascal (Pensamento 418, p. 139, 2000)

Acredito que Blaise Pascal compreendeu em suas reflexões profundas que o ser humano deve ser apresentado sempre de maneira integral. O paradoxo humano não deve ser ignorado, as várias faces da realidade e da utopia humana devem ser apresentadas em conjunto.

Seguindo o pensamento do pensador e filósofo francês do século XVII Blaise Pascal, Morin (2007) defende que a ética está baseada no conhecimento e alimenta a renovação numa luta contra a ilusão e a cegueira, promovendo uma compreensão adequada da complexidade da vida, do mundo, da própria ética e reconhecendo as incertezas e contradições. “O pensamento complexo reconhece a autonomia da ética ao mesmo tempo em que a religa pelo estabelecimento do vínculo entre o saber e o dever” (p.61).

Edgar Morin faz uma distinção entre o pensar mal e o bem pensar. O primeiro é caracterizado por uma visão reducionista, fragmentada e disjuntiva do conhecimento que ignora os contextos, o conagraçamento simultâneo entre a diversidade e a unidade, a recursividade entre os três tempos (passado/presente/futuro) e a não compreensão do ser humano em sua integralidade.

Em contraste, o bem pensar é marcado pela religação, pela libertação do conhecimento de seus “estados condicionados”, reconhecendo o complexo e não cedendo ao reducionismo simplificador, mas admitindo a possibilidade da multiplicidade na unidade. Seguindo as idéias de Pascal, que propunha o trabalhar pelo pensar bem, Morin (2007) acredita que é importante reconhecer os *imprintings culturais* que acabam por influenciar nos julgamentos dos indivíduos. Para Morin, o pensamento complexo tanto evita a utilização do conhecimento para tentar manipular o outro, quanto pode nos conduzir a uma ética da solidariedade numa postura de não coerção, integrando os conhecimentos e os seres humanos, identificando as incertezas, limitações do conhecimento e a necessidade de se apostar no outro.

É com esta intenção que nos aproximamos dos resultados obtidos neste estudo. Buscando o pensar bem, o equilíbrio entre o saber e o dever, respeitando e reconhecendo o paradoxo humano presente em mim e nos participantes desta pesquisa.

Os redemoinhos são ventos que realizam movimentos circulares em espiral, sendo configurados muitas vezes pelo encontro, choque de ventos contrários, opostos (Souza, 2000) e formados pela convecção do ar, em dias quentes, sem ventos e de muito sol.

Os redemoinhos normalmente ocorrem quando o solo se aquece em determinado ponto, transferindo esse calor à porção de ar que está parada logo acima dele. Quando atinge uma determinada temperatura, esse ar sofre rápida elevação, subindo em espiral, criando assim um mini centro de baixa pressão. Devido ao princípio da conservação do movimento angular esse redemoinho ganha velocidade e acaba levantando a poeira do solo, fazendo com que um funil de 'sujeira' seja visível. Ele pode apresentar desde alguns centímetros até muitos metros de altura.

No folclore brasileiro, o redemoinho era reconhecido como uma manifestação do próprio diabo. Ao se avistar esse fenômeno, as pessoas acreditavam que seria o rastro do caminhar do Saci-pererê ou mesmo que seria o próprio diabo vagando pelos campos. Havia até uma crença de que se alguém entrasse no meio do redemoinho com uma garrafa e uma peneira conseguiria prender o Saci/Diabo. Na verdade o que acontecia é que ao entrar no meio do redemoinho, a pessoa interrompia a corrente de convecção que alimenta o sistema e o redemoinho simplesmente "desaparece" (Wikipédia, 2008). Numa tradição mais antiga, a judaica, o redemoinho foi o meio utilizado para a manifestação de Deus ao sofredor Jó. É do redemoinho que o Todo Poderoso e criador dos céus e da terra fala a Jó (Livro de Jó capítulo 35 verso1).

A diversificada percepção de um mesmo fenômeno faz jus à sua própria natureza que é mantida pelo encontro de forças contrárias que se debatem no ar. O confronto de forças invisíveis torna-se visível a partir das 'sujeiras' por ele evidenciadas.

Trabalhar em rede, invoca também o princípio de operar sob a influência de idéias, conceitos e realidades que são na sua essência antagônicas. Mas, no estranhamento de forças que se opõem umas às outras é possível visualizar o que naturalmente, ordeiramente, estava acomodado ao chão. O redemoinho pode ser encarado então como a revolta do pó que se cansa da invisibilidade, alia-se às correntes de ar e ao calor emanado do sol para dizer que existe, que está ali, alicerçando a vida

humana, seus sonhos e problemas. A articulação das redes sociais para a prevenção do uso de drogas além de romper o isolamento, detém a capacidade de desmitificar o que as pessoas e instituições são e o que elas não são, bem como as suas reais necessidades. A poderosa instituição judiciária, por exemplo, pode ser humanizada pelo reconhecimento da fragilidade dos seus magistrados. A família distante e indiferente pode mostrar sua face solidária e o seu potencial de transformação, mostrando sua cara e competências no estabelecimento de projetos comuns.

Os resultados apresentados a seguir constituem a meu ver um retrato fiel do redemoinho, uma vez que confirmam conceitos e teorias, ao mesmo tempo, que de certa forma os ampliam pela prática realizada. A percepção dos participantes são também o reflexo da cultura e do contexto em que estão inseridos (Morin, 2001).

Busquei, desta forma, destacar os aspectos que mais chamaram a minha atenção durante a pesquisa, realçando a minha percepção da escola como um todo e particularidades que certamente influenciam na condição atual da instituição, desde as demandas reprimidas nas áreas da saúde e de assistência até de um certo isolamento da escola em relação à comunidade.

Apresento aqui minha percepção da angústia dos professores na associação entre a teoria obtida nos cursos de formação a prática docente na sala de aula e a influência da cultura assistencialista que alimenta uma postura passiva dos membros da comunidade escolar. O estudo também permitiu visualizar que muitas ações da rede da escola são articuladas a partir de emergência, sem um trabalho contínuo e planejado. Por último apresento resultados que mostram que os participantes entendem o papel fundamental da família para a articulação da rede social da escola e a prevenção do uso de drogas.

Em uma de minhas visitas à unidade escolar, por exemplo, cheguei à escola no início da tarde. A tarde estava quente e tanto os professores como os alunos pareciam incomodados com o calor. Na verdade nem todos, pois um grupo de alunos jogava futebol descalços sob o sol escaldante. O piso quente da quadra descoberta parecia não afetá-los. À parte deste detalhe o clima na escola parecia tranquilo. Fiquei a refletir que para aqueles adolescentes e jovens não havia dificuldades para uma partida com os colegas. Percebi naquele momento, que a pobreza, as eventuais privações a que são submetidos diariamente, a falta de estrutura nas instalações da escola, nada disso parecia mudar o humor das crianças. Sentado no muro de arrimo, sob uma sombra, observava que enquanto brincavam seus rostos transpiravam alegria e disposição.

Ao observar aquela cena refleti a intenção de minhas visitas àquela escola. Seria apenas para coletar dados e concluir minha pesquisa? Ou poderia estar ali para contribuir com algo mais? Poderia eu deixar a minha zona de conforto e tornar a minha intervenção ali em um verdadeiro benefício aos meninos que brincavam de pés descalços? Quero crer que sim.

Para Pena-Veja, A. & Almeida, E.P. (1999), “o saber não tem apenas compromisso com a produção do conhecimento, mas também com a felicidade do homem, com a justiça social” (p.15). A ciência deve estar a serviço da humanidade. O sentido do conhecimento deve trazer o benefício de ajudar as pessoas no enfrentamento dos seus problemas, auxiliando o homem a ir além do senso comum. Oferecendo suporte à comunidade para identificar as forças sociais, políticas e de interesse econômico que muitas vezes ocultas e imperceptíveis, operam na sustentação e manutenção de fenômenos como o uso de drogas.

É com esta perspectiva que os saberes construídos neste estudo propõem a avaliação e mobilização de redes. O objetivo é o desenvolvimento de novas estratégias de prevenção do uso de drogas “no sentido de educar o indivíduo para assumir atitudes responsáveis na identificação e no manejo de situações de risco que possam ameaçar a opção pela vida” (Duarte, 2006, p. 158).

Os resultados obtidos durante a pesquisa foram divididos em dois tópicos. Cada tópico retrata um recorte da realidade e um pouco de minha percepção junto à comunidade pesquisada. Foi possível visualizar através das entrevistas, reuniões de grupos reflexivos e visitas à escola, aspectos aparentemente individuais e outros aparentemente coletivos. Digo aparentemente, porque como ressaltou Sawaia (1996), “uma compreensão mais acurada de uma comunidade rompe com a dicotomia entre a coletividade e a individualidade” (p.48). O projeto de avaliação e de conseqüente mobilização das redes sociais demanda, portanto, “uma contínua conciliação entre o bem-estar coletivo e o prazer individual” (p.49).

O **primeiro tópico** foi denominado **analisando os resultados na construção de uma metodologia para o mapeamento das redes sociais da escola**. Procurei apresentar a metodologia de avaliação das redes sociais como uma proposta fundamental para os trabalhos de prevenção ao uso de drogas no sentido de reconhecer a realidade relacional da escola buscando continuamente novas soluções para os problemas emergentes .

O **segundo tópico** foi denominado **um retrato das contradições da escola pública brasileira a partir da avaliação da rede social de uma escola goiana**. Neste tópico apresento os resultados obtidos na avaliação da rede social da escola pesquisada, destacando as contradições da mesma e o contraste entre a rede real e a rede ideal. O estudo mostrou claramente com quem a escola pode contar e o que a escola tem feito no sentido de buscar parcerias. Quais as instituições parceiras e qual o lugar e a participação da família. Apresentamos ainda uma análise qualitativa das falas dos participantes dos grupos reflexivos a partir da hermenêutica de profundidade, proposta por Thompson (1995), onde desenvolvemos uma breve visão do contexto sócio histórico da escola, uma análise formal das falas seguida pela interpretação e reinterpretção dos conteúdos trazidos pelo grupo. Ao final da interpretação julguei importante resgatar algumas das soluções propostas pelo grupo para a mobilização da rede da escola e a resolução dos seus próprios problemas. O segundo tópico apresenta ainda os mapas com os registros realizados pelo primeiro grupo (amostra de 05 participantes), segundo grupo (amostra de 11 participantes), todos entrevistados individualmente, bem como os registros realizados pelos dois grupos reflexivos. Com os registros em vista, procurei pinçar, alguns aspectos mais evidentes e que chamaram mais a atenção nas repostas dadas. Além disso, apresentamos os resultados obtidos no preenchimento dos questionários, do segundo grupo, com dados que esboçam as características da rede.

3.1. A construção de uma metodologia para o mapeamento das redes sociais da escola

3.1.1. A compreensão de redes sociais e a prevenção do uso de drogas

Redes sociais enquanto metodologia de prevenção do uso de drogas (Sudbrack, 2004), implica na construção de “estratégias que promovam a aproximação e os vínculos entre as pessoas e as instituições de uma determinada comunidade, que permitam a circulação das informações necessárias, as trocas de experiências, os aprendizados recíprocos e a construção de soluções coletivas” (p.25). Avaliar e mobilizar as redes sociais da escola trata-se, na verdade de uma tentativa de descobrir ou mesmo re-descobrir novos caminhos para a prevenção do uso de drogas no contexto escolar. A metodologia das redes sociais coloca-se como contrapondo face ao processo de exclusão que é mobilizado em diferentes níveis.

O objetivo deste estudo e da utilização da metodologia proposta é oferecer aos membros da comunidade escolar uma compreensão dos conceitos básicos de rede social, seus objetivos e a sua utilidade para a prevenção do uso de drogas. Acreditamos que a mobilização da comunidade e a integração dos diversos segmentos sociais em um engajamento coletivo na busca de um “re-posicionamento” dos diversos atores sociais é de grande utilidade para que objetivos comuns sejam contemplados em um processo contínuo e educativo.

3.1.2. A metodologia de mapeamento das redes sociais da escola

O instrumento construído e desenvolvido neste estudo constitui-se em uma ferramenta destinada à comunidade escolar que possibilita um reconhecimento das redes sociais da escola, favorecendo assim, estratégias de integração na resolução de problemas, identificação de novos caminhos e alternativas que possam contribuir para trabalhos e ações mais efetivos na prevenção do uso de drogas junto à comunidade escolar.

O Mapeamento identifica as redes existentes e os padrões de interação, sejam eles positivos (que valorizam atitudes e comportamentos que valorizam a vida) ou negativos (atitude e comportamentos que agredem a vida).

Para a utilização do instrumento é necessária a presença de um mediador que aqui denominaremos de *mapeador*. Profissionais externos ao contexto poderão contribuir com um olhar diferenciado. Todavia, a metodologia de avaliação proposta neste estudo poderá ser aplicada por qualquer integrante da comunidade escolar.

Psicólogos e educadores com um olhar clínico e contextualizador poderão também utilizar o instrumento para a elaboração do projeto pedagógico da escola. O *mapeador* apresentar-se-á na unidade escolar com uma postura ética e crítica. Ética no respeito aos valores e normas adotadas pelo grupo. Crítica para denunciar o que, a seu ver, pode estar contribuindo para os problemas e para as soluções.

3.1.3. O contexto da intervenção: A demanda como construção coletiva com a comunidade escolar

Trabalhar redes sociais se estabelece num processo contínuo de construção coletiva (Costa, 2001). A implementação da proposta de avaliação e mobilização das redes sociais é de fundamental importância para que os participantes de fato a compreendam. “A rede faz sentido na medida em que entra em nossa prática não só

como pensamento, mas também como promoção de acontecimentos que levam à participação e à solidariedade” (p. 48).

A construção coletiva é viabilizada quando o mapeador realiza um “mergulho” no contexto da escola, reconhecendo o seu contexto sócio-histórico e suas características singulares. Além disso, a proposta de avaliação e mobilização das redes sociais é fundamental no sentido de propiciar a identificação das demandas existentes e de geração para novas demandas a partir das informações científicas que deverão ser socializadas e compartilhadas com o grupo coletivo da unidade escolar. A avaliação das redes sociais atua como um estimulante para o exercício de uma autocrítica coletiva saudável, repensando as práticas e teorias adotadas. Aliás, a prática das redes sociais propicia aos membros de uma comunidade a possibilidade de uma reflexão mais abrangente dos sentimentos, emoções e dos caminhos rígidos (Costa, 2001) que contribuem para o fracasso de inúmeras intervenções no contexto escolar.

A avaliação deverá contar com sujeitos voluntários, integrantes da comunidade escolar.

3.1.4. Conhecendo as redes sociais da escola

O instrumento construído neste estudo é uma proposta de intervenção que surge de contribuições prévias da literatura na área (Sluzki, 1997; Ramos & Sudbrack, 2006) e da direta participação de integrantes de uma comunidade escolar da rede pública estadual de Goiás, no município de Goiânia. As modificações e o aperfeiçoamento do instrumento se deram através de aplicações sucessivas em momentos distintos, com os participantes, através de entrevistas individuais e duas reuniões sob o formato de grupos reflexivos.

A partir deste estudo a proposta de avaliação das redes sociais atende ao seguinte formato:

3.1.4.1. População alvo

Toda a comunidade escolar, alunos, professores, funcionários da escola, famílias de alunos e a sociedade externa. O estudo mostrou que alunos do ensino fundamental segunda fase (a partir do 6º ano) têm uma melhor compreensão da proposta, uma vez que os alunos das séries iniciais da segunda fase do ensino fundamental apresentaram certa dificuldade na compreensão da proposta de avaliação das redes sociais.

3.1.4.2. A Consigna

Nota de apresentação do instrumento

Conhecendo a rede social de nossa escola e as novas possibilidades para a prevenção do uso de drogas¹

Saudações,

A prevenção do uso de drogas requer um envolvimento de toda a comunidade. Para tanto se faz necessário conhecer/identificar a rede social existente da escola, que relações estão estabelecidas e quais as lacunas a serem preenchidas.

A elaboração do projeto de prevenção da escola atende ao modelo da educação para a saúde e da promoção das redes sociais, e parte do pressuposto de que o envolvimento com drogas não é uma questão apenas do indivíduo, mas tem haver com suas relações sociais e familiares. O mesmo se pode dizer da escola que não pode ser responsabilizada isoladamente como promotora da saúde e da educação. A instituição escolar está inserida em um emaranhado de relações com outras instituições que garantirão o atingimento ou não dos seus objetivos.

A rede social é o conjunto de pessoas/instituições que você acredita serem importantes para a sua escola. São pessoas/instituições parceiras com quem a escola pode contar para oferecer-lhe conselho, apoio, ajuda ou simplesmente para participarem de atividades ordinárias e extraordinárias da escola.

Os relacionamentos estabelecidos pela escola podem ser muito variados e, no mapa da rede social da escola poderão ser representados nos quadrantes da família, da comunidade, da assistência/segurança e da saúde.

A seguir apresentamos a você um instrumento para o mapeamento e avaliação da rede social da escola. O preenchimento do mapa permitirá uma representação gráfica desta rede. Através do preenchimento deste mapa, convidamos você a reconhecer a rede social da escola e com isso a identificar novas estratégias que poderão viabilizar a prevenção ao uso indevido de drogas em sua escola.

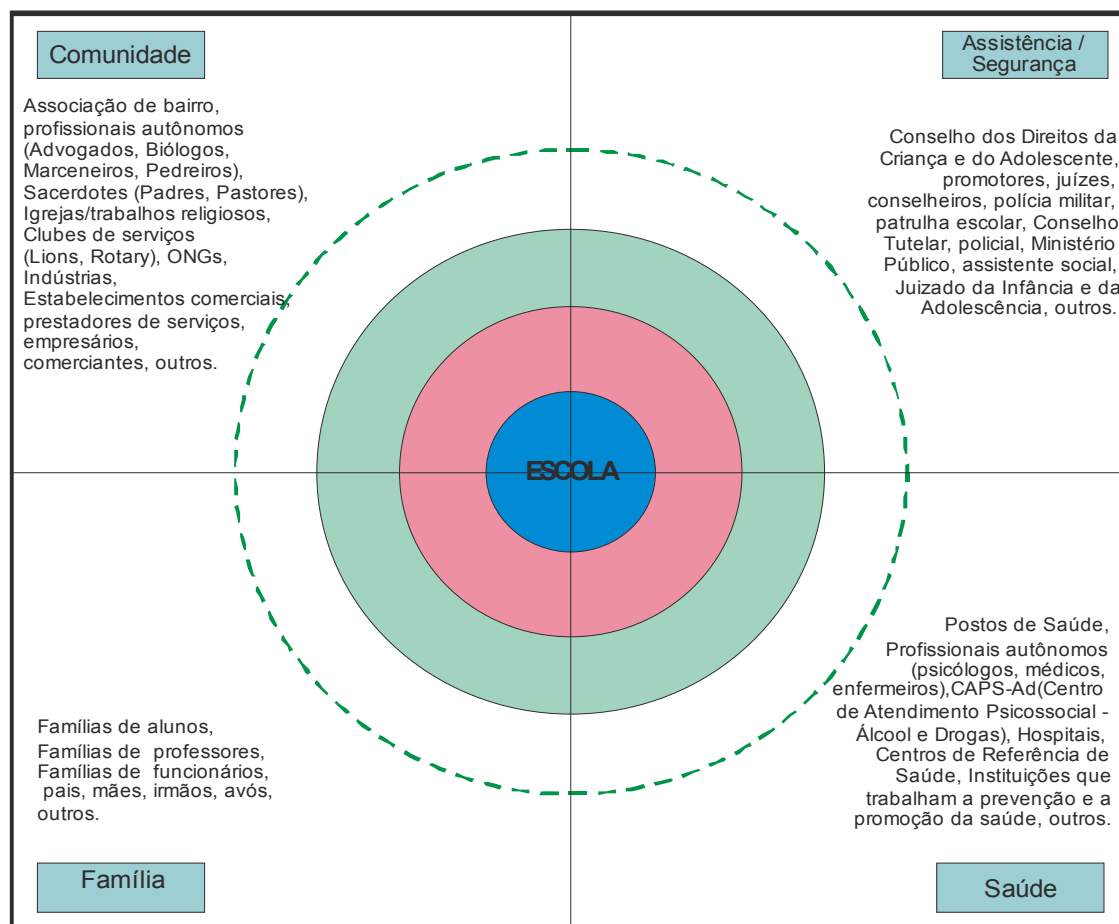
O instrumento é composto de duas partes. A primeira parte é constituída de um mapa onde graficamente você poderá representar as pessoas/instituições que você acredita fazerem parte da rede social de sua escola. A segunda parte é constituída de um questionário de 47 questões objetivas que poderão ou não ser complementadas por você. Em cada quadrante do mapa foram inseridos exemplos que poderão ser aproveitados e utilizados por você ou não. Tudo dependerá de sua percepção da rede social da escola. Você é livre para inserir nos quadrantes nomes de pessoas e instituições que acredita estarem relacionando ou não com a escola.

Sua contribuição é indispensável para o bem estar coletivo e para identificarmos juntos novas maneiras de promover a prevenção do uso de drogas.

Ao participar desta avaliação você está demonstrando que está interessado não apenas nos problemas de sua comunidade, mas também em suas soluções.

¹ Consideramos como **drogas** todas as substâncias psicotrópicas (que atuam no sistema nervoso central e que podem causar dependência) que alteram o comportamento, as cognições e as emoções, tais como o álcool, o tabaco (cigarro), a maconha, o lança perfume, os solventes, a cocaína, etc.

MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA ²



Agora você vai preencher o mapa.

Parte I - Mapeando a rede social da nossa escola

Vamos começar preenchendo um "Mapa da rede social da escola" segundo a sua ótica. Neste mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um circulo [○] se for do sexo feminino, por um quadrado [□] se for do sexo masculino e por um asterisco ^{*} se quiser representar a família. As instituições indicadas deverão ser representadas por um triângulo [△]. Para colocar as pessoas/instituições no mapa, existem algumas regras que você deve seguir:

1. A escola está localizada no centro do mapa.
2. No círculo mais interno (azul) represente as pessoas/instituições mais próximas da escola, com quem a unidade escolar pode contar.
3. No círculo do meio (rosa) represente as pessoas/instituições que são importantes para a escola, mas com menor grau de compromisso e que não estão tão próximas.
4. No círculo externo (verde) represente as pessoas/instituições que você considera fazem parte das relações da escola, mas que estão distantes da vida da escola, constituindo um conjunto de relações ocasionais esporádicas.
5. No círculo pontilhado represente as pessoas/instituições que você considera excluídas das relações da escola.
6. Observe que os círculos são divididos em quatro quadrantes. Cada um corresponde a uma área da vida da escola: a família, a comunidade, a assistência/segurança e a saúde.

Figura 2- Novo mapa da rede social da escola

3.1.4.3.O processo de avaliação

O processo de avaliação das redes sociais requer o trabalho de um aplicador do instrumento ou como convencionamos aqui, de um *mapeador*. Os requisitos para esta função já foram previamente explicitados (vide pág. 77). Caso o *mapeador* faça parte da rede interna da escola é importante levar em conta que este profissional está inserido na trama relacional e de certa forma pode atuar de forma conivente com os segredos da instituição.

Espera-se, a partir do mapeamento e avaliação das redes uma articulação que culminará com a mobilização das redes sociais. Propomos que a avaliação da rede social da escola seja realizada em três momentos que são, por sua vez, divididos em seis etapas:

PRIMEIRO MOMENTO – COLETIVO

1ª Etapa – O *mapeador* deverá estabelecer uma dialética entre o saber acadêmico, especialmente através das teorias que norteiam o mapeamento e o saber local com as perspectivas da comunidade para os problemas e as soluções, conforme indicou Sudbrack (2006-b). Para tanto se faz necessário um verdadeiro mergulho no contexto da comunidade escolar pesquisada, buscando compreender aspectos de sua história, rotina, bem como as demandas consideradas emergentes para os seus membros.

É necessário um ‘mergulho’ do pesquisador na situação, que lhe permita aprender os vários elementos envolvidos, propiciando-lhe uma visão panorâmica e um primeiro delineamento dos significados e sentidos na situação investigada (Ferreira *et al.*, 2004, p.31).

O primeiro momento, portanto, deve ser caracterizado por uma observação participante e pela sensibilização da comunidade escolar quanto à proposta estratégica de mobilização das redes sociais com a apresentação e discussão dos conceitos básicos da proposta.

SEGUNDO MOMENTO – INDIVIDUAL

2ª Etapa – Entrevista de mapeamento individual – onde os participantes voluntários, individualmente, realizam o preenchimento do mapa e do questionário. Ao final do preenchimento o mapeador esclarece junto aos participantes os registros realizados, ouvindo destes, suas impressões e sentimentos a respeito. É certo que as pessoas são

formadas na interação com o outro, porém no momento individual será possível aos participantes registrarem suas percepções da rede da escola, revelando com isso facetas ocultas e não discutidas que até então não haviam sido consideradas. Afinal, como destacou González-Rey (2004)

o ser humano é relação, mas não só relação: ele tem pensamento, tem fantasia, tem espaços pessoais que vivencia fora das relações. Ele tem a capacidade geradora própria, tem capacidade de assumir posições próprias e de produzir novos focos de subjetivação social através de sua ação (p.62).

A proposta, portanto, ambiciona dar aos participantes a condição de sujeitos capazes de entendimento, oferecendo-lhes através do mapeamento e as discussões provocadas um estímulo para o que Thompson (1995) denominou de “princípio da auto-reflexão”. A auto-reflexão pode contribuir segundo Thompson, não apenas para a transformação das práticas, mas também para a autotransformação dos sujeitos, ajudando-os a reconhecerem a si mesmos em uma perspectiva diferenciada. Na reflexão sobre a rede de relacionamentos da escola um dos participantes concluiu que a escola *necessita formar parcerias e estreitar relacionamentos para elaboração de projetos que beneficiarão a ambos.*

Entre o segundo momento e o terceiro cabe ao mapeador aglutinar as respostas do mapeamento obtidas no momento individual, construindo um grande mapa com todas as respostas coletadas. Desta forma, ele poderá verificar de uma maneira ampla como os participantes percebem a rede da escola. Sua reflexão deverá se dar num primeiro momento pelos registros em relação a cada quadrante e a seguir, comparar os registros de um quadrante em relação ao outro. Os participantes poderão registrar, por exemplo, famílias no quadrante da saúde ou igrejas no quadrante da assistência/segurança. Estas anotações deverão ser consideradas como aspectos importantes que podem revelar o que a escola espera de seus parceiros, além do que normalmente é convencionado. Após analisar os registros realizados nos mapas individuais, cabe ao mapeador analisar as respostas obtidas pelos questionários. As respostas obtidas nesta segunda parte do instrumento devem ser contrastadas com as respostas nos registros dos mapas. E colaborando para fundamentar ou não as respostas obtidas ali.

TERCEIRO MOMENTO – COLETIVO

3ª Etapa – Reunião com membros da comunidade escolar em grupos reflexivos para a devolução dos resultados do mapeamento individual. O procedimento adotado pelo *mapeador* para a devolução dos resultados consta de uma apresentação de sua percepção enquanto um sujeito já implicado com a rede da escola. Neste caso ele poderá apresentar os pontos que mais lhe chamaram a atenção durante o processo, por exemplo, a disposição dos participantes, as maiores necessidades da escola, ações históricas da escola e as dificuldades encontradas. O relato aos participantes pode ser feito de forma expositiva ou lúdica, na forma de um conto ou dramatização envolvendo integrantes da comunidade escolar. A seguir o mapeador apresenta aos participantes os resultados, propriamente ditos do mapeamento, com uma apresentação do mapa, constando de todos os registros coletados nas entrevistas individuais. Para tanto, sugerimos a construção de um mapa em tamanho real (tamanho 1,20m x 1,00m com a representação do desenho gráfico e suas legendas, afixada em isopor) que possa ser visualizado pelos participantes. A representação em tamanho real permitirá que os participantes reconheçam a percepção individual de seus pares, e reflitam-nas a partir de suas perspectivas.

Os participantes desta reunião podem ser as pessoas que participaram do momento individual ou não, e, outras que se disponibilizarem. Nesse encontro deve ser realizada uma apresentação dos conceitos básicos de mobilização de redes para a prevenção do uso de drogas.

4ª Etapa – Ainda na reunião os participantes discutem os resultados do mapeamento individual, refletindo e discutindo os dados coletivamente. Os resultados obtidos que refletem pelo menos em parte o estado atual das redes atuais da escola são avaliados e questionados pelo grupo. A proposta de discussão prévia dos resultados em um momento coletivo tenta contemplar o *princípio da não-imposição*. Thompson (1995) defendeu uma diferenciação entre a tentativa do pesquisador em provar o que encontrou e a imposição de suas interpretações e conclusões sobre o grupo pesquisado.

Provar é apresentar razões, fundamentações, evidências, elucidação. Impor é afirmar ou reafirmar, forçar outros a aceitar, silenciar os questionamentos ou as discordâncias. Provar é tratar o outro como uma pessoa capaz de ser convencido; impor é tratar o outro como uma pessoa que deve ser submetida. Esta distinção sugere que uma interpretação seria justificada

somente se ela pudesse ser provada sem ser imposta, isto é, somente se ela pudesse ser provada sob condições que incluíssem a suspensão de relações assimétricas de poder (p.411).

5ª Etapa – Após a discussão dos resultados obtidos, o grupo reunido deve realizar o que denominamos de *mapeamento ideal*. Nele o grupo poderá refletir o projeto ideal da escola, ou seja, as aspirações da instituição em termos relacionais. Neste momento os participantes têm a oportunidade de registrar em um novo mapa (tamanho 1,20m x 1,00m com a representação do desenho gráfico e suas legendas, afixada em isopor) como acreditam que deveriam estar posicionadas as pessoas/instituições nas suas relações com a escola, identificando a proximidade ideal.

6ª Etapa – Ao final o grupo deverá ser capaz de pensar coletivamente e definir com o auxílio e moderação do *mapeador*, estratégias viáveis de acordo com o grupo para a mobilização das redes, definindo as prioridades e uma agenda mínima para uma atuação posterior. A idéia contempla um terceiro princípio proposto por Thompson (1995), o *princípio da não-exclusão*, visto que a interpretação dos dados e o processo interventivo devem culminar com a participação de todas as pessoas envolvidas no processo decisório. Essa proposta inclui aquelas pessoas que até o momento do mapeamento se encontram excluídas das relações de poder com poucos benefícios, sofrendo mais com a organização da vida social como ela existe e existiu até o presente. Tal postura pretende com isso dar voz e oportunidade aos membros da comunidade, resgatando e fortalecendo os recursos já existentes na comunidade, “levando a comunidade a assumir a responsabilidade pelo gerenciamento dos seus recursos e pela solução dos seus problemas”, como é proposta da prática de redes (Cinnanti, 2004, p. 36)

3.2. Um retrato das contradições da escola pública brasileira a partir da avaliação da rede social de uma escola goiana

Morin (1990) defende que o pensamento complexo não elimina ou mutila o contraditório. Para ele, a realidade é complexa e se apresenta com os traços inquietantes de confusão, da desordem, da ambigüidade e da incerteza (p.20). Morin, admite que a dificuldade do pensamento complexo é exatamente o enfrentamento da confusão (p.21) e a presença dos paradoxos.

Os registros e dados coletados durante o mapeamento da escola estudada são em grande medida contraditórios, como contraditória é a sociedade em que a escola está

inserida. Em sua última obra traduzida para o português, o Método 6 (2007), Morin destaca que a experiência humana é marcada tanto pelo realismo quanto pela utopia. Em ambas as situações, a trajetória humana vem acompanhada por incertezas e pela presença inegável do contraditório e dos antagonismos. Da mesma forma, os registros aqui coletados configuram uma mescla de utopia e realidade próprias da complexidade presente não apenas nas escolas públicas brasileiras, mas em toda a nossa sociedade como um todo.

As intervenções no contexto escolar levaram-me a uma reflexão acerca da realidade da rede social da escola e de suas muitas necessidades não supridas.

Primeiro a dificuldade para uma articulação da rede interna da escola, devido às demandas internas impostas pelo conteúdo proposto da grade curricular que dá uma idéia de que não há tempo a perder. A escola pública demonstra um cansaço proveniente do sentimento de abandono e da reprodução sistemática deste abandono pelos próprios integrantes da comunidade que reforçam o ciclo. Celebram-se os feriados prolongados, os pontos facultativos próprios da rede pública e há uma confiança constante na ineficiência do estado para justificar a negligência, a omissão e o baixo desempenho de alunos, professores e funcionários, formando um contexto de ensino-aprendizagem deficiente.

Em segundo lugar, os participantes da pesquisa demonstraram ter consciência da fragilidade da rede social da escola, apresentando os setores da saúde, das famílias e de assistência distantes da escola. Os participantes conseguiram perceber também quem são as pessoas e instituições próximas da escola, reconhecendo as estruturas disponíveis para apoiar e suprir as necessidades da escola. Apesar disso adotam uma postura cética quanto à efetividade prática destas estruturas governamentais. Este sentimento ficou bem claro no depoimento de uma mãe presente no grupo reflexivo. Para ela, *o governo virou as costas*.

Em terceiro lugar a presença da polícia na escola. A polícia militar figurou um papel importante através das visitas sistemáticas à unidade estudada e *é a única instituição mais próxima da escola e que dá segurança ... a polícia militar está presente quando há roubos ou brigas no anel externo da escola*. Uma entrevistada defendeu que *a patrulha escolar dá uma assistência a escola. Qualquer coisa que precisa estão sempre aqui. Sentimos-nos bem com a presença da patrulha porque nos dá mais segurança e inibe as brigas e confusões sem usar de violência*.

Os olhos dos entrevistados conseguiram enxergar a polícia, mas pouco se viu de outros profissionais da saúde, da educação, das famílias e de setores da comunidade que poderiam estar presentes na vida da escola. No preenchimento do mapa da rede escolar, dos 11 participantes da segunda amostra, 07 (63,6%) registraram a patrulha escolar, 03 (27,27%) o batalhão escolar e 04 (36,36%) a polícia militar no círculo interno das relações mais próximas da escola. Na verdade os registros da presença da polícia foram feitos em todas as esferas do mapa. A polícia é tão importante que a parceria com esta instituição é valorizada e buscada. Apesar disso, os participantes da segunda reunião dos grupos reflexivos acreditam que o fortalecimento da rede da escola demanda uma polícia mais distante. Para tanto registraram a polícia no anel externo. Isso significa uma releitura do papel da instituição, não tão próximo como de fato ocorre.

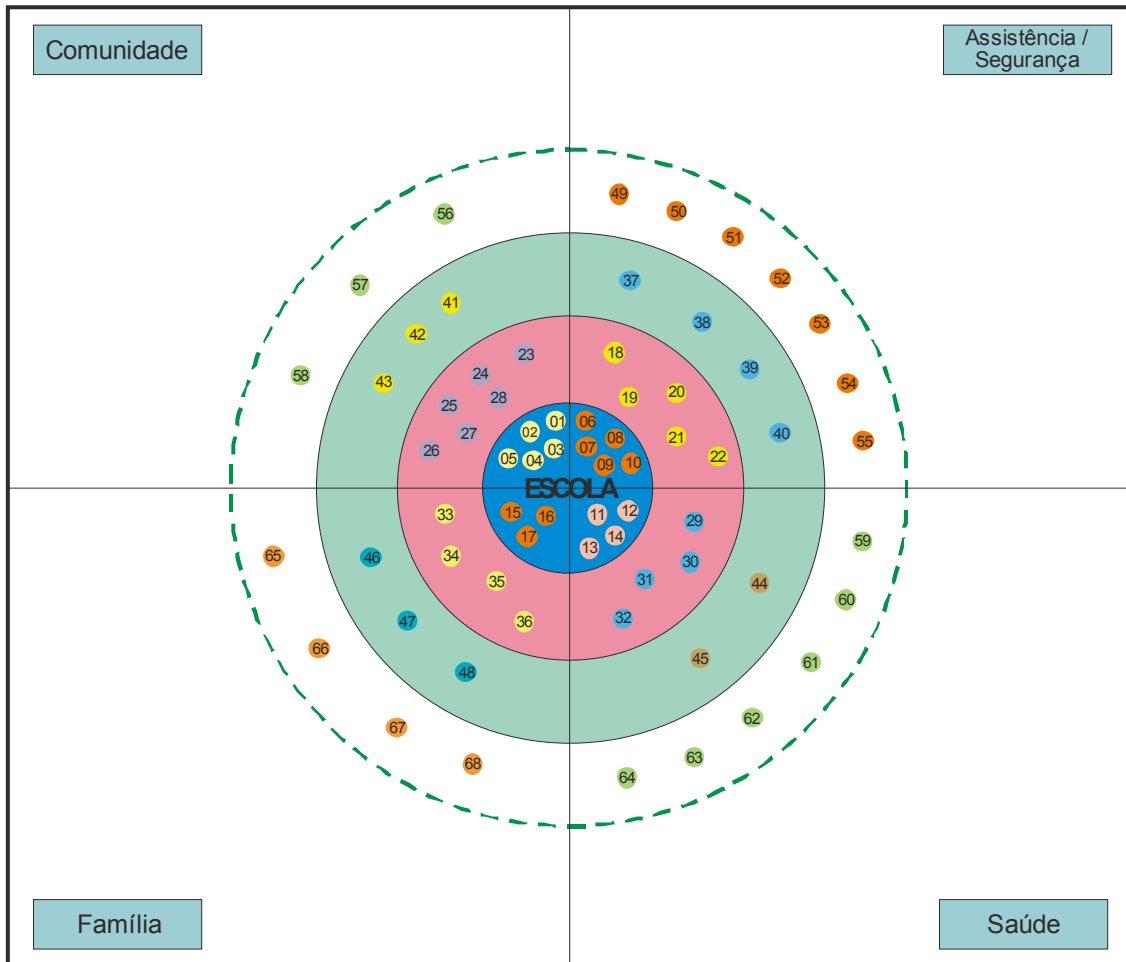
Em quarto lugar, as instituições de assistência são apresentadas claramente como ausentes da relação com a escola. Com respeito à atuação do conselho tutelar uma participante afirmou que *na prática eles nunca estão presentes!* Há uma clara manifestação dos participantes da pesquisa no sentido de uma necessária mudança de enfoque. Do enfoque sobre o problema, para um enfoque sobre as possíveis soluções e alternativas disponíveis. Em relação ao conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, uma participante ressaltou que *a relação do conselho com a escola não é como deveria ser.* A exceção ficou por conta do trabalho de uma assistente social da equipe multiprofissional da Secretaria de Educação. *Ela é uma profissional que está sempre presente, dando assistência às necessidades da escola.*

Em quinto lugar, os participantes registraram a ausência da família da escola. *A família está cada vez mais distante da escola! ... A família dos professores e alunos não se envolve com a escola. Muito raramente eles vêm à escola. Alguns deles vêm à reunião de pais. Outros vêm buscar ou trazer seus filhos.* Segundo uma participante, *...a maioria dos familiares dos alunos acredita que a escola unicamente é responsável... alguns pais reclamam da dispensa dos alunos, não porque os alunos estão perdendo a aula e o conteúdo, mas porque os incomodarão nos seus afazeres em casa.* Para os participantes se houvesse um envolvimento maior da família tanto a prevenção quanto a reabilitação de alunos usuários de drogas seriam facilitados.

Em sexto lugar as relações com as pessoas/instituições da saúde são precárias. *Parece que as pessoas que trabalham na saúde estão muito distantes da escola. Não há uma interação, exceto em uma situação de emergência... deveriam estar mais próximo, mas não tem compromisso com a escola.*

Figura 3 - Primeiro mapeamento da rede social da escola

Estudo Piloto
Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação
Programa de Atenção às Dependências Químicas - PRODEQUI
MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA



RESULTADOS OBTIDOS - 1ª AMOSTRA - 05 PARTICIPANTES

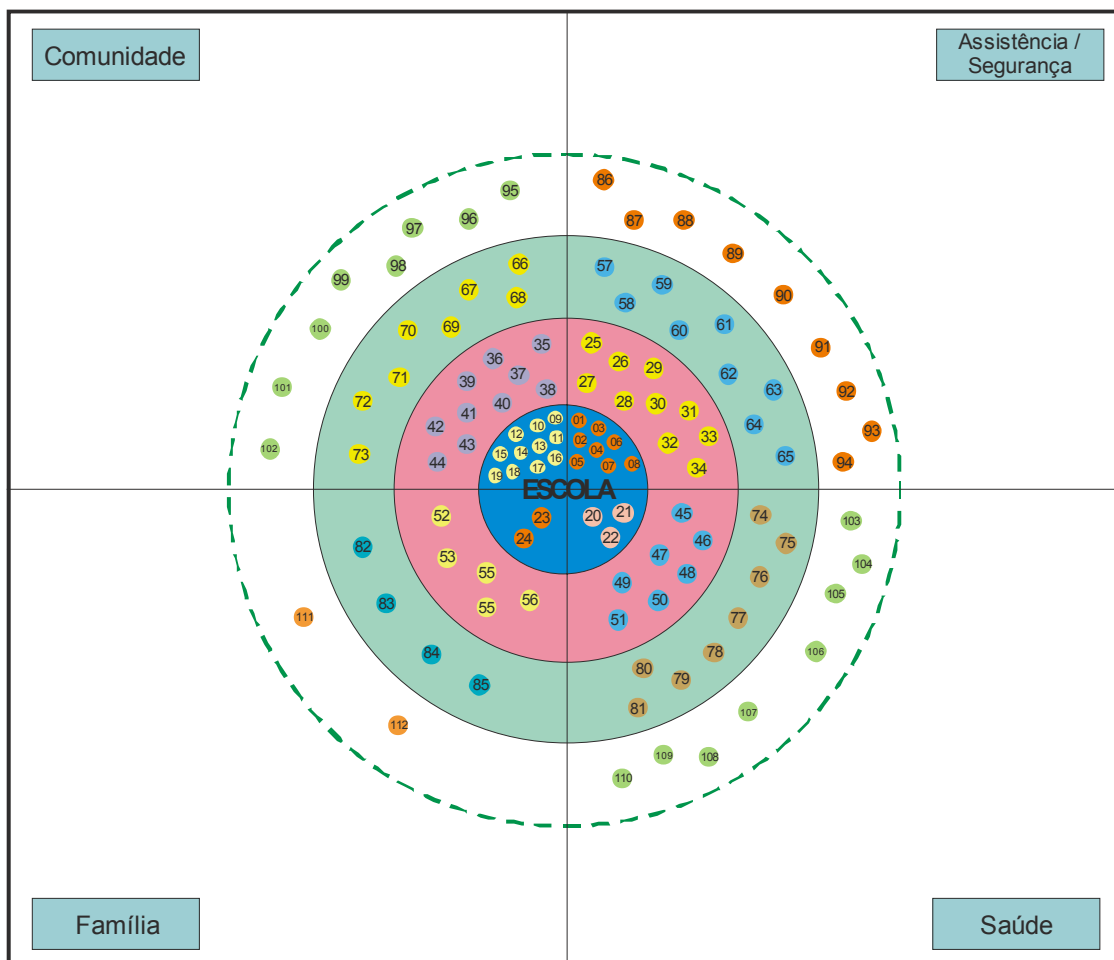
LEGENDAS:

- | | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 01 - Pastor | 24 - Estab. Comerciais | 47 - Familiares de alunos |
| 02 - Secretaria Estadual de Educação | 25 - Universidades | 48 - Familiares e funcionários |
| 03 - Políticos | 26 - Padre | 49 - Profissionais autônomos |
| 04 - Igreja Evangélica | 27 - Médicos | 50 - Conselheiros |
| 05 - Polícia Militar | 28 - Conselho Tutelar | 51 - Ministério Público |
| 06 - Cons. Dir. Criança e Adolescente | 29 - Inst. Prevenção e Saúde Bucal | 52 - Famílias de alunos |
| 07 - Conselho Tutelar | 30 - Posto de Saúde | 53 - Juizes |
| 08 - Batalhão Escolar | 31 - Odontólogas | 54 - Conselho Tutela |
| 09 - Polícia militar | 32 - CAPS - AD | 55 - Clube de serviço |
| 10 - Psicólogo | 33 - Familiares de Alunos | 56 - Profissionais autônomos |
| 11 - Agentes de Saúde | 34 - Familiares de Professores | 57 - Famílias de alunos |
| 12 - Inst. Prevenção e Saúde Bucal | 35 - Familiares de Voluntários | 58 - Cons. Dir. Criança e adolescent |
| 13 - Posto de Saúde | 36 - Alunos | 59 - Famílias de alunos |
| 14 - Médico | 37 - Polícia Militar | 60 - Ministério público |
| 15 - Pais de Alunos | 38 - Estab. Comerciais | 61 - Juizado Inf. Adolescência |
| 16 - Mães de Alunos | 39 - Policiais Femininos | 62 - Posto de Saúde |
| 17 - Irmãos de Alunos | 40 - Médico | 63 - Hospitais |
| 18 - Patrulha Escolar | 41 - Estab. Comerciais | 64 - Centros de Referência |
| 19 - Polícia Militar | 42 - Bióloga | 65 - Familiares de professores |
| 20 - Conselho Tutelar | 43 - Juizado da Inf. e Adolescência | 66 - Familiares de funcionários |
| 21 - Ministério Público | 44 - Inst. prevenção ao uso de drogas | 67 - Familiares dealunos |
| 22 - Pedreiros | 45 - Médico | 68 - Ministério Público |
| 23 - Igreja Evangélica | 46 - Professores | |

Figura 4 - Segundo mapeamento da rede social da escola

Universidade de Brasília - UNB
 Instituto de Psicologia
 Departamento de Psicologia Clínica
 Programa de Pós-Graduação
 Programa de Atenção às Dependências Químicas - PRODEQUI

MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA



RESULTADOS OBTIDOS - 2ª AMOSTRA - 11 PARTICIPANTES

LEGENDAS:

- | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|--|----------------------------------|
| 01 - Assistente Social | 24 - Familiares de Funcionários | 47 - Inst. Prevenção | 70 - Empresários | 93 - Policiais |
| 02 - Patrulha Escolar | 25 - Polícia Militar | 48 - Centros de Referência | 71 - Associação de bairro | 94 - Família dos Alunos |
| 03 - Cons. Dir. Criança Adolescente | 26 - Juizado da Inf. e Adolescência | 49 - FROCED | 72 - Indústrias | 95 - Estabelecimentos Comercial |
| 04 - Conselho tutelar | 27 - Assistente Social | 50 - Posto de Saúde | 73 - Comerciantes | 96 - Sacerdotes |
| 05 - Batalhão Escolar | 28 - Patrulha Escolar | 51 - CAPS | 74 - Posto de Saúde | 97 - Associação de Bairro |
| 06 - Polícia Militar | 29 - Conselho Tutelar | 52 - Familiares de Alunos | 75 - Profissionais Autônomos | 98 - Clubes de Serviço |
| 07 - Psicólogo | 30 - Promotores | 53 - Avós | 76 - Inst. Prevenção | 99 - Igrejas |
| 08 - Fonoaudióloga | 31 - Juizes | 54 - Familiares de professores | 77 - Agentes de Saúde | 100 - Prestadores de serviço |
| 09 - Pastor | 32 - Ministério Público | 55 - Pai, Mãe e Irmãos de Alunos | 78 - Odontólogos | 101 - Profissionais Autônomos |
| 10 - Comerciantes | 33 - Conselheiros | 56 - Familiares e Funcionários | 79 - Hospital | 102 - Indústrias |
| 11 - Associação de Bairro | 34 - Cons. Dir. Criança e Adolescente | 57 - Conselho Tutelar | 80 - Psicólogo | 103 - Profissionais Autônomos |
| 12 - Igreja Evangélica | 35 - ONG | 58 - Polícia Militar | 81 - Famílias de Alunos | 104 - Psicóloga |
| 13 - Profissionais Autônomo | 36 - Prestadores de Serviço | 59 - Patrulha Escolar | 82 - Familiares de Professores | 105 - CAPS/AD |
| 14 - Prestadores de Serviço | 37 - Associação de Bairro | 60 - Juizado da Inf. e Adolescência | 83 - Familiares de Funcionários | 106 - Hospitais |
| 15 - Mercenário | 38 - Sacerdotes | 61 - Promotores | 84 - Familiares de Alunos | 107 - Centros de Referência |
| 16 - Estabelecimentos Comerciais | 39 - Pedreiros | 62 - Juizes | 85 - Pais, Irmãos | 108 - Inst. Prevenção |
| 17 - Familiares de Professores | 40 - ONG - Profis. Alunos | 63 - Cons. Dir. Criança e adolescente | 86 - Promotores | 109 - Psicólogos |
| 18 - Familiares de Funcionários | 41 - Comerciantes | 64 - Assistente Social | 87 - Juizes | 110 - Famílias de Funcionários |
| 19 - Familiares de Alunos | 42 - Profissionais Autônomos | 65 - Ministério Público | 88 - Conselheiros | 111 - Familiares de Professores |
| 20 - Inst. Prevenção | 43 - Estabelecimentos Comerciais | 66 - Estabelecimentos Comerciais | 89 - Ministério Público | 112 - Familiares de Funcionários |
| 21 - Psicóloga | 44 - Advogados e Biólogos | 67 - Prestadores de Serviço | 90 - Juizado da Inf. e Adolescência | |
| 22 - Posto de Saúde | 45 - Psicóloga | 68 - Sacerdotes | 91 - Conselho dos Dir. Criança e Adolescente | |
| 23 - Família de Alunos | 46 - Médico | 69 - Clubs de Serviço - Rotary | 92 - Polícia Militar | |

3.2.1. Comentários sobre o mapeamento na escola

Os resultados apresentados pelos participantes nas duas amostras apresentam variações, porém foi possível verificar vários aspectos da rede social da escola amplamente confirmados pelos participantes dos dois grupos nas duas amostras do estudo.

Os entrevistados do primeiro grupo (primeira amostra- 05 participantes) fizeram menção da atuação da Secretaria Estadual de Educação em sua assistência à escola. A Secretaria de Educação ocupa uma posição próxima à escola, porém este dado é de alguma forma, questionado através das discussões posteriores nos grupos reflexivos.

Da mesma forma os políticos também são identificados, pelo primeiro grupo como tendo uma relação de proximidade com a comunidade escolar. Nas discussões nos grupos reflexivos, ficou claro que se trata de um vereador da região que alimenta uma relação oportunista com a escola.

Os psicólogos e agentes de saúde foram reconhecidos numa relação de proximidade com a escola. As discussões nos grupos reflexivos e conversas informais com os integrantes do coletivo de professores da escola mostraram que o psicólogo mencionado no mapeamento é provavelmente um integrante de uma equipe pedagógica da secretaria que visita a escola periodicamente, não o suficiente para atender à demanda real da unidade. Os registros emitidos pelo segundo grupo (segunda amostra – 11 participantes) apresentam o psicólogo próximo da escola e relacionado aos quadrantes de assistência/segurança e de saúde. A visão da atuação do psicólogo na escola é diversificada e depende da percepção dos participantes de forma que registros também foram feitos reconhecendo tanto o psicólogo quanto o agente de saúde distante das relações com a escola e até mesmo completamente excluído da relação, no caso do psicólogo.

A figura do pastor é encontrada bem próxima à escola, talvez em função de trabalhos voluntários - palestras - proferidas pelo sacerdote. O sacerdote católico – padre - ocupa uma posição intermediária, sem uma participação direta nas atividades da comunidade escolar. O segundo grupo (segunda amostra – 11 participantes) apresenta os sacerdotes em posições oscilantes. As categorias *igreja evangélica* e *igreja* ocupam, segundo o primeiro grupo (primeira amostra – 05 participantes), espaços de maior proximidade da escola, provavelmente a proximidade se deve, além das palestras proferidas pelo pastor, à promoção de eventos como um jantar oferecido aos pais de alunos por uma igreja evangélica da região. Já o segundo grupo percebeu a igreja ora

muito próxima no relacionamento com a escola ora completamente excluída desta relação.

As relações com estabelecimentos comerciais e com comerciantes se apresentam em todos os níveis. De fato, as entrevistas mostraram que não há parcerias, apenas uma relação comerciante-consumidor. O grupo de entrevistados também registrou as instituições que trabalham a saúde bucal e odontólogas como relativamente próximas da escola. Opinião contrária foi expressa pelos participantes do segundo grupo que classificaram estes profissionais distantes na relação com a escola. As entrevistas mostraram que estas instituições são na verdade de caráter privado buscando antes de prevenir cáries, comercializar os seus produtos. A ação preventiva aqui ficou caracterizada como visando lucros mais do que os cuidados com a saúde dos educandos propriamente.

Juízes, e instituições como o ministério público, os promotores e o juizado da infância e adolescência, foram prioritariamente considerados distantes e excluídos das relações com a escola. Para os dois grupos os representantes da justiça nunca estão realmente próximos da escola. Os magistrados, procuradores e promotores foram considerados elitizados e distantes da realidade precária da escola. *Eu vejo que estas autoridades estão muito distantes da realidade escolar. Algumas decisões são tomadas em relação às escolas nem sempre são corretas. Acredito que eles acabam privilegiando mais os direitos dos adolescentes, não vendo o lado dos professores. Os deveres dos adolescentes não são explicados. No meu ponto de vista nunca vi essas pessoas aqui na escola. Promotores e juízes estão muito além da gente, eles estão muito lá, lá em cima, não participam assim da vida da escola, os conselhos a mesma coisa.*

Interessante notar que alguns participantes registraram as figuras dos alunos e dos professores no mapa. Os alunos foram registrados em uma posição intermediária nas relações com a escola e os professores apontados num grau de envolvimento e proximidade mais distantes.

A presença da polícia na escola é sentida nas suas várias manifestações, seja sob a forma das viaturas da polícia militar, pelo trabalho do batalhão escolar, ou o seu equivalente, a patrulha escolar. De uma maneira geral a polícia é encarada como bem próxima à escola, mas registros também apontaram para uma localização mais distante da escola e até mesmo completamente excluída das relações com a escola. A aparente contradição é melhor compreendida sob a luz das reflexões produzidas pelos grupos reflexivos que demonstraram que *a polícia dá segurança ao mesmo tempo em que*

assusta. A sua disponibilidade também é relativa, pois não se trata de algo espontâneo. Eles vêm quando ligam, se não ligar não vem. Então precisa, liga para a polícia, liga uma vez, duas, três vezes. De qualquer forma a polícia e as categorias afins, foram de longe, as mais citadas pelos entrevistados. Acredito que mesmo que seja de passagem, a patrulha escolar significa segurança (...) e sempre que precisamos, eles voltam rapidamente. O trabalho deles é prevenir a violência.

Os registros para pais, mães e irmãos de alunos ocuparam de acordo com os dois grupos, um espaço de relativa proximidade em relação à escola, porém registros equivalentes com a categoria familiares de alunos, foram registrados com frequência na linha de exclusão das relações com a escola de acordo com os dois grupos de participantes. O segundo grupo realizou registros das famílias dos alunos nos quatro quadrantes. Isso pode indicar o grau de importância atribuído à família. Segundo os participantes, as famílias devem estar presentes e atuar nos contextos variados da vida da escola. Esses registros corroboram com os relatos e discussões nos grupos reflexivos onde a presença e envolvimento dos pais na vida da escola é sentida e reclamada. Os familiares de professores e de funcionários foram reconhecidos como afastados das relações com a escola. Não há um envolvimento da família dos profissionais com o que ocorre ali. Os registros para as famílias realizados pelo segundo grupo, apresentaram as famílias tanto próximas como totalmente excluídas. As entrevistas individuais, todavia, dão uma possibilidade de uma ausência generalizada dos familiares da vida da escola. Segundo uma professora entrevistada os familiares dos professores e funcionários *estão distantes. Para ela os professores e funcionários separam muito a família do trabalho. É como se os dois não se misturassem.*

O serviço de saúde prestado aos integrantes da comunidade escolar é precário. Os registros no mapa para postos de saúde apresentam um serviço que é visto ora como muito próximo, ora como totalmente excluído das relações com a escola. Os registros provavelmente configuram uma oscilação entre o real e o ideal, já que as entrevistas mostraram que o posto serve à escola apenas para atender aos casos de emergência, especialmente, quando algum aluno se machuca. O mesmo padrão de registros é realizado pelos dois grupos. O primeiro grupo registrou os profissionais da saúde como o médico, oscilantes em todos os níveis na relação com a escola, exceto no nível das pessoas/instituições excluídas. Já para o segundo grupo o médico é encarado como um profissional mais distante das relações com a escola. Assim no imaginário dos integrantes da comunidade escolar, o médico está (ou deveria estar) bem próximo ao

mesmo tempo em que (na realidade) se encontra distante. Os registros para médico transcenderam ao quadrante da saúde, sendo realizados no quadrante da comunidade e da assistência/segurança.

As opiniões são divergentes quanto ao lugar das instituições que promovem a prevenção do uso de drogas. Elas são encaradas ora muito próximas da escola, ora excluídas da relação. O mesmo ocorre com os *Centros de Referência* e o *CAPS*. Acredito que, no primeiro caso, a força da geografia levou alguns participantes a registrarem estas instituições como próximas da escola, mas de fato, não há parcerias. A posição do *CAPS* registrada no mapa (círculo intermediário e pontilhado) da rede da escola e as entrevistas demonstram que esta instituição é praticamente desconhecida da maioria dos membros da comunidade escolar. A situação é mais grave no que diz respeito aos hospitais. Os dois grupos perceberam estas instituições como distantes ou completamente desligadas das relações com a escola, apesar da proximidade com uma rede de hospitais estabelecidos na região. A figura da assistente social é resgatada pelo segundo grupo que conseguiu enxergá-la presente na vida da escola, mas oscilante em graus de proximidade. A profissional integra a equipe de apoio pedagógico da secretaria que vem desenvolvendo um bom trabalho de apoio ao corpo de professores na escola. *Ela é uma profissional que está sempre presente, dando assistência às necessidades da escola.*

O primeiro grupo considerou o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente completamente excluído das relações com a escola. Já o segundo, conseguiu ver uma participação mais efetiva desse órgão em relação à escola. As entrevistas mostraram que o vínculo é tímido e deixa a desejar. *Acho que eles nunca ajudam. Você nunca os vê aqui no colégio. E eles deveriam estar aqui ... ajudando mais. O Conselho dos Direitos da criança e do Adolescente eu não sei nem onde fica este conselho... o juizado da infância e da adolescência nunca compareceu aqui, nunca os vi aqui.*

Já o Conselho Tutelar é reconhecido como protagonista de um papel importante no apoio e suporte à escola, todavia os participantes encaram que a função e as atividades do conselho ficam a desejar, pois parece existir para atender a interesses políticos. *Não estão muito distantes, mas também não estão próximos. O Conselho Tutelar deveria ser bem mais presente na escola, mas o que a gente vê é o seguinte, eles são muito mais para nos punir do que para nos ajudar ... eles são difíceis, não*

comparecem à escola, quando vem, e só vi uma vez, vêm porque houve uma denúncia...ele não é uma entidade assim tão confiável.

3.2.2. Questionários – ampliando a visão da rede social da escola

A compreensão dos dados apresentados no preenchimento do mapa é melhor elucidada e contextualizada a partir do preenchimento dos questionários.

O questionário fornece um perfil básico dos participantes ao mesmo tempo em que auxilia na discussão das características da rede para uma intervenção preventiva. Alguns detalhes tornam-se visíveis e colaboram para uma compreensão ampliada e verbal das representações gráficas disponibilizadas no mapa.

3.2.2.1. Dados dos participantes da pesquisa na segunda amostra

A maioria dos participantes eram alunos da unidade escolar pesquisada, sendo que 09 (81,8 %) eram do sexo feminino e 02 (18,2%) do sexo masculino; 06 (54,5%) eram católicos e 05 (45,5%) eram evangélicos. Responderam ao questionário 01 (9%) diretora, 03 (27%) coordenadores, 01 (9%) professora, 06 (54,5%) alunos, 04 (36%) cursavam ou já tinham concluído o ensino fundamental, 02 (18,2%) cursavam ou já tinham concluído o ensino médio e 05 (45%) cursavam ou já tinham concluído cursos de Pós-Graduação.

3.2.2.2. Sobre as características da rede da escola

Para 10 (90,9%) dos participantes todos os relacionamentos com os diversos segmentos sociais (pessoas/ instituições) foram representados no mapa por eles registrados.

3.2.2.3. Quanto à qualidade dos vínculos

Quanto à qualidade dos vínculos 09 (81,8%) dos entrevistados responderam que a escola pode contar com o apoio das pessoas/instituições que estão no mapa, mas ressaltaram que *deveriam, mas nem sempre podemos contar... não totalmente, mas na maioria das vezes* e que podem contar *com algumas dificuldades*. Segundo 07 (63,6%) dos entrevistados, as pessoas/instituições deveriam estar em outra posição em relação a escola, para os entrevistados eles deveriam estar mais próximos. Segundo os participantes *os pais poderiam procurar conhecer melhor os seus filhos para ajudá-los. A família deveria estar mais perto. As autoridades deveriam lutar pela escola. Como ponto fraco foi identificado a falta de compromisso dos pais e falta de um trabalho mais eficaz da escola*. Segundo os entrevistados, a família e a escola deveriam se aproximar mais.

3.2.2.4. Quanto ao tamanho da rede

A maioria dos participantes (63,6%) acredita que os registros das pessoas/instituições no mapa têm mantido a mesma configuração.

3.2.2.5. Quanto à densidade da rede

Conforme 06 (54,5%) dos entrevistados as pessoas/instituições que fazem parte da rede se conhecem ou têm algum tipo de relacionamento. No entanto essa afirmativa não é corroborada pelos demais participantes (45,5%). Segundo os entrevistados, na maioria das vezes não há um relacionamento.

3.2.2.6. Quanto à composição da rede/ dispersão geográfica

Segundo 06 (54,5%) dos participantes as pessoas/instituições registradas no mapa não moram ou estão localizadas próximas à escola. Isso significa, considerando a geografia da escola que o acesso, especialmente às instituições que poderiam apoiar a escola é fácil, embora, em muitos casos não haja um comprometimento com a unidade escolar. Para 08 (72,7%) dos entrevistados, a escola costuma acionar as pessoas/instituições registradas no mapa. As situações para tal acionamento normalmente giram em torno das necessidades da escola, desde os *eventos recreativos, ausência de alunos (evasão escolar) até as situações que implicam conflitos, tais como quando há briga ou roubo.*

3.2.2.7. Quanto à composição da rede /homogeneidade ou heterogeneidade

07 (63%) participantes responderam que há semelhanças entre as diversas instituições. As semelhanças identificadas foram: *a natureza das organizações, a saber, organizacional e funcional, a responsabilidade social em relação ao indivíduo, a educação, o fato de terem o mesmo objetivo, apesar de possuírem maneiras diferentes de agir.* Dentre as semelhanças os participantes também indicaram a *preocupação com a formação do aluno e o desejo de ajudar os alunos.* A maioria das instituições parceiras da escola é pública e os relacionamentos com a iniciativa privada são precários ou inexistentes. Para 08 (72,7%) dos participantes as pessoas/instituições costumam procurar a escola *nos momentos que precisam aprender e de saber, quando procuram parcerias, quando são acionadas (polícia), quando sentem necessidade, com exceção da patrulha, ou quando precisam de alguma coisa que venha da escola.*

3.2.2.8. Quanto à função da rede e as características de troca

a. Apoio

De acordo com 06 (54,5%) dos participantes a escola possui interlocutores para as suas dificuldades e o apoio para as suas necessidades vem através da diretora, de um vereador local, da equipe multiprofissional da Secretaria e pela patrulha escolar.

b. Regulação social

A imagem social da escola é positiva para 08 (72,7%) dos participantes.

c. Complementariedade

Para 08 (72,7%) dos participantes, quando necessita a escola recebe ajuda material e de serviços *de políticos e de editoras*. Ao mesmo tempo, o mesmo quantitativo registrou que necessita de ajuda das pessoas/instituições indicadas no mapa.

3.2.2.9. Sobre a interação entre a escola e as famílias

Segundo 10 (90,9 %) a escola se relaciona bem com a família dos alunos, porém outros 06 (54,5%) responderam que a escola necessita ou precisaria mudar a relação que mantém com as famílias. De acordo com 05 (45,5%) dos participantes não há necessidade de mudança na relação família-escola. De forma contraditória, para 08 (72,7%) as famílias se sentem próximas da escola, mas quando há questões sobre drogas, famílias e escola não estão juntas. Para 10 (90,9%) dos participantes, as famílias acreditam que podem contar com a escola em situações relacionadas ao desempenho dos alunos, uso de drogas, nos momentos difíceis e em questões ligadas ao processo educativo. Para uma participante, *em qualquer situação a escola está disponível para ajudar a família no que elas precisam*.

3.2.2.10. Sobre a interação entre a escola e as instituições de Assistência/segurança

Conforme 09 (81,8%) dos participantes a escola conta com o apoio de órgãos/instituições que lhe prestam assistência tais como *assistência social, fonoaudióloga, Secretaria de Educação, patrulha, polícia militar, equipe multiprofissional e o conselho tutelar*, mas para 06 (54,5%) dos participantes, as necessidades da escola não são atendidas pelos pólos de assistência. *Existe uma procura grande e poucos profissionais*. Segundo 07 (63,6%) os adolescentes usuários de drogas não são prontamente atendidos por instituições de assistência aliadas à rede da escola. Todos os participantes da pesquisa entendem que a escola conta com o apoio de órgãos/instituições que promovem a segurança da escola e mantém parceria com o conselho tutelar da região. Apesar disso, acrescentaram que o conselho está *muito distante do dia-a-dia da escola*. Dos participantes, 09 (81,8%) destacaram que a escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com as instituições de assistência.

3.2.2.11. Sobre a interação entre a escola e a saúde

Da porcentagem total dos participantes, 09 (81,8%) responderam que a escola não mantém programa em comum com as instituições de saúde; Para 07 (63,6%) dos participantes acreditam que as unidades de saúde não são acionadas pela escola quanto aos problemas de drogas, isso ocorre apenas *algumas vezes, através de palestras*. A escola não mantém nenhuma parceria com CAPS-AD, dado confirmado por 08 (72,7%). Segundo 09 (81,8%) dos entrevistados a escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com as instituições de saúde. Para eles a escola deveria *fazer parcerias com as unidades de saúde*.

3.2.2.12. Sobre a interação entre a escola e a comunidade

Segundo 07 (63,6%) dos participantes a comunidade não costuma buscar a escola para compartilhar problemas ou sugerir programas educativos, exceto em situações de *inaugurações, Combate à Dengue, obesidade e caminhada pela paz*. Segundo 08 (72,7%) dos participantes a escola mantém parceria com uma igreja evangélica próxima à escola, mas não alimenta nenhuma parceria com outra organização de ensino/ cultura/ esportiva. As exceções ficam por conta de faculdades e de museus. Para 08 (72,7%) a escola também não conta com o apoio de empresários locais, exceto *muito raramente*, nem há parcerias com estabelecimentos comerciais/industriais da iniciativa privada.

Na percepção de 08 (72,7%) dos participantes a escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com a comunidade. *Ela necessita formar parcerias e estreitar relacionamentos para elaboração de projetos que beneficiarão a ambos*.

3.2.2.13. Sobre drogas e a rede da escola

De acordo com 08 (72,7%) dos participantes a escola não recebe apoio para as atividades voltadas para a prevenção do uso de drogas. Consoante 07 (63,6%) registraram acreditar que a escola conhece e compartilha a forma de abordagem dos outros componentes da sua rede sobre o uso de drogas. Foram lembradas como instituições que promovem a prevenção, os médicos, a polícia e a equipe multiprofissional da Secretaria.

3.2.2.14. Sobre o preenchimento do questionário

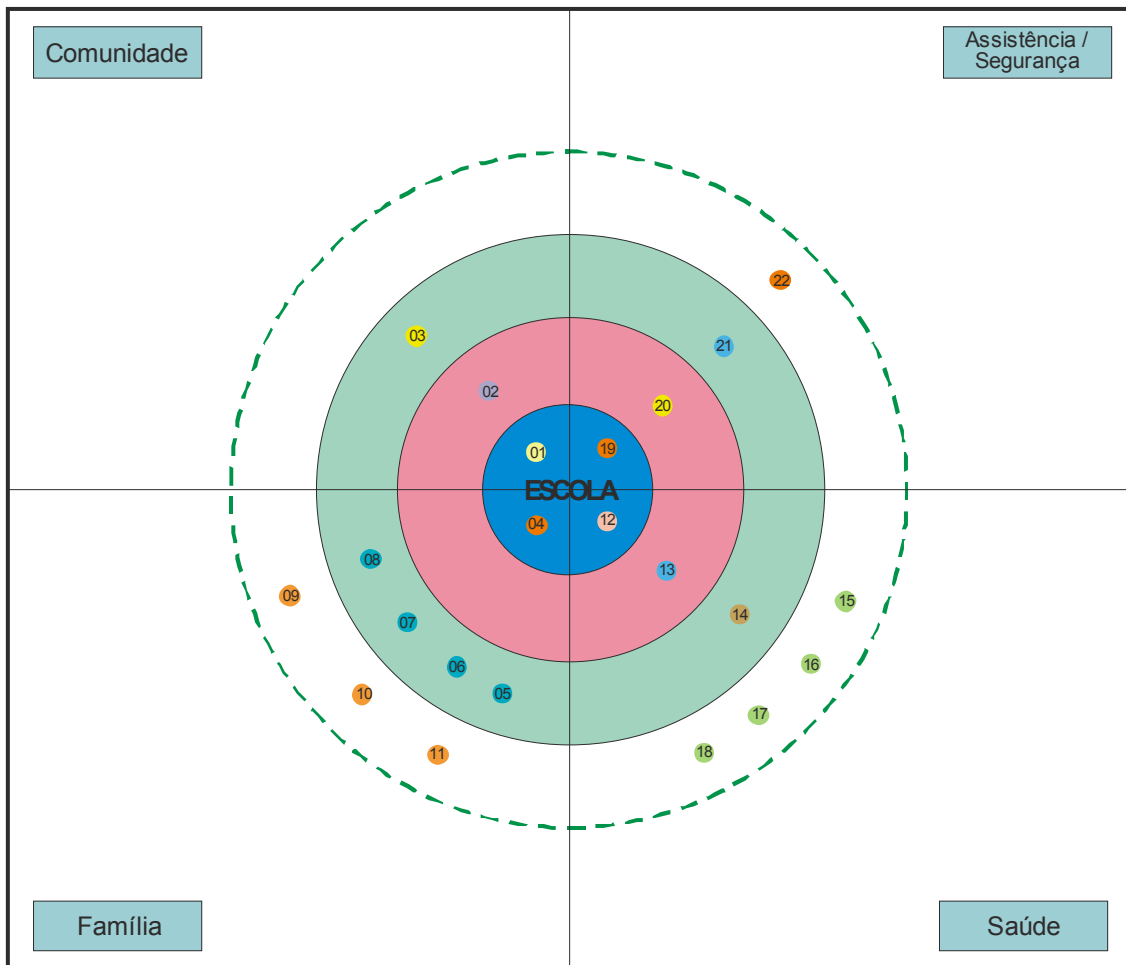
Todos os participantes (100%) responderam acreditar que o preenchimento do questionário é importante *para o crescimento da escola* e 10 (90,9%) dos participantes responderam que entenderam o questionário.

3.2.3. Compreendendo as redes sociais da escola a partir dos grupos reflexivos

Figura 5 - Mapeamento da rede social da escola – Grupo reflexivo -1ª Fase

Universidade de Brasília - UNB
 Instituto de Psicologia
 Departamento de Psicologia Clínica
 Programa de Pós-Graduação
 Programa de Atenção às Dependências Químicas - PRODEQUI

MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA



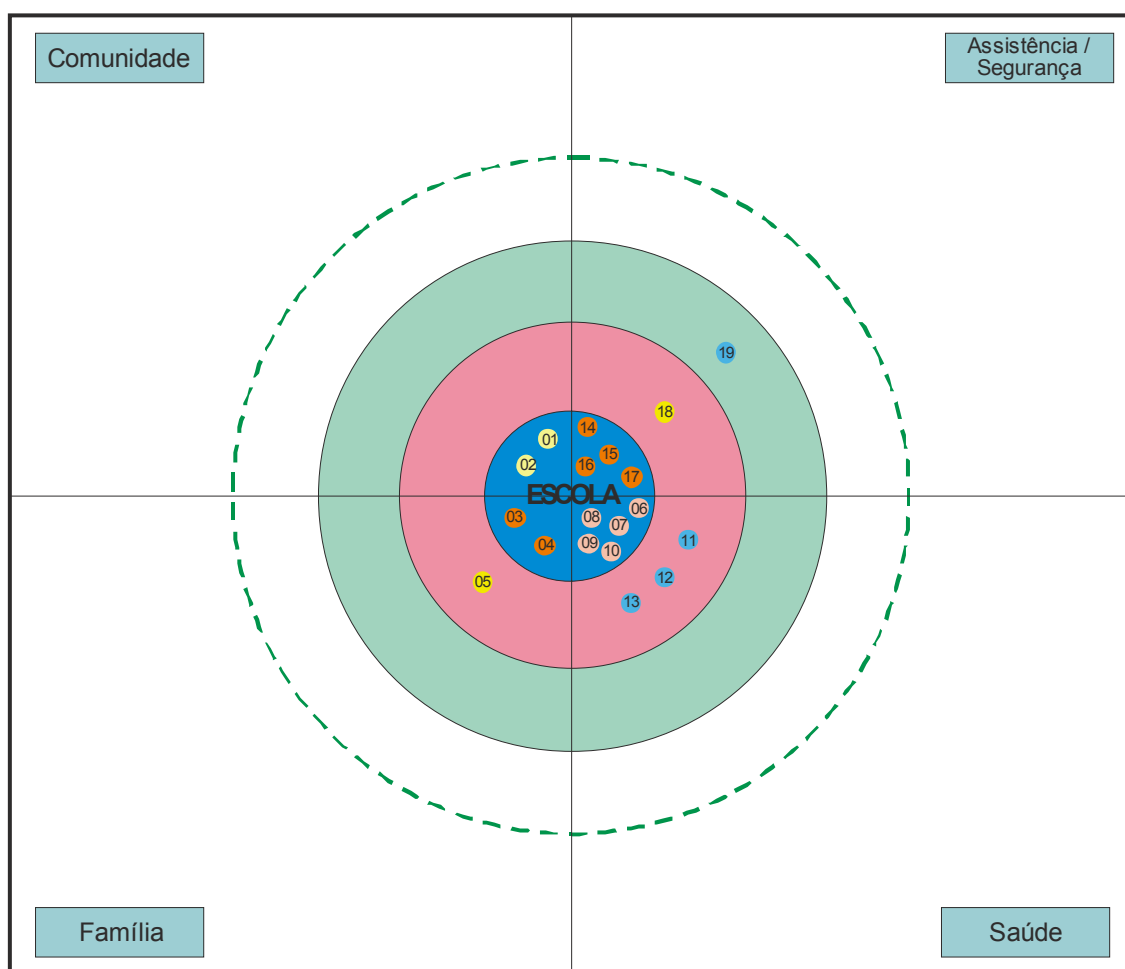
RESULTADOS OBTIDOS - 1º GRUPO REFLEXIVO

LEGENDAS:

| | | |
|------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 01 - Professores | 11 - Amizade | 21 - PROERD |
| 02 - Igreja | 12 - Amizade | 22 - Secretaria de Educação |
| 03 - Alunos | 13 - Igreja | |
| 04 - professores | 14 - Família | |
| 05 - Amizade | 15 - Secretaria de Educação | |
| 06 - Pais | 16 - Respeito | |
| 07 - Conversar | 17 - Psicólogos | |
| 08 - Família | 18 - Médicos | |
| 09 - Amor | 19 - Polícia | |
| 10 - Família | 20 - PROERD | |

Figura 6 - Mapeamento da rede social da escola – Grupo Reflexivo - 2ª Fase

Universidade de Brasília - UNB
 Instituto de Psicologia
 Departamento de Psicologia Clínica
 Programa de Pós-Graduação
 Programa de Atenção às Dependências Químicas - PRODEQUI
MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA



RESULTADOS OBTIDOS - 2º GRUPO REFLEXIVO

LEGENDAS:

- | | |
|---------------------------|-------------------------------------|
| 01 - Associação de Bairro | 11 - CAPS-AD |
| 02 - Grêmios Estudantil | 12 - Hosp. Doenças tropicais |
| 03 - Família de Alunos | 13 - Hospitais |
| 04 - Pais | 14 - Inst. Prevenção |
| 05 - Pais de Alunos | 15 - Conselho Tutelar |
| 06 - Psicólogos | 16 - Cons. Dir. Criança Adolescente |
| 07 - CAPS-AD | 17 - Conselheiros |
| 08 - Hospitais | 18 - Batalhão Escolar |
| 09 - Postos de Saúde | 19 - Polícia Militar |
| 10 - Inst. prevenção | |

3.2.4. Resultados de uma interpretação hermenêutica dos grupos reflexivos.

Os diálogos provenientes da primeira e da segunda reunião dos grupos reflexivos nos mostram como a rede social da escola é vista pelos participantes e aspectos que até aqui não foram percebidos no processo de mapeamento das redes sociais da escola.

3.2.4.1. Contextualização sócio-histórica

Localizado no coração do Brasil, o Estado de Goiás é rico em recursos naturais. Ao longo dos anos, sua história foi formada a partir de povos que se instalaram no centro-oeste. A identidade goiana foi formada por diversas raças. As maiores contribuições vieram de portugueses, índios, afros, ingleses, árabes, italianos, japoneses, espanhóis e alemães. Além disso, Goiás sofreu forte influência de mineiros, paulistas e baianos, que trouxeram para o estado grandes contribuições culturais e mão de obra para o desenvolvimento do estado. Essa miscigenação de raças proporcionou ao Estado de Goiás uma marca própria cunhada por uma grande diversidade cultural e que tem sido caracterizada pelos escritores goianos como *goianidade*.

Goianidade é o termo utilizado para o resgate da cultura, das tradições e dos costumes do Estado.

Historicamente o povo goiano tem sido conhecido como um povo simples que gosta de contar causos e fazer amigos, sendo hospitaleiro e cordial para com aqueles que visitam o Estado (Nunes, 2008). Além destas características o povo goiano tem sido reconhecido como um povo de lutas e de muitas conquistas. Goiás se destaca pela agricultura e agropecuária, mas nas últimas décadas tem revelado grande potencial, junto às demais unidades da Federação.

A economia goiana gira em torno da agropecuária e nos últimos anos registrou um acelerado crescimento da indústria. Inúmeras cidades goianas, a começar pela capital, têm sido reconhecidas pela qualidade de vida que oferecem aos seus habitantes e com isso atraindo grande contingente de pessoas provenientes de diversas regiões do país.

A unidade escolar pesquisada situada em Goiânia foi organizada por uma sociedade composta pelas religiosas da “Congregação da Sagrada Família”, iniciando seus trabalhos educacionais aos 25 dias de Março de 1961. A escola está localizada em uma região privilegiada no que se refere às benfeitorias governamentais, possui ruas, em grande parte, pavimentadas e bem conservadas. Apresenta rede de água tratada e energia elétrica, contando com boa distribuição de ônibus, comércio variado e posto de

saúde. Segundo os professores que atenderam ao curso de formação para educadores de escolas públicas (Ferreira, 2007), tem havido um crescimento da frota policial, fator este, que têm coibido a violência e favorecido à valorização dos moradores. O lazer fica a desejar, muitos alunos ficam nas ruas jogando bola ou em *Lan House*, todavia podem contar com esportes diversificados oferecidos pela Universidade Católica de Goiás, localizada bem próxima a eles, com horários em contra turnos das aulas. Alguns alunos ainda contam com o auxílio de ficar durante o contra turno, no PETI (programa de erradicação ao trabalho infantil), onde são desenvolvidos trabalhos diversos com a proposta social de retirá-los da ociosidade e das ruas. Os alunos da unidade representam uma diversidade cultural e econômica bem contrastante. Alguns, provenientes da classe média, porém um número significativo em situação de miséria, e sem o acompanhamento dos pais para as suas atividades escolares. Segundo Ferreira (2007), a escola, muitas vezes, serve de refúgio para a família transferir sua responsabilidade e acreditar que seu filho naquele lugar está seguro e, acima de tudo, recebendo limites e educação o que muitas vezes tornou-se uma tarefa impossível para as famílias. A escola trabalha nesse sentido como uma aliada para o regate da cidadania de adolescentes e jovens da região. A escola também possui um grêmio estudantil em funcionamento na escola desde junho de 2006.

3.2.4.2. Análise formal dos grupos reflexivos

- a) Termos freqüentes: i) Pais sem tempo e envolvimento com a escola, ii) apoio da igreja católica e evangélica –*Por exemplo, pode contar com palestras, com igrejas, Houve uma parceria com algumas igrejas que estavam vindo aqui à noite, fazendo algumas orações.* iii) crença em soluções através de palestras educativas - *A polícia civil também tem um projeto (PROJETO ESCOLA SEM DROGAS). Sempre eles estão dando palestras, e é também um bom auxílio. Também tivemos aqui o trabalho do SEJA (Organização que trabalha a prevenção do uso de drogas em Goiânia). Não sei se consegue ajudar a todas as escolas, mas sempre que possível ajudam socialmente, sem falar em drogas em si, trabalhando a parte social, falando de amizade;* iv) omissão do governo - *O governo vira as costas né;* v) necessidade de um investimento maior da Secretaria de Educação na escola; vi) presença e apoio da polícia militar; vii) contribuição do PROERD – *A gente fez um curso do PROERD e ajudou bastante,* viii) a distância das famílias da escola – *Na minha opinião, a escola*

não pode contar com o apoio da família, porque a família está distante da escola; ix) as pessoas enxergam os problemas da escola; x) alunos não gostam muito de ler – Assim eu fico na biblioteca e é a coisa mais engraçada, eu quero relatar uma experiência minha. Muitas vezes as meninas senta lá. Entram e saem, mas na realidade os alunos não gostam muito de ler não... então eles gostam de ir lá, assim, olham os livros e saem; xi) alunos taxam como repetitivos algumas aulas e palestras voltadas para a prevenção do uso de drogas e para a saúde do corpo - ‘Ah mais vem de novo falar sobre AIDS’, aluno tem muito isso, a gente conhece, a gente que é professora sabe, tudo pra ele, ele já sabe, mas é que muitas vezes vem de uma forma que eles já estão cansados. Por exemplo, se for falar sobre gravidez porque que não traz algo diferente; xii) Atuação do grêmio estudantil – Segundo a presidente da associação estudantil o grêmio ... representa o colégio todo.

- b) Códigos da fala: i) apoio existente reconhecido, mas tratado com ceticismo- *A Secretaria tem muitos projetos, mas que não se realizam né? Pode contar com o apoio de muitos departamentos, mas resta saber se vai ter o apoio. (...) mas será que vai ter apoio?;* ii) esperança no envolvimento da família para a solução dos problemas – *Se a família estivesse presente na escola;* iii) o capitalismo contribui para a distância das famílias da escola; iv) dificuldade dos pais em conciliar trabalho e assistência aos filhos – *Mas como hoje é muito difícil. O mundo é capitalista, tem a necessidade de trabalhar. A ausência dos pais é de 99%;* v) Pais não estão conseguindo dar conta da educação dos filhos, se mostram impotentes – *uma das peças principais para que vá bem... esta situação do aluno, tem que ser os pais, eles acabam deixando a educação dos filhos, tudo por conta da escola. Na realidade, a situação tá tão difícil, que ele manda os filhos para a escola, né... assim, ‘nossa tô livre desse menino’ ;vi) policiais bandidos- *A gente não pode contar com a polícia, porque a maioria dos policiais são bandidos;* vii) A atuação do conselho tutelar - *Ao imaginarem a vinda de representantes do conselho na instituição esboçam resistência – O conselho tutelar, assim, os alunos já ficam com medo, ‘oh amanhã eu já não apareço aqui’.**
- c) Quanto às estruturas profundas de posicionamento – i) Incoerência entre o desejo manifesto por parcerias e a prática onde se observa um estado de passividade – *em vez de cada qual ir cuidar do seu problema e a escola tentando levantar*

sozinha... eu acho que se o pessoal se unisse, trabalhar juntos, em grupo... faz a força, né? Se pensasse dessa forma (...) um ajudando o outro; ii) Reconhecimento da passividade e da necessidade dos integrantes da comunidade escolar atuarem como agentes de transformação – Foi que nem eu falei pra você, pra chegar ai falta muita coisa (...) falta muita humildade, muito reconhecimento, muito querer mesmo, não só querer que te ajudem, mas ajudar também é importante (...) Falta mais bom senso né? Correr atrás das coisas (...) Eu acho que não cabe a gente só ficar falando o que tal pessoa tem que fazer. Então tem diretor, tem professor, tem funcionário, tem aluno também. Eu acho que o aluno faz grande parte pra poder isso acontecer. iii) sentimentos de impotência e de isolamento para a resolução dos problemas – Nós professores atuantes, só podemos contar com o nosso próprio trabalho; iv) O papel da polícia - a presença e apoio da polícia são reconhecidos mas considerado restrito – A polícia está próxima, mas este próximo é entre aspas. Nós que estamos aqui no dia a dia, na realidade, a gente vê que este próximo (...) estão vindo aqui, mas quando a gente precisa deles, não tem. A. polícia é reconhecida e percebida como um agente de segurança ao mesmo tempo em que é encarada como uma ameaça - A polícia vindo à escola, é pior, eles falam assim ‘ a polícia ta atrás de mim, nem na escola no outro dia eu volto’ então é difícil; v) Iniciativa na busca de parcerias encarada como negativa – Mas a questão é que a escola tem que ir atrás. Infelizmente é assim, ela (a escola) tem que dar o primeiro passo; vi) Medo dos pais, em relação à segurança dos filhos; vii) Comparação depreciativa entre a estrutura da rede estadual e a rede municipal de educação de Goiânia.

- d) Quanto a estilos de argumentação - i) Negação da diretora quanto ao uso de drogas por parte dos alunos nas dependências da escola- *Pelo menos na dependência da escola não. Se usam, é lá fora, aqui dentro não!;* ii) A aproximação das famílias junto à unidade escolar depende hoje exclusivamente das mesmas, uma vez que a escola já tem feito a sua parte; iii) Crença de que uma maior divulgação e sensibilização via meios de comunicação sensibilizaria novos parceiros; iv) A escola está mais presente na vida do aluno do que a família- *Então quem está mais presente na vida do aluno? A escola. Nós professores atuantes, só podemos contar com o nosso próprio trabalho;* v) Tentativa de apresentar uma imagem positiva das estruturas de poder,

representada pela aluna que é presidente do grêmio e que alimenta vínculos tanto com a Secretaria de Educação e com um vereador local para a viabilização de seus planos e projetos junto à associação estudantil que preside - *Assim nós temos um vereador que apóia muito o colégio, que é o Vereador. Ele está sempre presente quando o colégio precisa, de algum apoio cultural, de alguma idéia, algum evento, ele está sempre presente. Tem também a Secretária da Educação. Ela já esteve presente aqui no colégio que dá (...) dá não (...) a gente tá tentando puxar a atenção dela aqui pro colégio e pra região também, pros colégios;* vi) O grêmio estudantil é defendido como uma organização atuante na escola, mas não é reconhecido pelo grupo - *Mas espera aí, vamos pensar, funciona desde quando? Pra você ver foi feita uma entrevista como ele disse (...) e em nenhum momento o grêmio foi mencionado.*

3.2.4.3. Interpretação/reinterpretação

- a) Do ponto de vista dos participantes: i) Reconhecimento dos sintomas; ii) Responsabilização de terceiros pela ausência de parcerias benéficas para a escola; iii) A escola pode contar concretamente com os organismos de segurança e de contensão social, representados pela polícia, mas a instituição policial é encarada com ambigüidade, talvez porque exerça um papel ambíguo, ora representando a autoridade que protege, ora representando a tirania de um sistema que oprime os mais fracos; iv) A crença na impossibilidade de unidade na diversidade - *Não adianta a gente reunir este grupo aqui... ela* (aponta para uma participante), *ela* (aponta para outra participante) *dá outra, aí começa aquela discussão, porque aí passa a ter discordância. Então pra mim te falar qual seria o final, não tem como. Porque se trata de pessoas e as pessoas são muito diferentes, sempre vai ter uma discordância, mas o legal seria que entrasse num consenso né?, pra decidir o melhor pro colégio;* v) As iniciativas voltadas para a prevenção são encaradas com ceticismo pelos alunos, visto que de alguma forma já ouviram e participaram desta temática na sala de aula; vi) Participação da igreja- Alguns participantes relataram positivamente o trabalho desenvolvido pela igreja - *Houve uma parceria com algumas igrejas que estavam vindo aqui à noite, fazendo algumas orações* e segundo uma mãe de aluno, que também é funcionária da instituição (a escola) *pode contar com ... igrejas*, mas o ensino e o trabalho religioso é visto com ceticismo por parte dos

alunos, que consideram uma perda de tempo – *estudar ensino religioso ninguém gosta. Quando vai um pastor na sala (acena a cabeça negativamente), eles não querem saber, padre então, alguém da igreja católica... ‘Ah o quê, que eu vou ouvir, ficar perdendo tempo ouvindo’*; vii) O distanciamento dos órgãos que deveriam atuar como parceiros constantes da escola e das crianças e adolescentes gera um certo estranhamento – *Eles (Conselho Tutelar) não têm um contato com eles (alunos), então quando vem eles assustam*; viii) A escola pode contar com a Secretaria de Educação e com um vereador; ix) A atuação de uma organização de estudantes – grêmio – é defendida pela presidente mas a formação e atuação do grêmio estudantil é desconhecida e questionada pelo grupo – enquanto a presidente do grêmio apresenta o seu trabalho. *A diretora me pediu para sair de sala em sala pra ta arrecadando algum dinheiro, pra ta comprando absorvente pra ta trazendo pro colégio, porque alguns vêm despreparados, e acaba que a diretora tem que comprar o absorvente, né. Ela não tem obrigação (...) eu saí da casa dela e fui em todas as salas e falei com as representantes (...)*, o grupo responde *Na minha sala não falaram*.

- b) Do ponto de vista crítico : i) A escola supervaloriza a falta de apoio externo, ao mesmo tempo em que se autocritica reconhecendo suas faltas e atribuições, enquanto instituição. Em outras palavras, há uma tendência para buscar culpados externos, mas na medida em que as reflexões se aprofundam, o grupo consegue identificar a sua parcela de responsabilidade quanto ao estado atual da vida relacional da escola; ii) A procura por parcerias é extremamente limitada. Há uma conformidade, acomodação com as inadequações oferecidas pelo sistema – *A gente tem buscado, corre atrás de palestras. Fomos atrás da polícia militar, do PROERD*; iii) Modelos positivos não são identificados no contexto local dentro do município, mas em outras cidades e estados – *São Luiz dos Montes Belos e Tocantins*; iv) As iniciativas voltadas para a prevenção ao uso de drogas parecem não contemplar as necessidades e os interesses dos alunos, apesar disso, a direção da escola e os professores insistem no sentido de buscar parcerias para a promoção de novas parcerias, com vistas à realização de novas palestras. v) A polícia, a igreja, e o conselho tutelar são encarados com descrédito. É possível interpretar esta resposta como uma resistência tanto ao poder do estado quanto ao poder da igreja. O estudo nos permite refletir que não apenas a lei de Deus é contestada, mas também a lei dos homens tem se mostrado inadequada para

aqueles que não foram ouvidos na sua elaboração; vi) a distância e omissão dos órgãos que deveriam apoiar a escola e a comunidade escolar num todo, como o conselho tutelar, minam a autoridade destes órgãos no sentido de promoverem ou mediar as mudanças necessárias dentro do contexto escolar; vii) A postura e discurso da presidente do grêmio é voltada para uma pacificação dos ânimos, reconhecendo a classe dominante através de uma pequena aproximação com a escola e realização de modestas contribuições como é o caso do vereador, em festas e pequenos eventos realizados pela escola.

- c) Reinterpretação : i) Os membros da comunidade escolar incorrem no mesmo erro daqueles que criticam, a verborragia. Apesar de estimulados, conseguiram nomear poucas medidas práticas que pudessem corroborar a melhoria das relações nas parcerias entre a escola e pessoas/instituições. A postura passiva e conformista é confrontada pela fala final de um aluno (do ensino fundamental 1ª fase) presente na reunião –*A quadra da escola vai ser coberta? Ou seja, o que de concreto será feito para atender às nossas necessidades da escola?* ii) Desconsideração pelas demandas reais dos membros da comunidade escolar - Iniciativas voltadas para a prevenção do uso de drogas como as citadas pelos professores nos dois grupos reflexivos, não levam em consideração as reais demandas dos membros da comunidade escolar, desta forma estão tecnicamente fadadas ao fracasso e a decepção. A reclamação, porém, através da resistência às palestras e dos falatórios, pode estar indicando o não atendimento de outras necessidades fundamentais que não estão sendo contempladas nem pelo governo, nem pelas organizações da sociedade civil; iii) Estranhamento entre as partes - Verificamos um estranhamento da escola com os demais setores da comunidade onde está inserida, como o conselho tutelar, o ministério público, os serviços de assistência social e da saúde. A crise promovida pelo isolamento é agravada e o resultado mais trágico é o que foi expresso por uma integrante do corpo docente da escola *A escola está desprotegida!*; iv) Confusão - Ao refletir sobre os registros realizados pelos participantes, ficou demonstrado que, apesar da localização geográfica estratégica da escola, os participantes apresentaram um certo nível de angústia, confusão e isolamento. *Tá tudo próximo, mas ao mesmo tempo tá tudo longe!*; v) Uma breve análise das ações e motivações da presidente do grêmio aponta para uma relação estreita da mesma com a esfera do poder, através dos contatos feitos com a Secretária de Educação e com o

vereador local. Os vínculos com políticos (vereador) e técnicos de uma instância superior (Secretária Estadual de Educação) são mantidos para fins eleitorais; vi) Soluções para o fortalecimento da rede social da escola e elaboração de soluções para os problemas da escola - Diante do cenário relacional da instituição e partindo da proposta de intervenção em rede que propõe ajudar a própria comunidade a assumir a responsabilidade pelo gerenciamento dos seus recursos e pela solução dos seus problemas (Carvalho e Cols, 2004), entendendo que os próprios sujeitos tem o potencial de enxergar e visualizar respostas adequadas e pertinentes para os seus próprios problemas. O grupo emitiu possíveis respostas para o fortalecimento da rede social da escola. As soluções são na verdade palavras de esperança, sugestões para o rompimento com a estagnação e o isolamento e são apresentadas pelo grupo sob a forma de necessidades. É claro que as soluções apresentadas aqui não abarcam a todas as demandas, pois como destacou Pedro Demo (1997) “O que não se fala detém a comunicação importante, e nunca sabemos completamente o que se queria dizer, ainda que seja isso o que de fato interessa”(p.186). A primeira necessidade apresentada pelo grupo foi deixar as diferenças – *Eu acho que primeiramente tem que despir-se das diferenças. Eu acho que é a primeira coisa. Deixar as diferenças de lado e buscar a união* - numa possível alusão ao princípio da complementaridade. As diferenças devem deixar a função de divisão para atuarem como um elemento agregador pela via da provisão das necessidades do outro. As diferenças não deveriam afastar, mas unir, de forma a contribuir, repartir o que nos sobra com o outro que está em falta, deixando o egoísmo e o individualismo doentio para valorizar a ética da solidariedade onde o outro ganha importância e, assim encontrar, alcançar soluções complexas para problemas complexos. A segunda necessidade é a de otimizar o potencial do trabalho em comunidade – *Eu acho que se a escola como um todo, se todo mundo que faz parte desta comunidade, se unir e buscar eu acho que a gente consegue (...)* Ah eu sozinha não dou conta. A terceira necessidade está relacionada ao sentimento de urgência, numa reação ao comodismo, ao oportunismo, ao casuísmo das conveniências individuais que abandonam e confinam as necessidades do coletivo apenas como uma tarefa do outro (político, técnicos da secretaria de educação, especialistas e as famílias dos estudantes) – *O que não pode é cada um olhar para si e pro seu próprio umbigo e falar: ‘do*

jeito que tá, tá bom! Então vou ficar aqui! (...) eu vou ficar aqui esperando ver se alguém começa'. Então eu acho que quando a gente espera alguém começar, alguém fazer, então a gente acaba não fazendo nada e não ajuda em nada. A quarta necessidade apresentada pelo grupo implica em um compartilhar da responsabilidade, pois todos são responsáveis e devem buscar participar do processo de transformação –Não adianta uma pessoa fazer algo sozinho, tem que ser todo mundo pra levantar.

A tabela 4 apresenta as respostas obtidas para as três perguntas endereçadas aos participantes dos dois grupos reflexivos.

Importante ressaltar que as respostas não são equivalentes ao número dos participantes, visto que nem todos responderam efetivamente aos questionamentos. O quadro abaixo é na verdade mais uma tentativa de tentar apresentar as repostas dadas nos grupos reflexivos e que são de alguma forma, uma ressonância das respostas elencadas durante o mapeamento realizado pelos grupos reflexivos. Salta aos olhos a discrepância no que diz respeito à parceria com a polícia que é vista com ambigüidade, visto que alguns a encaram como um grande parceiro da escola, enquanto outros vêem a instituição com ceticismo.

Tabela 4: Perguntas e respostas obtidas nos grupos reflexivos.

| FALAS NOS GRUPOS REFLEXIVOS | |
|--|--|
| PERGUNTAS | RESPOSTAS |
| 1. Na opinião de vocês com quem a escola pode contar para um trabalho de prevenção do uso de drogas? | PODE CONTAR COM: 1.1.a polícia militar 1.2.departamentos – da Secretária de educação e de outros órgãos públicos 1.3. igrejas e a 1.4.a secretaria de educação. |
| | NÃO PODE CONTAR COM: 1.5. A família 1.6. A polícia e 1.7. O governo. |
| | PODERIA CONTAR COM: 1.8. O conselho tutelar; 1.9. OnGs para ajudar mais a escola e ; 1.10. Os postos de saúde da região. |
| 2. O que a escola tem feito, no sentido de buscar outras parcerias? Se não há colaboração, o que é que a escola tem feito para buscar outras parcerias? | 2.1. Buscado ajuda da polícia; 2.2. Curso de capacitação para os professores; 2.3. Deixar o individualismo e trabalhar em grupo; 2.4. Entrar em contato com as pessoas; 2.5. Buscar o apoio da Secretaria de Educação; 2.6. Desenvolvimento do projeto amigos da escola; |
| 3. Quais os caminhos que nós poderíamos adotar? O que é que nós poderíamos fazer pra tornar isso aqui que nós registramos uma realidade, pra tornar esta rede aqui articulada? Este ideal aqui uma realidade? | 3.1. Adotar uma postura de humildade, reconhecimento (dos problemas) e de disposição para ajudar - <i>Foi que nem eu falei pra você, pra chegar ai falta muita coisa... Falta muita humildade, muito reconhecimento, muito querer mesmo, não só querer que te ajudem, mas ajudar também é importante.</i> 3.2. Bom senso - - <i>Falta mais bom senso né;</i> 3.3. Correr atrás das parcerias - (Falta) ... <i>Correr atrás das coisas;</i> 3.4. Maior mobilização dos alunos - <i>Eu acho que o aluno faz grande parte pra poder isso acontecer;</i> 3.5. União entre os membros da comunidade escolar - <i>Todo mundo ir buscar pra... se unir...pra sair alguma coisa.</i> |

4. Conclusão - *Redes-cobrando* caminhos na avaliação das redes sociais da escola, rumo à prevenção do uso de drogas

4.1. Um olhar solidário sobre a escola

Ao avaliar a minha própria percepção da escola pesquisada proponho fazê-lo com um olhar solidário de quem está de várias formas implicado com a condição da instituição. Tal postura nada tem a ver, como ressaltou Spink (2004), com uma ação de caridade ou meramente de ajuda, mas qualifica-se como uma ação de compartilhamento dos problemas e de busca de novas soluções e estratégias.

Costa (2001) acredita que um envolvimento na construção de redes sociais é, na verdade, uma aposta no estabelecimento de redes de solidariedade entre as pessoas, onde o potencial de cada um é explorado e compartilhado na busca de soluções que beneficiem a todos os envolvidos (p. 47).

Segundo Peter Spink (2004) “solidariedade se refere ao ato de juntar-se aos outros de maneira sólida... dividindo as mesmas responsabilidades e conseqüências” (p.107) Durante a pesquisa foi possível perceber que os desafios e problemas enfrentados pela escola eram de várias maneiras pertinentes não apenas aos membros da comunidade escolar. Os desafios da escola estavam relacionados diretamente ao macro-contexto no qual esta está inscrita, envolvendo pesquisador, participantes, a realidade econômica e histórica dos moradores no entorno, município, estado e enfim, de todo o país. Cabe à sociedade como um todo entender que o bom desempenho da escola na formação de pessoas requer uma atitude solidária da família, dos órgãos de saúde, de assistência e segurança. As estratégias devem ser articuladas a fim de que o todo conspire a favor das partes e as partes conspiram a favor do todo. Se o ensino público está com problemas em nosso país, cabe a cada um de nós tratarmos com carinho as demandas que de lá procedem. Aspectos inegáveis como uma maior valorização do professorado, melhores condições de trabalho, o acesso a uma merenda escolar de qualidade são pontos que devem ser considerados. Também se coloca a necessidade de contratação de equipes multiprofissionais, como psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos, sociólogos e médicos para atender de forma integral às comunidades escolares em um trabalho constante e contínuo para contemplar a complexidade de suas demandas, as quais não podem ser ignoradas.

Desde o primeiro contato com um grupo de professores, funcionários, alunos e mães da unidade escolar quando foi apresentada a proposta de pesquisa, notei que a pesquisa intervenção realizada estimulou nos participantes uma reflexão e conseqüente reação frente à proposta de mobilização das redes sociais.

Percebi no grupo de educadores da unidade que as teorias propostas nos cursos de formação de educação continuada são apreciadas, mas nem sempre correspondem às práticas e vivências do contexto educacional nas escolas públicas. Ao serem questionados acerca do aproveitamento do curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, responderam que *foi muito bom, mas o difícil é colocar em prática!* O estudo mostrou que ao longo da carreira profissional os educadores acumulam angústias que, com o tempo, são traduzidas em decepção, gerando em muitos momentos um estado de impotência e confusão. Para González Rey, (2004) a idéia de atuar em rede não se coaduna com conteúdos universais, generalizações que atuem como determinantes do desenvolvimento humano, visto que o desenvolvimento de cada indivíduo e de cada grupo detém a sua própria dinâmica e depende totalmente do contexto e do momento sócio-histórico. Daí, a necessidade de uma reconstrução do conhecimento por aqueles que dele se nutrem. Talvez haja uma ignorância quanto ao que Pedro Demo (2000) chamou de aprendizagem reconstrutiva que se serve dos conteúdos já assimilados para a construção de novos conteúdos re-significados, dotados de natureza singular e apropriados para o contexto no qual se inscreve. Acredito que a frustração de muitos educadores se deve, pelo menos em parte, à tendência de aplicar receitas ou de trabalhar com soluções prontas em lugar da elaboração e construção de soluções participativas e contextualizadas (Sudbrack, 2006).

A cultura assistencialista arraigada no cotidiano brasileiro explica porque alguns professores e alunos participantes da pesquisa tenham perguntado acerca do benefício da pesquisa. O questionamento girava em torno do que a escola ou eles próprios ganhariam com a pesquisa. A proposta metodológica de construção de redes sociais para a prevenção do uso de drogas adota uma postura de contínuo reconhecimento do papel e das competências de cada um junto à comunidade local e global (Sudbrack, 2006). Esta proposta como ressaltada anteriormente, requer uma renúncia da postura passiva e projetiva onde apenas o outro é o responsável e culpado, quer seja o governo, os políticos, os gestores dos órgãos públicos, ao mesmo tempo em que há uma conivência com o sistema. “Urge, pois, que as políticas assistencialistas possam dar lugar às políticas de organização, num movimento de promoção de redes de

solidariedade tanto das famílias entre si como das instituições que se ocupam da proteção da infância, para que os serviços se integrem e se complementem” (Sudbrack, 2004-b, p.20).

Nesse sentido, ao propor a identificação da rede social da escola sugerimos um reconhecimento honesto do potencial dos integrantes daquela rede que são estimulados a um protagonismo consciente, em prol da própria comunidade.

Na ausência de instituições parceiras ligadas à saúde e assistência, a escola enquanto instituição mostra-se receptível aos relacionamentos possíveis. No caso da instituição estudada, a polícia se apresentou disponível para atender a uma carência de parcerias da escola. Na fala de uma professora a polícia militar *é a única instituição mais próxima da escola e que dá segurança*. O processo de avaliação da rede social da escola permitiu, entretanto, que os participantes pudessem visualizar outras possibilidades relacionais a serem buscadas. Não se trata de dispensar a parceria do segmento policial, mas de promover a relação com outros grupos e pessoas possibilitando novas perspectivas, experiências e funções sociais diferenciadas que poderão enriquecer a vida da escola. A perspectiva das redes sociais abre, nesse sentido, novos horizontes a serem conquistados. Isso, porém, demanda coragem para “conviver com os limites, para transformá-los em desafios, e enfrentarmos os desafios, para podermos superar os limites” (Demo, 2000, p.12).

A avaliação da rede social da escola permitiu que os participantes da pesquisa tomassem consciência da ineficácia de ações caracterizadas apenas pela emergência que visam apenas “apagar fogo”. Algumas instituições como o Ministério Público, magistrados, Juizado da Infância e Adolescência só são mobilizados quando o problema já está instalado. *Eles só vêm em ultimo caso, mas não me lembro de tê-los visto na escola. O que normalmente acontece é que os alunos, com medida sócio-educativa vêm para a escola com uma carta do juiz solicitando matrícula*. A avaliação da rede social permitiu uma compreensão de que para um trabalho de prevenção efetivo, as parcerias devem ser estabelecidas e fomentadas com uma ênfase positiva nas soluções. A insegurança de muitos professores se deve à falta de ferramentas, pois estes, sem estímulo e formação na área, não desenvolvem as competências necessárias para a resolução de problemas. Uma das participantes comentou acerca do mapeamento, *Achei interessante porque no dia a dia a gente não vê esse tanto de organizações relacionando com a escola, tanto na assistência quanto na saúde. Estes órgãos estão muito distantes da escola. Estes órgãos a gente vê mais pela mídia, mas aqui na escola*

eles não comparecem. A gente ouve falar de amigos da escola, mas pra falar a verdade isso nem sequer existe.

A importância dada à família é significativa, uma vez que os participantes da pesquisa estabeleceram uma relação muito estreita entre o processo de aprendizagem e o envolvimento dos pais na formação dos alunos. *Se houvesse mais presença e interesse dos pais para acompanhar os alunos as coisas estariam melhores. O ensino estaria melhor. A aprendizagem estaria melhor.* Se por um lado, a aprendizagem foi relacionada ao bom desempenho acadêmico dos alunos por outro, os entrevistados percebem que os pais de alunos com dificuldade no aprendizado adotam uma postura de afastamento da escola: *quando os alunos não vão bem os pais se afastam. Os pais mais próximos são daqueles alunos que vão bem!* . Em resumo, os participantes observam uma correlação entre os alunos com bom desempenho escolar e uma efetiva participação e envolvimento dos pais durante o processo. O inverso também é observado, visto que alunos com baixo desempenho são alunos cujos pais estão ausentes da vida escolar de seus filhos. *Alguns pais vêm à escola, mas os pais dos que precisam não vem (...) as famílias estão distantes, mas seria importante que estivessem bem juntas, pois a família é de suma-importância.* Para uma participante da pesquisa as famílias dos alunos não estão tão próximas da escola *por falta de responsabilidade, hoje em dia não está existindo família (...) as pessoas não comparecem (...) os pais não se importam com a vida escolar de seus filhos.* Os participantes também interpretaram o distanciamento da família das relações com a escola como uma falta de amor dos pais para com os seus filhos. *Os nossos alunos estão se sentido “desamados”, sozinhos. As famílias não estão dando o devido respaldo. Na verdade, eu acho que coloquei a família ali, porque eu gostaria que ela estivesse lá. Mas de fato, devido à vida corrida, a família desfacelada, ela está mais distante.*

4.2. Os desafios constantes na avaliação das redes sociais da escola

A avaliação das redes sociais da escola como uma estratégia de prevenção do uso de drogas permanece como um desafio. Pedro Demo (2000) destacou que no processo de aprendizagem “a marca da sabedoria consiste em tomar os limites como desafios e os desafios como empreitadas limitadas” (p.54). Se por um lado, ao avaliar e mobilizar as redes sociais devemos ir aos limites- conhecer o desconhecido, ouvir quem ainda não foi ouvido, ousar práticas que ainda não foram tentadas- por outro lado, cabe-nos a humildade de reconhecer que apesar dos esforços, nossas ações detêm em si

mesmas limites que sempre as caracterizarão como incompletas e inacabadas em toda a sua extensão. O desafio na avaliação e mobilização das redes sociais da escola, realça “a nossa pequenez para a complexidade da realidade, para o contexto do erro como condição normal” (p.54) frente à realidade das escolas públicas no Brasil, muitas vezes sucateadas em sua estrutura com professores mal-remunerados e funcionários insuficientes para atender à grande demanda. Constata-se, ainda, que alguns excelentes profissionais adotam uma postura de descaso e conivência nos estabelecimentos públicos de ensino e outra postura excepcional de grande profissionalismo na rede privada.

A própria visão clínica a partir do paradigma da complexidade nos ensina que o traçado humano é em sua essência imperfeito. Em todo o tempo temos que encarar a contínua mutabilidade dos sujeitos em uma dinâmica de criar sempre novos padrões conciliando ordem e desordem, o certo com o incerto. (Morin, citado em Neubern, 2004), A dinamicidade humana é refletida nas redes sociais. O mesmo se pode dizer dos problemas que em sua complexidade requerem uma busca dinâmica por novas soluções. Para Sluzki (1997) a realidade é sempre mutante nas formas, redes e contextos sociais. O sistema de relações de um indivíduo é, portanto, marcado por todo um conjunto de vínculos interpessoais, incluindo a família, os amigos, as relações de trabalho, de estudo, de inserções comunitárias e de práticas sociais. Esta rede de relações afeta os processos psicossociais, o bem (ou mal) estar do indivíduo, os transtornos de identidade e os processos de adaptação. O paradigma das redes sociais pode ser utilizado no sentido de implementar ações educativas e comunitárias. O desafio para os psicólogos que trabalham a prevenção do uso de drogas jaz na tarefa de criar condições para que os membros de uma comunidade compreendam o cenário no qual estão submersos e o estágio no processo de aprendizagem em que se encontram para operar e trabalhar por si mesmos através de ações solidárias.

Nesta pesquisa assumimos seu caráter interventivo na medida em que ela buscou dar consciência aos participantes da realidade relacional da escola. A realidade espacial “polícia-perto” e “famílias-longe” trouxe à tona o que se sabe, mas ao mesmo tempo se ignora. *Muitos pais estão vivendo para o trabalho e não trabalhando para viver.* A paternidade e a maternidade encontram-se em processo de franca terceirização. Os pais têm entregado a educação de seus filhos às instituições como a escola e polícia. “A sociedade atual abriga muitas contradições, e os pais não conseguem dar aos filhos o que a sociedade de consumo valoriza” (Povoa & Sudbrack, 2006).

Para Pascal, a ligação e o respeito entre as pessoas são estabelecidos pelo reconhecimento de que temos necessidades que somente o outro poderá atender a contento. O conhecimento em si e das necessidades advém a partir das interações (Najmanovich, 1995) e as redes sociais configuram um espaço por excelência para as interações humanas (p.72).

Não há dúvidas de que a polícia tem se disponibilizado para a realização de atividades fora da sua alçada, mas permitir, como advertiu Bravo (2003) que trabalhos de prevenção sejam desenvolvidos por setores que tem a finalidade principal de reprimir é uma postura no mínimo inadequada.

Trabalhar em rede demanda o trabalho e o envolvimento de todos, valorizando e descobrindo, juntos, o poder da cooperação para objetivos comuns em um clima de solidariedade e parceria (Duarte, 2006). Os cursos de prevenção do uso de drogas para educadores constituem resultados concretos e podem ser percebidos como resultado das políticas públicas do governo federal que a partir da Política Nacional sobre drogas - PNAD (2005) se propõe

Promover, estimular e apoiar a formação continuada (...) com a participação de todos os atores sociais envolvidos no processo (...) com o objetivo de articular e fortalecer as redes sociais. Visando ao desenvolvimento integrado de programas de promoção geral à saúde e de prevenção.

Todavia, no curso desta pesquisa observou-se que não basta o saber (Arduino, 2003). O repasse de informações científicas é importante, mas novos estudos devem ser desenvolvidos no sentido de propiciar um acompanhamento permanente e contínuo das práticas voltadas para a prevenção. As capacitações apoiando o ‘saber fazer’ através de ações e iniciativas originadas na escola, prevenindo o desânimo e o desfalecimento dos membros da comunidade escolar frente às dificuldades naturais do processo são de grande ajuda para auxiliar os membros da comunidade a ‘saber ser’. Nesse sentido, a prática de intervenção a partir das redes sociais é um recurso interessante, visto que “promove a integração e a complementaridade entre os diferentes segmentos envolvidos com a questão... atuando como instrumento de mobilização e de integração que confronta o processo de marginalização e de exclusão social” (Cinnanti, 2004, p.37)

A articulação entre a teoria e a prática conforme sugeriu Perrenoud (2002), constitui-se em um grande desafio tanto para educadores quanto para os educandos. Uma vez que o paradigma da complexidade enfatiza que o conhecer e o aprender se dão

a partir das relações, a interação entre o sujeito e o objeto, as relações entre os alunos e seus pares, professores e familiares são, portanto, uma condição fundamental para a construção do conhecimento (Moraes, 2004). Podemos deduzir que o processo de ensino-aprendizagem está pelo menos parcialmente, comprometido, uma vez que os vínculos positivos entre a escola e outras pessoas/instituições apresentados neste estudo, estão enfraquecidos. A escola não pode contar com a família, com serviços de saúde e de assistência e sobrevive sem o respaldo da comunidade local.

4.3. Aprofundando o diálogo com a comunidade

Pakman (1995) encara as redes sociais como uma metáfora de uma realidade social que nos permite falar e aprofundar as relações sociais, identificando seus atributos e características. As trocas na rede são fundamentais para a vida individual e coletiva.

De fato, esta pesquisa interventiva confirmou como indicaram Ramos e Sudbrack (2006) que a avaliação das redes sociais da escola estimula um aprofundamento do diálogo entre os membros da comunidade escolar. Foi possível perceber que os participantes da pesquisa puderam observar como as partes se enxergam. Os alunos participantes puderam criticar a própria postura dos alunos sem um envolvimento e comprometimento com os problemas da escola. Os professores e os funcionários reconheceram a sua postura passiva e a ausência de suas famílias do contexto escolar. Nesse sentido, a avaliação das redes propicia um desmascaramento, evidenciando o lugar de cada um em relação à instituição e aos outros. A falta de parceria da escola com os segmentos de saúde se faz notar e merece especial atenção na busca de otimização da rede para a prevenção do uso de drogas pelos educadores.

O último levantamento sobre o consumo de drogas entre estudantes realizado no Brasil (2005) apresenta um declínio na idade de iniciação do uso de drogas. Os resultados obtidos na avaliação da rede social da escola mostraram que o enfraquecimento relacional coloca a escola, os educandos, os professores e a própria sociedade em uma situação difícil. Sem a assistência e o acompanhamento das famílias, dos serviços de assistência e do apoio dos diversos setores da comunidade, a escola terá sua função social de formadora de cidadãos comprometida, uma vez que oferecerá uma formação precária aos nossos jovens.

4.4. Mobilizando a rede interna da escola para mobilizar a rede externa

O estudo indicou que articular a rede externa da escola implica, necessariamente, na articulação da rede interna. Os grupos reflexivos estimulam diálogos entre os participantes abordando temas que envolvem as funções, os direitos, os deveres individuais e coletivos.

Para pensar na rede externa o grupo se viu obrigado a interagir realizando trocas de conteúdos, percepções e pontos de vistas quanto aos problemas da escola e possíveis soluções para os mesmos. O processo de avaliação e, conseqüente, de mobilização da rede externa da escola requer uma atitude de escuta (Saidón, 1995) e respostas adequadas às demandas emergentes conforme cada situação exige. Os resultados mostraram que não é possível tratar as relações externas sem antes admitir as relações internas. Parece-nos que a mobilização das redes sociais buscando reafirmar, reconstruir o tecido social, implica em um movimento contínuo e constante das duas redes. Assim, observamos durante a pesquisa que para refletir como a escola se relacionava com as pessoas e instituições, os participantes tinham que considerar primeiramente como estavam as relações internas, dentro da escola, entre alunos, professores e funcionários, refletindo a própria postura de cada um individualmente frente ao grupo. A idéia de mobilização das redes sociais nos permite como defendeu Ferreira e Cols (2004) “romper com as dicotomias interior/exterior e macro/micro, pois é entendido que cada nodo encontra-se articulado a redes mais amplas e, simultaneamente, pode se constituir, a cada momento de redes menores” (p.p. 29-30).

4.5. Avaliando as redes sociais da escola – uma construção reflexiva.

A intervenção proposta através da avaliação das redes sociais situa-se enquanto um processo reflexivo (Grandesso, 2000) e de intervenção comunitária ao propor “uma integração contínua entre os diferentes indivíduos diante de uma tarefa comum a ser cumprida” (Sudbrack, 2006, p. 162). Os processos reflexivos na avaliação das redes sociais, como na prática clínica, envolvem uma abertura do *mapeador* para com a experiência vivida pelos membros da comunidade escolar através de seus relatos, registros e concepções de mundo. Rapizo (1996, Em Grandesso, 2000) distingue *construção* de *instrução*, propósito fundamental do enfoque pós-moderno para a terapia. A partir desse enfoque os pacientes/clientes detém um espaço privilegiado, assumindo uma postura protagonista ao utilizar e desenvolver as suas competências. Transpondo essas idéias para o contexto da escola e encarando os procedimentos adotados com um

olhar clínico, entendo que a metodologia de avaliação das redes sociais da escola resultou num processo coletivo e reflexivo, uma vez que propostas de intervenção (Sluzki, 1997; Ramos & Sudbrack, 2006) envolveram os participantes de forma que os membros da comunidade escolar tiveram acesso ao instrumento de avaliação, mapeando as redes da escola de acordo com suas perspectivas. Nos grupos reflexivos, os participantes puderam também avaliar o mapeamento da rede e discutir os problemas e as soluções específicas e apropriadas para o contexto.

Neste sentido a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma ação conjunta (Shotter, 1993, Em Grandesso, 2000) de construção do instrumento para o mapeamento das redes sociais da escola buscando uma avaliação e mobilização das redes, envolvendo o pesquisador e os participantes da pesquisa.

Tendo em vista a utilização do instrumento proposto neste estudo, preconiza-se ao *mapeador* adotar uma postura facilitadora e dialética onde os membros da comunidade são estimulados à reflexão e ao diálogo, conduzindo-os à compreensão dos fenômenos próprios do contexto. A realidade local deve ser encarada a partir das suas relações únicas e singulares, admitindo, durante o processo a característica mutante do comportamento humano, que constantemente adota novos e diferentes padrões de comportamento (Neubern, 2004). Novamente é importante salientar que se requer do *mapeador* durante o processo de mapeamento uma humildade que o leve a valorizar os conteúdos, as competências e as respostas trazidas pelos membros da comunidade.

É neste contexto de reflexão, a partir do mapeamento da rede social externa da escola que implica em uma prévia consideração da rede interna onde os participantes do mapeamento são levados a refletir acerca do lugar que ocupam junto à comunidade.

O mapeamento permite uma compreensão dos indivíduos a partir de uma perspectiva da dinâmica relacional estabelecida (Grandesso, 200, p. 135).

A título de conclusão, propomos a avaliação das redes sociais da escola enquanto uma estratégia de trabalho comunitário (Sudbrack, 2006) para a prevenção do uso de drogas. Os resultados obtidos neste estudo demonstram que a metodologia das redes sociais possibilita uma compreensão mais abrangente da realidade local. As relações na rede externa são evidenciadas ao mesmo tempo em que o mapeamento nos permite uma compreensão dos indivíduos e da dinâmica relacional da rede interna da escola para uma intervenção apropriada e coerente às demandas de cada escola.

Por outro lado, ao final deste estudo não podemos deixar de lado o *desconfiômetro* (Demo, 2000-a). Ao refletir todo o caminho percorrido no mapeamento

das redes sociais para a prevenção do uso de drogas é possível visualizar alguns limites na proposta. Reconheço que a proposta de avaliação e mobilização das redes sociais é em si mesma uma crítica aos modelos tradicionais de prevenção ao abandonar o enfoque do medo para um enfoque de natureza sistêmica (Sudbrack, 2006-b) numa abordagem integrada que busca soluções participativas e contextualizadas. Para uma coerência da crítica cabe-nos aqui um exercício de autocrítica (Demo, 2000-b), quanto ao que propomos. Cientes disso, alguns limites do estudo nos parecem claros, tais como:

a) O estudo se baseou em uma pequena amostra de participantes. Apesar de contemplar perfeitamente as exigências de uma análise qualitativa, o instrumento não foi amplamente aplicado a um contingente maior de estudantes, professores e unidades escolares. Isso impõe por si mesmo uma limitação para a testagem do instrumento. Diante disso, há a necessidade de se trabalhar a aplicação da metodologia em um contingente maior, para um aprofundamento dos estudos até aqui elaborados;

b) O instrumento em sua versão final apresenta exemplos que constam em cada quadrante para orientar os participantes no preenchimento do mapa. Os exemplos ao mesmo tempo em que oferecem uma compreensão mais acurada de como o mapeamento deve ser realizado, podem induzir os participantes nas respostas e alterar nos possíveis resultados obtidos;

c) O instrumento proposto neste estudo para o mapeamento das redes sociais da escola pode tornar-se inócuo quando seus resultados não são, pelo menos em parte, socializados com os membros da comunidade escolar. Isso significa que a metodologia apresentada aqui deverá ser revisitada novamente para ajustes e novas adaptações, com o objetivo de mesclar todo o conhecimento científico utilizado com as crenças e saberes locais (Demo, 2000-a, Sudbrack, 2006-b).

d) O formato do instrumento poderia ser mais completo em sua condição de exploração de cada um dos itens conforme apresentamos em uma versão final proposta no anexo 3.

Por fim, apostamos que nas tramas das interações próprias das redes sociais é possível descobrir ou redescobrir caminhos através da avaliação e mobilização das redes sociais, elaborando novas estratégias voltadas para a prevenção do uso de drogas.

Se, por um lado, todos somos assaltados pelo ritmo acelerado e exigente próprios da nossa época – como uma característica típica na *cor-rede-ira da vida* contemporânea que, muitas vezes, de maneira imperceptível, nos rouba a reflexão, o

aprofundamento dos problemas e das soluções conforme os percebemos - por outro lado, a metodologia de avaliação e mobilização das redes sociais da escola propõe uma estratégia para a prevenção do uso de drogas que nos desafia a derrubar as *pa-redes sociais* que separam homens e mulheres de uma construção coletiva, respeitando assim a integralidade do ser humano.

Ninguém pode negar que em muitas situações o ser humano de hoje é um solitário na multidão (Rocha, 2003). Frequentemente o isolamento se dá em função da exclusão sofrida, ou mesmo como consequência da ignorância do potencial inexplorado dos relacionamentos. A proposta teórica e prática de aplicação da metodologia de avaliação das redes sociais propõem *redes-crever* as relações estabelecidas e mantidas por relações de dominação, que impedem as pessoas de se perceberem em grupo e na relação com o outro.

Encarar a realidade em toda a sua complexidade pode constituir-se uma tarefa, no mínimo, estonteante uma vez que é norma dos diversos fenômenos observados na natureza, transcender aos padrões. Os resultados observados neste estudo apresentaram variações num *rede-moinho* de idéias e de perspectivas conforme a realidade se apresentou. A avaliação e mobilização das redes sociais da escola para a prevenção do uso de drogas envolve, seguramente, a discussão de outras questões de ordem social, econômica e, sobretudo, uma discussão a respeito da intersectorialidade das políticas públicas uma vez que, isoladamente, nenhum segmento daria conta do fenômeno. Mobilizar as redes requer, também, uma consideração séria de cada pessoa envolvida, em sua relação singular em determinado contexto sócio-histórico.

A realidade complexa, portanto, observada neste estudo requer uma revisão permanente dos “padrões que imaginamos ver nela, ao mesmo tempo em que nos mostra algo no fundo completamente indevassável, significando um desafio de abertura ilimitada para a criatividade” (Demo, 2000-b, p. 53).

Do *rede-moinho* de idéias observadas no estudo foi possível através do exercício de avaliação e mobilização das redes sociais *redes-cobrir* novos caminhos para o levantamento de estratégias voltadas para a prevenção do uso de drogas. A *redes-coberta* do potencial dos indivíduos e das comunidades ao reconhecerem suas habilidades próprias para a resolução de seus problemas e a natureza das relações de dominação que cristalizadas impediam-lhes o progresso e a implementação de novas alternativas, alimenta a esperança da construção de uma comunidade solidária. Nesse

sentido sabemos que os caminhos na verdade não mudam. O que muda é o ser humano e sua postura para com a vida.

Referências bibliográficas

- Ardoino, J. (2003). Para uma pedagogia socialista. Brasília: Plano editora.
- Albertani, H.M.B., Scivoletto, S.E. & Zemel, M.L.(2004). Prevenção do Uso Indevido de Drogas: fatores de risco e fatores de proteção. Em Atualização de Conhecimentos sobre redução da demanda de drogas. Brasília: SENAD.
- Albertani, H.M.B. (2006). Diferentes relações com as drogas: Abordagem com o adolescente. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp.90-99.
- Andrade, G.R.B. & VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-. Acesso em: 10 de Março 2008.
- Andrade, Josemberg M. de & LAROS, Jacob A. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 23, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102 . Obtido em: 10 Mar 2008.
- Araújo, C.M.M. (2006). A escola como espaço de transformações sociais e individuais. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp.44-55.
- Ausloos, G. (1995). Las Capacidades de la familia. Barcelona: Herder.
- Baptista, G.C. (2006) Adolescência e drogas – A escuta dos dependentes. São Paulo: Ed. Vetor.
- Baptista, M. (2003) Drogas, estado, sociedade. Em: Batista, M & Cols. Drogas e pós-modernidade 1: Prazer, sofrimento, tabu. (pp. 267-277). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Barbier, R.(2004). Pesquisa-Ação, A. Brasília: Liber
- Bleger, José (1984) Psico-higiene e psicologia institucional. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bourdieu, P. (2003). Compreender. Em : Wacquant, A Miséria do Mundo, p. 693-733. Petrópolis, RJ. : Vozes.

- Brandão, Carlos Rodrigues. (1981). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense.
Disponível em <<http://giselacastr.vilabol.uol.com.br/pesquisapart.htm>. Obtido em 10 de março de 2008.
- Brasil. (2004). Secretaria Nacional Antidrogas/Universidade Federal de Santa Catarina.
Atualização de conhecimento sobre redução da demanda de drogas
- Bravo, O.A. (2003) Discurso sobre drogas nas instituições públicas do DF. Em: Batista, M & Cols. Drogas e pós-modernidade 1: Prazer, sofrimento, tabu.(pp. 267-277). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Bucher, R.. (1992) Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carlini, E.A.; Galduróz, J.C.F.; Nappo, S.A. & Noto, A.R. (2005). V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas-CEBRID- Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas.
- Carlini, E.A., Galduróz, J.C.F. & Noto A.R.(2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas- CEBRID - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas.
- Carvalho, A.M. A., Bastos, A.C.S., B., Rabinovich, E.P. & Sampaio, S.M.R. (2006). Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. Psicologia em estudo, Maringá, v. 11, n. 3, Set/dez. 2006. Disponível na internet: <http://www.scielo.br/scielo.->. Obtido em: 03 de Maio 2007.
- Carvalho, D.B. B., Sudbrack, M.F. O. & Silva, M.T. (2004). Crianças e adolescentes em situação de rua e consumo de drogas. Brasília: Plano Editora.
- Cinnanti, C.J.J. (2004) Redes sociais na prevenção da drogadição entre crianças e adolescentes em situação de rua. Em: Carvalho, D.B. B; Sudbrack, M.F.O; Silva, M.T. Crianças e adolescentes em situação de rua e consumo de drogas. (pp. 27-38) Brasília: Plano Editora.
- Costa, L.F. (2001) Rede social – novas perspectivas de trabalho. Em: VI jornada goiana de adolescência. Caderno Necasa (1). (pp. 46-51). Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

- Cruz, A.P.M. Drogas. (2004) Cérebro e comportamento: uma abordagem psicobiológica da adição. Em: Carvalho, D.B. B; Sudbrack, M.F. O. & Silva, M.T (Orgs). Crianças e adolescentes em situação de rua e consumo de drogas. (pp. 49-61). Brasília: Plano Editora.
- Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD (2006). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Demo, Pedro (1982) Pesquisa participante: mito e realidade. Brasília: UnB/INEP.
- Demo, P.(1997). Conhecimento moderno – Sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes.
- Demo, P.(1998). Exclusão Social – Categorias Novas Para Realidades Velhas. Em Ser Social 3, UnB.
- Demo, P.(2000). Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas.
- Demo, P.(2000). Conhecer e aprender. Porto alegre: Artmed.
- Demo, P.(2001). Pesquisa e informação qualitativa. Campinas, SP: Papyrus.
- Duarte. P. C.A. (2006). Redes Sociais. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Ferreira, M.C.R., Amorim, K.S. & Silva, A.P.S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos (pp. 23-33). Em Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto alegre: Artmed.
- Ferreira, H.B.F.S. (2007). Projeto de prevenção ao uso de drogas para o colégio estadual menino Jesus. Projeto final exigido para conclusão do Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas. Goiânia.
- Figueiredo, L.C. (1995). Modos de subjetivação no Brasil. São Paulo: Editora Escuta.
- Gonçalves, G.G.R., Delgado, S.C. & Garcia, C.A. (2003) A toxicomania e a busca da felicidade na sociedade de consumo. Em Batista, M. *et al.* Drogas e pós-modernidade 1: Prazer, sofrimento, tabu. (pp. 267-277). Rio de Janeiro: Eduerj.
- González Rey, F.L. (2004). Sobre a rede de significações, o sentido e a pessoa: uma reflexão para o debate. Em Ferreira, M.C.R., Amorim, K.S. & Silva, A.P.S. (Orgs). Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano. (pp. 59-65). Porto Alegre: Artmed.
- Grandesso, M.(2000). Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Guareschi, P.A., (1996). Relações comunitárias, relações de dominação. Em: Freitas, R.H.. Psicologia social comunitária. Da solidariedade à autonomia. (pp. 81-99). Petrópolis: Vozes.
- Kalina, E.(1999). Drogadição hoje, indivíduo, família e sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kalina, E.(1999). Psicoterapia de adolescentes. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marin, I.S.K.(2002). Violências. São Paulo: Escuta/fapesp.
- Moraes, M.C. (2004). Pensamento eco-sistêmico – Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis: Editora Vozes.
- Morin, E. (1990). Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2000). A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2001). Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2007). O método 6: Ética. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Moura, M.L.S. & Ferreira, M.C. (2005). Projetos de pesquisa: Elaboração, redação e apresentação. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Najmanovich, D.(1995).El lenguaje de los vínculos. De la independencia absoluta a la autonomia relativa. Em Dabas & Najmanovich (Org) Redes. El lenguaje de los vínculos.Buenos Aires: Paidós.
- Neubern, M.S. (2004) Complexidade e Psicologia Clínica: desafios epistemológicos. Brasília: Editora Plano.
- Neubern, M.S. (2003) Contribuições da epistemologia complexa para abordagens da drogadição. Em: Batista, M. *et al.* Drogas e pós-modernidade: Prazer, sofrimento, tabu.(pp. 253-265). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Nunes, J.(2008). Goianidade além do pequi. Goiânia: Jornal da imprensa – on line. http://www.jornaldaimprensa.com/noticias.php?not_codigo=6525&cad=especial. Obtido em 23 de junho de 2008.
- Pakman, M.(1995). Rede: una metáfora para práctica de intervención social. Em Dabas & Najmanovich(Org) Redes. El lenguaje de los vínculos. (pp. 294-302).Buenos Aires: Paidós.
- Pascal, B. (2000). Pensamentos- Coleção Os pensadores – História das grandes idéias no mundo ocidental-Vol. XV. São Paulo: Editora Abril.

- Pena-Veja, A & Almeida, E.P. (1999). Edgar Morin : O passador de fronteiras. Em Pena-Veja, A & Almeida, E.P. (Org) O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. (pp. 7-19).Rio de Janeiro: Garamond.
- Pesquisa participante. Disponível na internet: <http://giselacastr.vilabol.uol.com.br/pesquisapart.htm>. Obtido em 11 de Março de 2008.
- Pesquisa Participante: uma introdução. Disponível na internet: <http://www.euromovements.info/html/pesquisa-participante.htm>. Obtido em 11 de Março de 2008.
- Política Nacional sobre drogas, A. (2005) Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas.
- A Política do Ministério da Saúde Para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (2004). Brasília: 2ª ed.revista e ampliada. Série B. Textos Básicos de Saúde.
- Póvoa, M. L. S. & Sudbrack, M.F.O. (2006). Resgatando a autoridade na família e na escola. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp.194-199.
- Pratta, E. M. M. & SANTOS, M. A. Lazer e uso de substâncias psicoativas na adolescência: possíveis relações. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 23, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Obtido em: 10 Mar 2008.
- Ramos, E.C. & Sudbrack, M.F.O. (2006). A Escola em Rede. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Rocha, J.V. (2003). Sujeito educativo: uma abordagem complexa (pp. 111-143). Em: Borba, S. & Rocha, J. (Orgs). Educação e Pluralidade. Brasília: Plano Editora.
- Saídon, O.(1995). Las redes: pensar de outro modo. Em Dabas & Najmanovich (Org) Redes. El lenguaje de los vínculos.Buenos Aires: Paidós (pp. 203-207).
- Sanchez, Z.V.M., Oliveira, L.G. & Nappo S.A. (2003). Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1):43-55.
- Sawaia, B.B., (1996). Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto à humanidade. Em: Freitas, R.H. Psicologia social comunitária. Da solidariedade à autonomia. (pp. 35-53). Petrópolis: Vozes.

- Seidl, E. M.F.(Org).(1999). Prevenção ao Uso Indevido de Drogas: diga sim à vida - Vol. I. Brasília, DF: CEAD/UnB SENAD/SGI/ Presidência da República.
- Seidl de Moura, M.L. & Ferreira, M.C. (2005). Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Selosse, J.(1994). Desvios e modos de vida. Tradução livre Maria Fátima Olivier Sudbrack.
- Sluzki, C.E. (1997). A rede social na prática sistêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, C.B. & Jacobi, P.R.. Adolescentes, drogas e Aids: Avaliação de um programa de prevenção escolar. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 109, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php> . Obtido em: 10 Mar 2008.
- Souza, S.E. (2000). Dicionário da língua portuguesa. Itapevi: Fênix.
- Sousa, E. L. A. (2001) Totumcalmum. A Condição de Exílio da Escrita. Em Bartucci, G. (org.) Psicanálise, Literatura e Estéticas da Subjetivação, pp. 171-184. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Spink, P.(2004). Redes solidárias, autogestão e solidariedade. Em Guareschi (Org) Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo. Porto Alegre: Edipucrs (pp. 95-110).
- Sudbrack, M.F.O. (2003). O Trabalho Comunitário e a Construção de Redes Sociais. Em Curso de Formação em Prevenção ao Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas – Vol.2, SENAD/MEC.
- Sudbrack, M.F.O. (2003). A Escola em rede In: Curso de Formação em Prevenção ao Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas – Vol.2, SENAD/MEC.
- Sudbrack, M.F.O. (2004) Abordagens Comunitárias e redes sociais: um novo paradigma na prevenção da drogadição. Em: Carvalho, D.B. B; Sudbrack, M.F.O; Silva, M.T. Crianças e adolescentes em situação de rua e consumo de drogas. (p.p. 13-26) Brasília: Plano Editora.
- Sudbrack, M.F.O. (2006). Drogas e complexidade: do caos à transformação. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. (pp. 146-153). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Sudbrack, M.F.O. (2006). O trabalho comunitário e a construção de redes sociais. Em: Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas/ Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD. (pp. 162-166). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

- Sudbrack, M. F. O. & Carreteiro, T.C.O. (2001). Drogas, juventude e complexidade: a ressonância do fenômeno das drogas nas redes sociais de jovens de contextos desfavorecidos e construção de uma metodologia preventiva – Estudo em duas capitais brasileiras (Brasília e Rio de Janeiro). Projeto de auxílio Integrado junto ao CNPq – biênio 2002-2004. Em Sudbrack, M.F.O. & Pereira, S.E.F.N.(2003), O Adolescente e as Drogas no Contexto da Justiça. (pp. 167-190). Brasília: Plano Editora.
- Sudbrack, M.F.O., Conceição, M.I.G. & Silva, M.T. (2003), O Adolescente e as Drogas no Contexto da Justiça, Brasília: Plano editora.
- Sudbrack, M.F.O. & Conceição, M.I.G. (2004). Adolescentes e drogas no contexto da escola. Brasília: Ministério da educação.
- Thompson, J.B. (1995). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.
- Vasconcelos, M.J.E. (2002) Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus.

Anexos

Anexo 1

Conto

Em um reino muito distante, numa terra de contrastes, onde poucos tinham muito, e muitos tinham pouco, havia um pequeno vilarejo, onde meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres se reuniam em torno do conhecimento. Neste grupo algumas pessoas ensinavam e outras aprendiam. Na verdade não era possível distinguir os dois grupos claramente, pois quem ensinava também aprendia e quem aprendia também ensinava. O lugar onde se reuniam também chamado de escola, levava o nome de um menino, que um dia se tornou homem e mostrou sua força pela fraqueza, derrotou o orgulho pela via da humildade, alegrou-se com o seu próximo sentido a dor que os afligia. Enfim o nome era sugestivo e lembrava esperança.

Na escola ninguém era igual a ninguém. Alguns eram chamados de alunos, outros de professores, alguns funcionários. A escola possuía uma chefe, que era chamada de diretora. Outros eram chamados de alunos, funcionários, pais, mães, avós ou simplesmente familiares. Cada um tinha uma característica própria. Muitos ali eram pessoas extremamente esforçadas. Os alunos se dedicavam aos livros. Nos olhos de muitos brilhavam sonhos encantados. Os professores e funcionários trabalhavam horas a fio, muitas vezes sem que os alunos e pais percebessem.

No entanto no reino, no vilarejo e na escola nem tudo era fácil. As pessoas eram constantemente ameaçadas pela pobreza, pela ausência dos pais, pelo egoísmo, pelo tráfico de drogas (gente que queria enriquecer às custas da dor do outro), pela corrupção do rei, dos príncipes e dos senhores da terra, pela falta de apoio, pela solidão e pelo abandono daqueles que deveriam cuidar deles. A perversidade era grande, mas o maior problema no reino era que as pessoas estavam longe umas das outras, buscavam soluções para os seus problemas sozinhas, e assim padeciam isoladas, porque não desfrutavam das competências e habilidades uns dos outros.

Cansados do sofrimento, e de tanto quebrarem a cabeça, a comunidade de aprendizes se mobilizou para buscar formas e maneiras diferentes para resolver os seus problemas. Queriam formar pessoas, cidadãos conscientes e ativos para a escola, o vilarejo e assim influenciar positivamente o reino. Assim decidiram ir

além. Trabalhando no que chamavam de salas de aula, decidiram convocar os pais e familiares para reuniões. Convidar pessoas do vilarejo e até do reino para ajudarem, queriam formar uma rede de apoio e de proteção. Aquelas pessoas entenderam que unidos estariam protegidos. Poderiam realizar seus sonhos e contribuir para uma escola melhor, um vilarejo mais seguro, um reino melhor onde a cooperação e a compreensão seriam, espontaneamente, um modo de vida. Trilhar este novo caminho, todavia, exigia que todos participassem e colaborassem. Foi assim que ali as pessoas começaram a experimentar o poder de dar as mãos uns aos outros. Utilizar os seus dons e competências a serviço do outro. Respeitar e receber ajuda. Ver a escola, o vilarejo, o reino como uma responsabilidade de todos, sem exceção.

Anexo 2

Falas nos grupos reflexivos

PRIMEIRO GRUPO FOCAL

PESQUISADOR - *Na opinião de vocês com quem a escola pode contar para um trabalho de prevenção ao uso indevido de drogas?*

ALUNA 2 – *Com a polícia militar. A gente fez um curso do PROERD e ajudou bastante.*

PROFESSORA 2 – *A polícia civil também tem um projeto (PROJETO ESCOLA SEM DROGAS). Sempre eles estão dando palestras, e é também um bom auxílio. Também tivemos aqui o trabalho do SEJA(Organização que trabalha a prevenção ao uso de drogas em Goiânia). Não sei se consegue ajudar a todas as escolas, mas sempre que possível ajudam socialmente, sem falar em drogas em si, trabalhando a parte social, falando de amizade. Também a igreja católica, através da Universidade católica.*

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *Pode contar com o apoio de muitos departamentos, mas resta saber se vai ter o apoio. Por exemplo, pode contar com palestras, com , mas será que vai ter apoio?*

PESQUISADOR – *Você questiona se realmente o apoio virá?*

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *É. Nem sempre a escola pode contar com o apoio.*

DIRETORA – *Na minha opinião, a escola não pode contar com o apoio da família, porque a família está distante da escola.*

PROFESSORA 3 – *Se a família estivesse presente na escola, como a gente vê a senhora (mãe presente na reunião) tem uma preocupação com os filhos dela. E esta preocupação, ela está demonstrando estando aqui. Ela veio aqui. Participou. Então se todos os pais, famílias, tivessem esse envolvimento, com certeza seria muito mais fácil tira-los das drogas. A escola estaria junto com a família. Vendo as necessidades desta criança, na orientação. Isso seria fundamental.*

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *Mas como hoje é muito difícil. O mundo é capitalista, tem a necessidade de trabalhar. A ausência dos pais é de 99%. Então quem está mais presente na vida do aluno? A escola. Nós professores atuantes, só podemos contar com o nosso próprio trabalho. A Secretária de Educação poderia enviar mais palestrantes, mais incentivo, mais propaganda, liberar mais verbas para vir mais palestrantes e a escola sozinha não tem condições de ta trazendo. As vezes (o aluno) é até obrigado a vir à escola, mas se aqui tem uma orientação, é uma raiz, uma sementinha que estamos passando.*

MÃE – *Eu acho que está um pouco difícil, porque apesar da gente, eu ter vindo várias vezes aqui. Sempre que eu posso saio do serviço correndo, vou lá em casa e venho aqui, eu me preocupo muito. O (citou o nome do filho) já fez este curso que a menina disse, do PROERD, eu incentivei, dei mais apoio, conversei em casa. Eu tenho o maior medo. Levo para a igreja, eu sou evangélica. Mas se os pais estivessem mais presentes, igual ela falou, saber o que seu filho está fazendo, por mais que trabalhe. Eu também trabalho! A gente trabalha, mas tem que dar atenção para os filhos. Estar sempre atento ao que está acontecendo na escola. Sempre atento ao que está acontecendo na vida deles, a amizade deles. Isso é importante na vida desses adolescentes. Saber com quem anda. Os professores são responsáveis aqui, mas lá é os pais. A gente não pode contar com a polícia, porque a maioria dos policiais são bandidos. Não dá pra confiar. O governo vira as costas né. Então é difícil. É igual ela falou, o incentivo mesmo é só*

palestras, exemplos que a gente pode mostrar. E eu queria saber se aqui na escola tem muito disso? Uso de drogas?

DIRETORA - Pelo menos na dependência da escola não. Se usam é lá fora, aqui dentro não!

PESQUISADOR - O que a escola tem feito, no sentido de buscar outras parcerias? Se não há colaboração, o que é que a escola tem feito para buscar outras parcerias?

DIRETORA – *A gente tem buscado, corre atrás de palestras. Fomos atrás da polícia militar, do PROERD.*

PROFESSORA 2 – *Os professores da escola fizeram o curso de capacitação, promovido pela SENAD/MEC/UNB, para ver se aprende mais um pouquinho para fazer alguma coisa dentro da escola.*

FUNCIONÁRIA/MÃE – *Houve uma parceria com algumas igrejas que estavam vindo aqui à noite, fazendo algumas orações.*

* O grupo não conseguiu identificar outros movimentos, iniciativas da própria escola, para buscar novas parcerias.

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *Os questionamentos foram quase os mesmos. Os problemas. Tá vendo os problemas acontecendo e parece que fica na mesma coisa. É o mesmo pensamento, todos estão pensando igual, falta segurança, falta parceria, falta a participação da família, tá a desejar!*

PESQUISADOR – A segurança parece estar bem próxima, não?

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *A polícia está próxima, mas este próximo é entre aspas. Nós que estamos aqui no dia a dia, na realidade, a gente vê que este próximo... estão vindo aqui, mas quando a gente precisa deles, não tem.*

PROFESSORA 2 – *Acho que este quadro (trabalhado pelo grupo, sem o estímulo de exemplos) é um quadro mais real e próximo da realidade.*

PESQUISADOR – O objetivo deste estudo é tentar identificar quem está próximo e quem está distante e propor estratégias de aproximação destas pessoas/instituições que estão distantes. Só que esta aproximação envolve um movimento da comunidade externa da escola e um movimento da comunidade interna da escola. As parcerias são estabelecidas quando as pessoas que integram a comunidade escolar estiverem também buscando uma parceria com as pessoas de fora. Qual seria o nosso próximo passo? A pauta da nossa próxima reunião? Nossa reunião no próximo ano seria para discutir estratégias de aproximação destes grupos que estão distantes. Destes grupos que poderiam estar participando de uma parceria. Esta é a estratégia de mobilização das redes sociais. A escola está em uma posição estratégica, próxima a universidades, hospitais, centros de referência, da prefeitura da cidade, de forma que parcerias podem ser buscadas. Que medidas vocês acham que poderiam ser tomadas para que estas parcerias sejam estabelecidas? O que a escola pode fazer para se aproximar destas pessoas/instituições, na opinião de vocês?

MÃE – *Como você falou, no início, em vez de cada qual ir cuidar do seu problema e a escola tentando levantar sozinha... lá tem outro problema no hospital, tentando resolver sozinho, eu acho que se o pessoal se unisse, trabalhar juntos, em grupo... faz a força, né?. Se pensasse dessa forma...um ajudando o outro.*

PESQUISADOR – O que a gente poderia fazer em termos práticos para tentar aproximar a escola das pessoas/instituições? Uma coisa eu sei, e vocês estão fazendo, vindo à reunião e ficando aqui além do horário! (risos).

Professora 1 – *Entrar em contato com as pessoas. Perguntar na Secretaria de saúde se tem trabalho? Na Secretaria de Educação, os trabalhos que possui como a saúde na escola. A questão é chegar até aqui né?*

FUNCIONÁRIA/SECRETARIA/MÃE – *A Secretaria tem muitos projetos, mas que não se realizam né? Só alguns que se realizam e que são positivos.*

PROFESSORA 2 – *Mas a questão é que a escola tem que ir atrás. Infelizmente é assim, ela tem que dar o primeiro passo.*

PESQUISADOR – *Então a escola deveria ir e dar o primeiro passo?*

PROFESSORA 2 – *Ah sim!*

PROFESSORA 1 – *A idéia de amigos na escola é muito divulgada. Deveria haver uma forma de que esta divulgação fazer com que realmente pessoas que já estão aposentadas, mas que gostariam de ter uma atividade. Que estas pessoas fossem estimuladas, adotando crianças...até passou na TV ontem que lá em São Luiz dos Montes Belos, os dentistas estão adotando crianças para eles fazerem o tratamento ortodôntico...então de repente haver esta parceria mesmo, com a saúde e que estes profissionais poderiam estar atendendo as necessidades da escola, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, a saúde em geral.*

MÃE – *No Tocantins, na escola, as crianças eram encaminhadas ao oftalmologista para tratamento.*

DIRETORA – *Acredito que nesse sentido as escolas municipais estão melhor assessoradas do que as escolas estaduais.*

ALUNO – *A quadra da escola vai ser coberta? (risos dos presentes)*

SEGUNDO GRUPO FOCAL

Tendo sido compartilhado o conto com o grupo, abriu-se um espaço para que os presentes pudessem se manifestar a respeito do que compreenderam. Foi perguntado ao grupo: *Qual final você daria para a história ?*

ALUNA 1 – *Eu acho que todo mundo colocaria a lógica dos finais de história...uma solução boa, e tudo isso se resolvesse, e acabasse assim. Em vez de ficar no problema... numa resolução do problema, ainda mais as questões das drogas citadas no texto. Eu diria que seria um final de resolução.*

ALUNA 3 – *Eu acredito que o texto fala assim, que todos estão perto, mas que cada um procura uma solução sozinho. E no cãs, eles tinham que se unir para tentar uma solução, achar uma solução todos juntos. Sozinho é difícil, mas se todo mundo se unisse seria bem mais fácil.*

PESQUISADOR – *Então o final que você daria seria de união?*

ALUNA 3 – *de união!*

ALUNA 1 – *Pensando na história, penso que lidar com pessoas não é fácil, né? Ou então essa união, ela iria ajudar ou ela iria piorar. Porque poderia gerar falta de paciência. Se não houver uma união mesmo, “laçada”, não vai pra frente. Não adianta a gente reunir este grupo aqui... ela (aponta para uma participante), ela (aponta para outra participante) dá outra, aí começa aquela discussão, porque aí passa a ter discordância. Então pra mim te falar qual seria o final, não tem como. Porque se trata de*

peças e as pessoas são muito diferentes, sempre vai ter uma discordância, mas o legal seria que entrasse num consenso né?, pra decidir o melhor pro colégio.

PESQUISADOR – *Quais são, em sua opinião, os personagens importantes desta história?*

ALUNA 6 - *As pessoas que tem iniciativa em relação ao próximo, igual você contou na história, nenhum é professor, todo mundo ajuda todo mundo. Eu acho que estes são os personagens principais.*

PESQUISADOR – *Então as pessoas que ajudam o outro, estes são os personagens principais?*

ALUNA 6 – *Sim.*

ALUNA 1 – *O grupo que realmente se reúne em prol do colégio, em prol dos alunos. São os professores, o diretor, o coordenador, o grêmio estudantil do colégio e o representante de cada sala. São estes os principais que fazem o colégio ir pra frente, porque na reunião, vai ta sempre eles, tanto os representantes que representam cada sala, a voz da turma. Tanto o grêmio que representa o colégio todo, como o diretor, coordenador, a bibliotecária (Aponta para a professora presente na reunião) também é uma personagem muito importante, porque ela comanda o sentido da atuação. Acho que tosos esses são personagens importantes.*

PESQUISADOR – *Haveria alguém ou alguma instituição de fora da escola que poderia figurar um papel importante para contribuir para a solução dos problemas?*

ALUNA 1 - *Assim nós temos um vereador que apóia muito o colégio, que é o Vereador Virmondes Cruvinel. Ele está sempre presente quando o colégio precisa, de algum apoio cultural, de alguma idéia, algum evento, ele está sempre presente. Tem também a Secretária da Educação. Ela já esteve presente aqui no colégio que dá... dá não... a gente tá tentando puxar a atenção dela aqui pro colégio e pra região também, pros colégios.*

PROFESSORA - *No caso, o vereador é alguém que sempre está ajudando, mas assim, poderia ter outras instituições, no caso, não é só uma pessoa... o principal que falta na escola é a colaboração dos pais. Eu acho que se os pais estiverem inseridos com o filho na escola, eu acho que já é um grande avanço. Eu acho que o que é importante, que é uma das peças principais para que vá bem... esta situação do aluno, tem que ser os pais, eles acabam deixando a educação dos filhos, tudo por conta da escola. Na realidade, a situação ta tão difícil, que ele manda os filhos para a escola, né.. assim “Nossa to livre desse menino”, Então quer dizer, a escola que toma conta, que cuide, que faça o papel dela, mas só que eles estão invertendo os papéis, papel de pai, de educador. E aí eu acho que está havendo muita confusão, entendeu?*

PESQUISADOR – *Então você está dizendo que as pessoas de fora da escola que poderiam ajudar são os pais, que não estão?*

PROFESSORA – *Não, eu não vejo não!*

PESQUISADOR – *A atuação dos pais?*

PROFESSORA – *Não vejo não! Assim eles vêm aqui esporadicamente, vem a uma reunião, vem um pouquinho aqui... vem alguns. Assim... aqui na parte da manhã é o ensino médio, né? Tudo bem são adolescentes, jovens, mas, por exemplo, à tarde são crianças do ensino fundamental, e são crianças muito problemáticas e muitas vezes precisariam que os pais estivessem presentes. Eu acho que neste contexto os pais são de extrema importância.*

PESQUISADOR – *Com quem a escola pode contar de forma prática para ajudá-la? Mais alguém gostaria de falar?*

PROFESSORA – *Ah assim... não sei muito bem qual é a instituição. Faz parte da Secretaria Estadual de Educação também. É o pessoal que dá apoio, porque a escola é inclusiva, então tem o pessoal que dá apoio para algumas crianças... é uma equipe mais para crianças portadoras de necessidades especiais... surdas...mudas, assim tem esta equipe que ajuda.*

PROFESSORA – *Além da família, dos pais, dos responsáveis acredito que o conselho tutelar também poderia ajudar. Eu acho que o conselho tem uma função maior do que imagina. O conselho deveria estar sempre nas escolas, dando palestras sobre os direitos e os deveres dos alunos.*

ALUNA 2 – *As ONGs também poderiam ajudar, mas elas não vão aparecer do nada. A gente tem que procurar!*

PROFESSORA – *Têm também a saúde. Não sei como entraríamos em contato para trabalharem doenças, como as sexualmente transmitidas, o uso de drogas.*

PROFESSORA- *Esta parte é muito interessante, falar sobre doenças, falar drogas, falar sobre gravidez precoce.*

PESQUISADOR – *Isso partindo da saúde? Mas você pensa em quem? Você pensa em hospital? Você pensa no posto de saúde?*

PROFESSORA- *É, por exemplo aqui na região, nós temos um posto muito bom, que é o posto da chácara do governador. Eu acho que eles deveriam dar subsídios, no caso algo maior, dar subsídio para o posto aprender, por exemplo vir aqui dar uma palestra. Muita gente fala assim: “Ah mais vem de novo falar sobre AIDS”, aluno tem muito isso, a gente conhece, a gente que é professora sabe, tudo pra ele, ele já sabe, mas é que muitas vezes vem de uma forma que eles já estão cansado. Por exemplo se for falar sobre gravidez porque que não traz algo diferente. Traz grávidas na idade de 14 anos por exemplo... meninas grávidas para mostrar a realidade. Porque muitas vezes a gente fala, mas a gente não visualiza. A gente pensa que “comigo isso nunca vai acontecer” “a fulana vai ficar” Porque nós já tivemos casos aqui na escola, casos de meninas novas grávidas. Você olha assim depois e fala “Nossa, não acredito, aquela menina que conversava comigo está grávida?!” Assim eu fico na biblioteca e é a coisa mais engraçada, eu quero relatar uma experiência minha. Muitas vezes as meninas senta lá. Entram e saem, mas na realidade os alunos não gostam muito de ler não... então eles gostam de ir lá, assim, olham os livros e saem e aí você escuta certas conversas, assim... você senta, está lá ouvindo...então você vê meninas novas que namoram...você as experiências delas de namoro, de relacionamento, que você fica assim pensando, “não acredito, não pode ser verdade” entendeu? Na escola, todo mundo aqui sabe, a gente vê coisas aqui na escola que a gente fica pasma... fora assim, situações de meninos que a gente sabe que meche com drogas, que chega aqui que levou tiro. Porque já aconteceu! Uai o que aconteceu? “Ah levei um tiro! Foi assim, assim e assim” Então tudo isso, eu acho que, infelizmente ou felizmente, precisa ser insistente. Não pode ser assim “ah ta chato? Mas vamos continuar” Ta chato mas, tem que falar, entendeu? Porque parece assim, é igual aquele ditado “ água mole pedra dura tanto bate até que fura”Porque então ter que ser assim, porque o ser humano no geral, é assim você tem que escutar, você tem que escutar de novo e assim ouvir aquilo e pensar “Nossa um dia aquilo pode acontecer comigo”*

PESQUISADOR – *Foi realizada uma apresentação do mapa da rede social e dos resultados nele registrados, coletados nas 11 entrevistas realizadas. Foi realizada uma descrição dos anéis, níveis de proximidade nos relacionamentos com a escola e uma descrição dos quadrantes. Foi solicitado aos presentes que se aproximassem do mapa afixado no quadro e visualizassem de perto os dados registrados no mapa. Neste momento foi realizada uma pequena exposição dos dados registrados previamente pelos 11 entrevistados. Após breve exposição dos dados registrados, foi dada oportunidade aos participantes para expressarem o que acham a respeito do mapa e dos registros feitos pelos 11 entrevistados. “ O que a gente percebeu apesar destes muitos registros aqui é que a escola tem caminhado só, com poucos parceiros para resolver os seus problemas, com poucos parceiros para realmente apoiá-la. Vejam que a instituição mais próxima, mais citada, com quem a escola pode contar foi a polícia militar.*

PROFESSORA – *É mais eu acho que a questão da polícia é seguinte, é que toda vez que tem confusão aqui na escola, por exemplo, aluno que briga com outro aluno, ou vai na porta e começa a brigar, aí chama a polícia, aí a polícia vem, porque eles fazem a ronda escolar, é o trabalho deles. No caso assim, não to falando da polícia toda. Tem uma polícia que ela é específica para fazer ronda escolar, nos colégios, então ela faz a região. A noite, por exemplo, eu já trabalhei à noite, então, sempre na hora de sair, chamada também, então eles vem entram aqui na escola, e vai, então aí o que acontece, acho que por isso é que todo mundo disse polícia.*

PESQUISADOR- *É o grupo que eles conseguiram visualizar mais.*

PROFESSORA- *Mais visualizam Eles vem quando ligam, se não ligar não vem. Então precisa, liga para a polícia, liga uma vez, duas, três vezes.*

ALUNA 1 – *É mais do que a polícia, é a direção da escola. Quem faz a presença (da polícia) é o colégio!*

PROFESSORA- *Ai eles tem que fazer este trajeto sempre nas escolas, mas realmente é como você falou é questão de visualizar, visual.*

ALUNA 3- *Igual falar da igreja, mais a escola em si, os alunos, geralmente não entendem falar de religião. Quando é aula de ensino religioso, os alunos falam assim, “ah não vou fazer isso, porque não sou obrigado a trazer uma Bíblia para a escola” E não é isso. A professora tenta explicar que cada um tem sua própria religião, cada um estuda do jeito que entende, né? mais falar de religião sempre dá briga. Os alunos não querem falar de religião. Eles falam assim “Ah religião cada um faz do jeito que quer. Não é bem assim, eu acho que é importante falar independente deles. Igual eu sou católico, ele é crente, ele é não sei o que. Porque assim, falar é importante em relação à comunidade, família, o ensino religioso não vai falar da religião de cada um, vai falar do geral. Falar o que vai melhorar, o que tá acontecendo, da realidade, das pessoas, das drogas e os alunos não entendem, não gostam disso. Geralmente, estudar ensino religioso ninguém gosta. Quando vai um pastor na sala (acena a cabeça negativamente), eles não querem saber. Padre então, alguém da igreja católica...” ah que que eu vou ouvir, ficar perdendo tempo ouvindo tempo” A polícia vindo à escola, é pior, eles falam assim “ a polícia tá atrás de mim, nem na escola no outro dia eu volto” então é difícil. O conselho tutelar, assim, os alunos já ficam com medo, “ oh amanhã eu já não apareço aqui”.*

ALUNA 1- *É tão raro né, quando eles chegam a vir!*

ALUNA 3 – *Eles não tem um contato com eles, então quando vem eles assistam.*

PROFESSORA- *A escola está desprotegida.*

ALUNA 5 – *É porque tipo assim, tem muitas pessoas (no mapa), igual ce vê aí, ta cheio de gente, mas ninguém ta perto da escola, todo mundo quer ficar afastado.*

ALUNA 6- *Ta tudo próximo, mas ao mesmo tempo ta tudo longe!*

ALUNA 5 – *Porque quando fala em escola, fala que vai ajudar, mas na hora que precisa ninguém ta perto, ta todo mundo desprotegido.*

PROFESSORA – *É como se, tem quem ajuda, nós temos forças para que a escola seja bem sucedida em termos de, socialmente, mas na realidade não tem.*

ALUNA 1 – *Isso tudo (aponta para os registros no mapa) não ta só aqui (no mapa), se tivesse só aqui era maravilha né? Devíamos estar além do Brasil, porque pra isso tudo ta junto, olha tem que caminhar muito viu. U acho que tem muito esforço de cada pessoa. O ser humano mesmo é... olha sinceramente... preconceituoso, falou que é social, não ajuda. Eu acho que tem que investir muito na educação pra que isso possa se unir viu. Quem tem união, quem tem interesse por coisas sociais, são pessoas estudadas, são professores, formadas, pessoas de órgãos públicos, são aquelas pessoas que se interessam mais pela leitura, por coisas sociais, por coisas culturais, melhor dizendo. Então pra chegar no, ao ponto em que os alunos, toda a comunidade pense na cultura, é difícil. Teria que todo mundo ser professor. Todo mundo pensar um pouco mais na cultura isso aí .*

ALUNO 4 – *Eu acho que tem poucas pessoas com quem pode contar, ta todo mundo longe, tem que buscar pra ficar mais perto.*

PESQUISADOR – *Então apesar de vermos as pessoas próximas aqui (no mapa), as pessoas estão longe.*

ALUNA 5 – *As pessoas que estão no meio e até mesmo as que estão no círculo azul estão mais distantes do que próximas.*

PESQUISADOR – *Inclusive a polícia?*

TODOS – *Risos.*

Após o preenchimento do mapa pelo grupo, os participantes fizeram as seguintes considerações.

PESQUISADOR – *Vocês registraram, a associação de bairro no círculo pontilhado, indicando-a como excluída das relações com a escola. Gostariam de dizer algo a respeito?*

ALUNA 1 – *A professora ia dizer... o setor nem tem associação de bairro. O jardim bela vista não possui associação de bairro. Há muito tempo atrás ele possuía, inclusive meu pai era presidente da associação do bairro, na época, mas atualmente ele não possui associação.*

PESQUISADOR – *Mas e do ponto de vista ideal? Onde é que a associação deveria estar?*

ALUNO 4 – *Deveria estar dentro.*

O aluno teve a oportunidade de mudar dois registros no mapa.

PESQUISADOR – *O grupo fez um registro no quadrante da comunidade inserindo o grêmio estudantil. Quem fez o registro gostaria de falar a respeito?*

ALUNA 1 – *Ali, no mapa (Mapa com os registros feitos pelos 11 entrevistados) faltou algo que tem no colégio, que é o único colégio que tem grêmio estudantil da região.*

PESQUISADOR – *E o grêmio funciona?*

ALUNA 1 – *O grêmio funciona, com certeza e sou a presidente dele.*

PROFESSORA – *Mas espera aí, vamos pensar, funciona desde quando? Pra você ver foi feita uma entrevista como ele disse.*

ALUNA 1 – *Funciona desde junho do ano passado. Tem o grêmio no colégio. A aluna 3 sabe da existência do grêmio, ela (indica uma participante do grupo) sabe. A quadrilha mesmo do ano passado, quem organizou? Foi o colégio juntamente com o grêmio.*

PROFESSORA – *Mas a questão é a seguinte, do meu ponto de vista, eu acho que isso vai servir até pra você mesma, enquanto presidente do grêmio, você é presidente do grêmio, não é?*

ALUNA 1- *Acena com a cabeça.*

PROFESSORA – *Foi feita uma entrevista com muitas pessoas e em nenhum momento o grêmio foi mencionado. E se ninguém falou é porque ninguém teve este registro em mente. Não que você não faça, não fez ou não tenha feito...mas talvez a comunidade escolar não esteja tendo conhecimento, e talvez para isso você precise divulgar, então divulga pesado. Agora, por exemplo, nós estamos iniciando o ano letivo. Você precisa então, já que tem alunos novatos ir à sala e falar do grêmio estudantil para que estas alunas novatas saibam que existem o grêmio estudantil.*

ALUNA 1- *Mas elas sabem, não é. O gente vai sempre pra sala. A gente tem uma coisa com os alunos, de ir e de chamar os alunos pra participar e os alunos estão sempre ó (faz gesto indicando que os alunos correm de um engajamento nas causas coletivas). Chegou a hora de estudar. Eu vou ter que falar. A diretora me pediu para sair de sala em sala pra ta arrecadando algum dinheiro, pra ta comprando absorvente pra ta trazendo pro colégio, porque alguns vêm despreparados, e acaba que a diretora tem que comprar o absorvente, né. Ela não tem obrigação ...eu saí da casa dela e fui a todas as salas e falei com as representantes.*

ALUNA 5 – *Na minha sala não falaram.*

ALUNA 1 – *Mas em algumas salas ... falaram, “ah eu não vou trazer”*

Neste momento houve uma pequena discussão, quando algumas participantes relataram não ter conhecimento desta atividade e da atuação do grêmio. Segundo a ALUNA 1 , foi através de uma mobilização do grêmio que a Secretaria estadual de educação veio à escola para ouvir os alunos. Na ocasião a mesma fez uma doação de livros e CD's de filmes brasileiros para a unidade escolar.

PESQUISADOR – *O grêmio representa os 3 turnos?*

ALUNA 1 – *Sim.*

PESQUISADOR – *Então talvez seja importante visitar sala por sala nos 3 turnos, apresentando os membros do grêmio e a equipe do grêmio. Então o grêmio foi registrado aqui tanto no plano real quanto no plano ideal.*

A seguir o pesquisador pediu aos participantes que se aproximassem do mapa para um fechamento da atividade.

PESQUISADOR – *O que vocês, visualizando este mapa, estes registros do ideal, que foram feitos aqui, eu queria perguntar a vocês: Quais os caminhos que nós poderíamos adotar, o que é que nós poderíamos fazer pra tornar isso aqui que nós registramos uma realidade, pra tornar esta rede aqui articulada? Este ideal aqui uma realidade?*

ALUNA 1 – *Foi que nem eu falei pra você, pra chegar ai falta muita coisa... falta **muita humildade, muito reconhecimento, muito querer mesmo, não só querer que te ajudem, mas ajudar também é***

importante. Não adianta falar assim : “Ah eu quero que o fulano faça isso, eu quero que.. cadê? Você não fez por quê?” Vamos correr atrás também!, vamos saber por que que não fez, vamos saber se existe, o quê que está fazendo, vamos perguntar também ter mais interesse.

PESQUISADOR – O que é que a gente poderia fazer em ações concretas para tornar isso aqui (aponta para o mapa) uma realidade?

*ALUNO 4 – Falta mais **bom senso** né? **Correr atrás das coisas.***

PESQUISADOR – Buscar, ir atrás destas parcerias aqui?

ALUNA 2 – Eu acho que não cabe a gente só ficar falando o que tal pessoa tem que fazer. Então tem diretor, tem professor, tem funcionário, tem aluno também. Eu acho que o aluno faz grande parte pra poder isso acontecer.

PESQUISADOR – Então você acha que há uma necessidade de uma mobilização maior dos alunos?

ALUNA 2 – acena com a cabeça afirmativamente.

ALUNA 3 – Buscar, tentar entrar num acordo nessas coisas que todo mundo colocou aí. Todo mundo ir buscar pra... se unir...pra sair alguma coisa. Porque ta tudo perto e tudo longe ao mesmo tempo. Ta perto da gente mas ninguém... cada um pra si. Então tem que se unir pra resolver.

PROFESSORA – Eu acho que primeiramente tem que despir-se das diferenças. Eu acho que é a primeira coisa. Deixar as diferenças de lado e buscar a união. Eu acho que se a escola como um todo, se todo mundo que faz parte desta comunidade, se unir e buscar eu acho que a gente consegue. O que não pode é cada um olhar para si e pó seu próprio umbigo e falar: “do jeito que tá, ta bom! Então vou ficar aqui! Ah eu sozinha não dou conta. Ah eu não consigo fazer sozinha, então eu vou ficar aqui esperando ver se alguém começa, então eu acho que quando a gente espera alguém começar, alguém fazer, então a gente acaba não fazendo nada e não ajuda em nada, então eu acho que o primeiro passo é deixar as diferenças e lado, o que cada um é ou deixa de fazer e unir-se.

Aluna 5 – É preciso união, porque nada a gente consegue fazer sozinho, acho que precisa do povo, porque não é só nem o colégio, igual o professor, os alunos, porque o governo mesmo deveria ajudar a gente também, porque não adianta nada a gente correr atrás se a gente não tem apoio. A gente precisa de apoio também pra tornar isso aí uma realidade.

ALUNA 6 – Ela falou o que eu ia falar. Não adianta uma pessoa fazer algo sozinho, tem que ser todo mundo pra levantar.

Anexo 3 – Figura 7 – Proposta de instrumento

Proposta de Instrumento

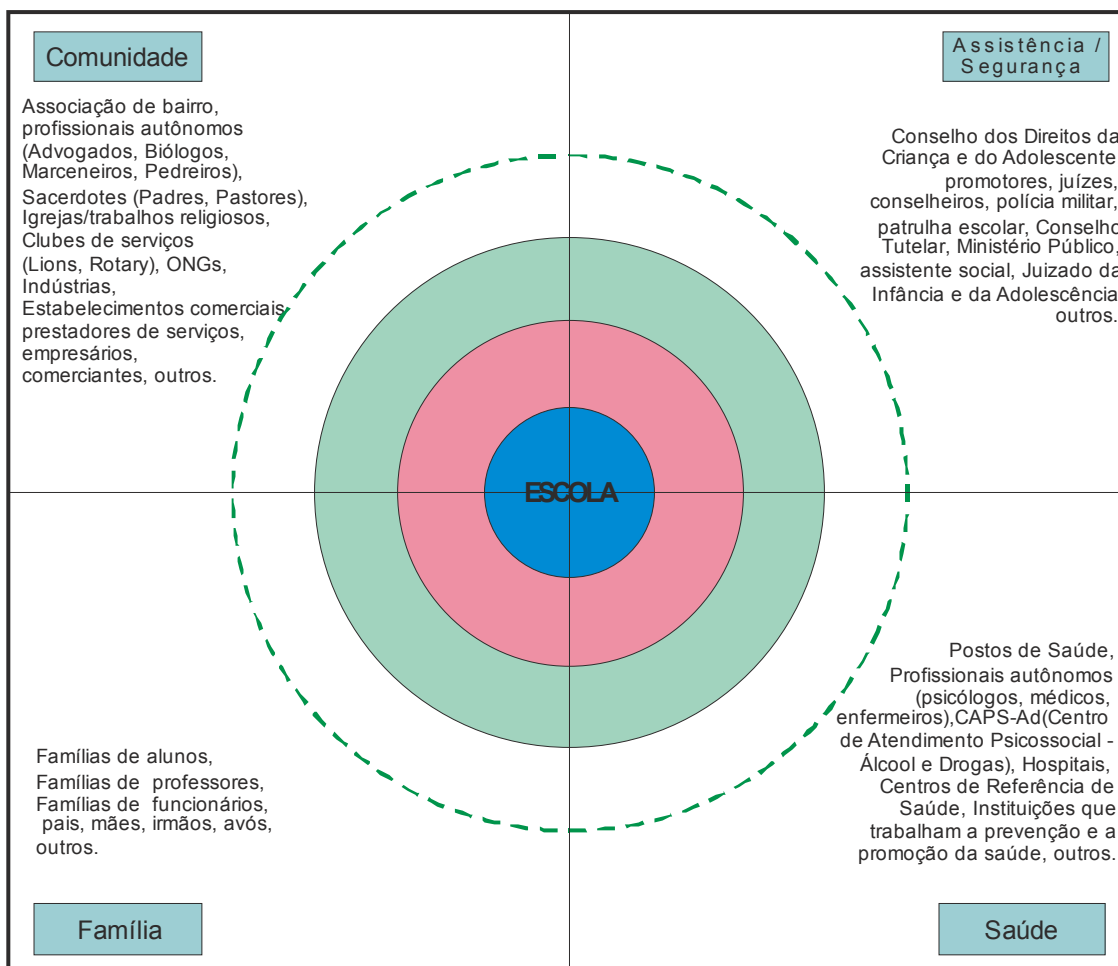
Universidade de Brasília - UNB

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica

Programa de Pós-Graduação

Programa de Atenção às Dependências Químicas - PRODEQUI

MAPA DA REDE SOCIAL DA ESCOLA

Agora você vai preencher o mapa.

Parte I - Mapeando a rede social da nossa escola

Vamos começar preenchendo um "Mapa da rede social da escola" segundo a sua ótica. Neste mapa, cada pessoa será representada da seguinte forma: por um círculo se for do sexo feminino, por um quadrado se for do sexo masculino e por um asterisco se quiser representar a família. As instituições indicadas deverão ser representadas por um triângulo. Para colocar as pessoas/instituições no mapa, existem algumas regras que você deve seguir:

1. A escola está localizada no centro do mapa.
2. No círculo mais interno (azul) represente as pessoas/instituições mais próximas da escola, com quem a unidade escolar pode contar.
3. No círculo do meio (rosa) represente as pessoas/instituições que são importantes para a escola, mas com menor grau de compromisso e que não estão tão próximas.
4. No círculo externo (verde) represente as pessoas/instituições que você considera fazem parte das relações da escola, mas que estão distantes da vida da escola, constituindo um conjunto de relações ocasionais esporádicas.
5. No círculo pontilhado represente as pessoas/instituições que você considera excluídas das relações da escola.
6. Observe que os círculos são divididos em quatro quadrantes. Cada um corresponde a uma área da vida da escola: a família, a comunidade, a assistência/segurança e a saúde.

Agora você irá responder alguns dados sobre você e a algumas questões sobre nossa escola que nos ajudarão a uma melhor compreensão do mapa da rede social da escola, possibilitando que novas intervenções e estratégias sejam realizadas beneficiando a toda a comunidade escolar.

Leia atentamente as questões abaixo, avaliando de que forma elas estão presentes na vida da escola. Se na maior parte do tempo ou das situações a afirmativa for verdade, marque um X em () **Sim** e se na maior parte do tempo ou das situações a resposta não for verdade, marque um X em () **Não**. Caso não saiba a resposta, marque um X em () **Não sei**. Procure ser sincero(a) nas respostas e lembre-se de que não há resposta certa ou errada.

| | | | |
|---|-----------|-----------|---------------|
| Exemplo: A escola conta com o apoio de empresários locais? | () Sim | () Não | () Não sei |
| Se esta situação ocorre na escola marque com um X em " Sim " | (X) Sim | () Não | () Não sei |
| Se esta situação não ocorre na escola marque com um X em " Não " | () Sim | (X) Não | () Não sei |
| Se você nada sabe a respeito desta situação marque com um X em " Não Sei " | () Sim | () Não | (X) Não sei |

Questionário para avaliação das redes sociais da escola

| Mapeando as redes sociais de minha escola: | | | | |
|---|---|---------|-------------|--|
| Dados do participante da pesquisa | | | | |
| 1. Sexo | () Masculino () Feminino | | | |
| 2. Religião | () Católico () Evangélico () Espírita () Judia () Muçulmana () Outra () Sem religião | | | |
| 3. Condição na escola | () Diretor () Coordenador () Funcionário () Professor () Pai/ mãe/ família de aluno () Aluno () Membro da comunidade | | | |
| 4. Escolaridade | () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-graduação | | | |
| 5. Na sua opinião, o preenchimento deste mapa é importante? | () Sim | () Não | () Não sei | Por quê? |
| 6. A escola recebe apoio das pessoas/instituições que estão no mapa? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais as pessoas/instituições ,e qual o tipo de apoio? |
| 7. Na sua opinião algumas dessas pessoas/instituições do mapa deveriam ocupar outra posição em relação a escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Qual? Mais longe ou mais perto? O que precisaria ser feito para essa mudança? Quem deveria fazer algo, as pessoas e/ou instituições da rede ou a própria escola? |
| 8. Você percebe pontos positivos na relação família-escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 9. Você percebe pontos negativos na relação família-escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 10. Quanto ao número de pessoas/instituições que você colocou no mapa, sempre foi assim? Vem ocorrendo mudanças significativas quanto ao número de pessoas? | () Sim | () Não | () Não sei | Se você respondeu Sim Aumentou () ou Diminuiu () |

| | | | | |
|--|---------|---------|-------------|--|
| 11. As pessoas/instituições que você colocou como parte da rede se conhecem? | () Sim | () Não | () Não sei | Qual o tipo de relacionamento? |
| 12. As pessoas/instituições que você colocou no mapa moram/estão localizadas próximas à escola? | () Sim | () Não | () Não sei | |
| 13. A escola costuma acioná-las? | () Sim | () Não | () Não sei | Em que situações? |
| 14. As pessoas/instituições indicadas no mapa costumam procurar a escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Em que situações? |
| 15. Há semelhanças entre as diversas instituições citadas no mapa e a escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais as semelhanças? |
| 16. Na sua opinião a escola precisa de algumas pessoas ou serviços com frequência? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 17. A escola tem um representante junto à comunidade externa? | () Sim | () Não | () Não sei | Como é a atuação deste representante? |
| 18. Você considera que as pessoas/instituições indicadas no mapa reconhecem a importância do trabalho da escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 19. A escola tem interlocutor que a apóie para suas dificuldades? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| Sobre a interação entre a escola e as famílias | | | | |
| 20. A escola se relaciona bem com as famílias de seus alunos? | () Sim | () Não | () Não sei | Como é esta relação? Quais os pontos fortes e os pontos fracos? |
| 21. Para você as famílias se sentem próximas à escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Dê exemplos. |
| 22. Na sua opinião, as famílias podem contar com a escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Em que situações |
| 23. Para você a escola necessita mudar a relação que mantém com as famílias? | () Sim | () Não | () Não sei | Em que sentido? |
| 24. Você acredita que os pais dos alunos da escola são participativos no conselho escolar? | () Sim | () Não | () Não sei | |
| 25. Quando há questões sobre drogas, famílias e escolas estão juntas? | () Sim | () Não | () Não sei | Como a escola aborda as famílias nestas situações? |
| Sobre a interação entre a escola e as instituições de Assistência/segurança | | | | |
| 26. Para você a escola conta com o apoio de órgãos/instituições que lhe prestam assistência? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 27. Na sua opinião as necessidades da escola são atendidas com prontidão pelos pólos da assistência? | () Sim | () Não | () Não sei | Se sim, de que forma? |
| 28. Para você os adolescentes usuários de drogas são prontamente atendidos por instituições de assistência aliadas à rede da escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Como a escola promove esta parceria? Quem são os principais colaboradores? |
| 29. A escola conta com o apoio de órgãos/instituições que lhe promovem a segurança da escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |

| | | | | |
|---|---------|---------|-------------|--|
| 30. A escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com as instituições de assistência? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais mudanças? |
| 31. A escola mantém parceria com o conselho tutelar da região? | () Sim | () Não | () Não sei | Como se dá esta parceria no caso do uso de drogas pelos alunos? E no caso de situações de violência? |
| Sobre a interação entre a escola e a saúde | | | | |
| 32. As instituições de saúde têm programas em comum com a escola? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais programas ou ações aproximam escola e saúde? |
| 33. As unidades de saúde são acionadas pela escola quanto aos problemas relacionados ao uso de drogas? | () Sim | () Não | () Não sei | Quem é o profissional mais próximo e disponível na escola e na saúde? |
| 34. A escola mantém parceria com algum Caps-AD? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais parcerias ? |
| 35. A escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com as instituições de saúde? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais mudanças? |
| Sobre a interação entre a escola e a comunidade | | | | |
| 36. A Escola participa de programas comunitários? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 37. A escola mantém alguma parceria com alguma igreja? | () Sim | () Não | () Não sei | Qual? |
| 38. A escola mantém alguma parceria com outra organização de ensino/ cultura/ esportiva? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais? |
| 39. Na sua opinião a comunidade costuma buscar a escola para compartilhar problemas ou sugerir programas educativos? | () Sim | () Não | () Não sei | Como se dão estes contatos? |
| 40. A escola conta com o apoio de empresários locais? | () Sim | () Não | () Não sei | Como contribuem? |
| 41. A escola mantém alguma parceria com algum estabelecimento comercial/industrial da iniciativa privada ? | () Sim | () Não | () Não sei | Qual? Há quanto tempo? |
| 42. Na sua opinião a parceria com estabelecimento comercial/ industrial/ da iniciativa privada contribui para o desenvolvimento de projetos relacionados à promoção da educação e da saúde dos integrantes da comunidade escolar? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais são as contribuições? Quem assume as iniciativas desta parceria na escola? |
| 43. A escola necessita ou gostaria de mudar alguma coisa na relação que mantém com a comunidade? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais mudanças? |
| Sobre drogas e a rede da escola | | | | |
| 44. A escola recebe apoio para as atividades voltadas para a prevenção do uso de drogas? | () Sim | () Não | () Não sei | Qual? Como? Há quanto tempo? |
| 45. A escola conhece e compartilha a forma de abordagem dos outros componentes da sua rede sobre o uso de drogas? | () Sim | () Não | () Não sei | Quais você conhece? Encontra dificuldades neste compartilhar? Quais? |
| Sobre o preenchimento do questionário | | | | |
| 46. Você acha que todos os relacionamentos com os diversos segmentos sociais (pessoas/ instituições) estão representadas neste mapa? | () Sim | () Não | () Não sei | |
| 47. Você entendeu o questionário? | () Sim | () Não | () Não sei | |